



**Emigração - a questão da identidade cultural numa sociedade global
Emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015**

Armando Alberto Correia

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social*

Orientada por:

Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus

Bragança

2016



Emigração - a questão da identidade cultural numa sociedade global
Emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015

Armando Alberto Correia

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social*

Orientada por:

Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus

Bragança

2016

Dedicatória

Às minhas filhas, Tatiana, Ana e Beatriz inspiradoras deste trabalho, que em Inglaterra, Luxemburgo e Suíça procuram o que o país onde nasceram lhes negou, como a tantos outros filhos(as) desta Pátria, o direito ao trabalho.

Com gratidão e muito amor vos dirijo esta dedicatória.

Agradecimentos

Manifesto a minha nobre e sublime gratidão a todas as pessoas que me apoiaram nesta caminhada que culminou no trabalho agora apresentado.

Expresso os meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus, docente da Escola Superior de Educação-Instituto Politécnico de Bragança, que ao logo deste trabalho sempre manifestou total e incondicional disponibilidade para me apoiar, orientar e aconselhar. Não poderia deixar de referir o empenhamento que demonstrou para que este projeto de investigação atingisse os objetivos traçados. Enalteço a pessoa humana, a força motivadora, a mentora que nos momentos de incerteza sempre esteve presente. Por fim, o meu reconhecimento ao seu vasto conhecimento científico e às qualidades peculiares evidenciadas na orientação de diversas dissertações em que está empenhada. Foi uma experiência enriquecedora a parceria que agora chegou ao fim.

À Escola Superior de Educação, o meu reconhecimento como instituição de ensino de qualidade, manifesto o meu agradecimento pela oportunidade que me proporcionou para concluir esta formação académica.

Aos docentes envolvidos no mestrado de Educação Social enalteço, de igual modo, o conhecimento científico, pedagógico e as qualidades humanas perceptíveis em contexto de aula e relação entre alunos e professores.

Aos colegas que comigo partilharam estas vivências académicas, a todos, desejo um frutuoso percurso académico e profissional.

Às pessoas que me apoiaram e colaboram nesta investigação, não só em Portugal, mas também em Londres, o meu total agradecimento, porque este trabalho sem a vossa colaboração não seria possível.

À minha família, mulher e filhas, o meu muito obrigado pelo vosso permanente e incondicional apoio que, desde o primeiro momento, me incentivastes a prosseguir este projeto. Na verdade, em muitos momentos não estive na forma física nem mentalmente presente convosco, mas tudo foi compreendido e aceite por vós, num ambiente de união, amor, afeto, compreensão e partilha. Obrigado!

Resumo

O presente estudo, cujo tema é uma abordagem à *Emigração – uma questão de identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres, entre 2000 e 2015* - tem como propósito analisar as perceções, partindo de um real problema que legitima esta investigação - Poderão as perceções dos emigrantes portugueses em Londres face ao fenómeno da emigração serem uma mais-valia para a preservação da identidade cultural do seu país de origem. Neste sentido foram definidos objetivos que permitirão compreender como os emigrantes percecionam a emigração; interpretar os fatores que contribuem para o emigrante português em Londres; preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento, discutir a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de destino permitem uma integração socioprofissional e analisar o significado da forma como o emigrante português em Londres perspetiva o futuro. A investigação apoia-se numa pesquisa bibliográfica sobre o tema em discussão e recorreremos à aplicação de uma metodologia qualitativa, sustentada numa entrevista semiestruturada, como instrumento de recolha de dados, sendo feita uma análise de conteúdo. A seleção dos participantes foi previa e criteriosamente definida, valorizando o perfil e as características que mais se ajustavam aos objetivos definidos, tendo a escolha recaído sobre três elementos do sexo feminino e três do sexo masculino, todos de maior idade, residentes em Londres há mais de um ano e exercendo profissões distintas. No contexto ético foram escrupulosamente respeitados todos os procedimentos que uma investigação desta natureza, que envolve pessoas, impõe.

Os resultados obtidos através dos testemunhos do grupo de participantes deste estudo permitem-nos concluir que os emigrantes portugueses em Londres estão socialmente integrados na comunidade de acolhimento. A convivência entre portugueses e ingleses advém das boas relações que se estabelecem em contexto laboral, que se transpõem para eventos sociais. Estão confiantes e acreditam que a comunidade emigrante neste país de acolhimento tem futuro. Sentem-se realizados, reconhecidos e justamente remunerados nas profissões que exercem. Contudo, quanto ao futuro, há na comunidade emigrante quem esteja apreensivo, desde os resultados do referendo que ditou a saída deste país da União Europeia. Por outro lado, é importante referir que os portugueses emigrantes mantêm fidelização à sua identidade cultural, preservando usos e costumes do país de origem, nomeadamente a língua, e revelam interesse pelo que se passa no seu país, mantendo-se informados através dos órgãos de comunicação social de língua portuguesa. No entanto, o

estudo demonstrou a existência de carências no apoio à emigração, principalmente esclarecimento insuficiente no país de origem e apoio à integração no local de destino. Verificamos ainda que as relações sociais entre os emigrantes portugueses que se encontram há vários anos a residir em Londres e os que chegaram nos últimos anos, não são frequentes. Uma parte não pensa regressar ao país de onde partiu e é perceptível um manifesto desinteresse do emigrante, pelas associações e outras coletividades portuguesas, existentes em Londres.

Palavras - chave: emigrante, multiculturalismo, identidade cultural, aculturação, inserção profissional.

Abstract

This study, which theme is based on the perspective of Emigration - *a matter of cultural identity in a global society: Portuguese emigrants in London between 2000 and 2015* - aims to analyze the perceptions, from a real problem which legitimizes this research, of Portuguese emigrants in London in light of the emigration phenomenon as an asset for the preservation of cultural identity of their country of origin. Objectives have been defined to allow better understand on how emigrants perceive emigration phenomenon; interpret the factors that contribute to the Portuguese emigration in London; preserve their cultural identity when in contact with the host country's culture; to discuss how the professional and social dissimilarities between the country of origin and the host country, allow for social and professional integration; analyze how the Portuguese emigrants in London perspective their future. The research is based on a literature review of the subject under discussion and applies a qualitative methodology, supported by a semi-structured interview as a data collection instrument and content analysis. The selection of participants was carefully defined, prioritizing the profile and the characteristics that best align with the defined objectives. We selected three female and three male adult individuals, who live in London for more than one year and work in different professional roles.

Ethical procedures were scrupulously applied, as required by a research of this nature that involves people.

The obtained results, through the testimonies gathered from this participants group, allowed us to conclude that the Portuguese emigrants in London are socially integrated into the host community. The coexistence between the portuguese and the British results from the good relationships established in a professional context. These then translate into social events. They are confident and believe in the future of the emigrant community in the host country. They feel accomplished, recognized and fairly compensated in their professional jobs. However, some are apprehensive about the future of the portuguese community in England, after the referendum, which dictated the exit of United Kingdom from European Union. On the other hand, it is important to note that Portuguese emigrants are loyal to their cultural identity and preserve Portuguese traditions and practices, such as the language. They have interest in what is happening in Portugal and they keep updated through portuguese media outlets. However, the study demonstrated the need for emigration support, mainly in accessing information in the country of origin and integration support at the host country. Yet we found that the social relationships among

the Portuguese emigrants, who live for several years living in London, and those who have arrived in recent years, are not frequent. Some do not think to return to the country of origin and it is rather noticeable a lack of interest to join associations and other Portuguese communities in London.

Keywords: emigrant, multiculturalism, cultural identity, acculturation, professional integration

Índice geral

	Página
Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	v
Índice geral	vii
Índice de Tabelas	ix
Siglas	ix
Introdução	1
Capítulo I	3
Enquadramento teórico	3
1. Conceitos gerais sobre mobilidade das populações	3
2. As migrações numa sociedade global	6
3. Multiculturalismo	8
4. Identidade cultural, cultura e aculturação	9
5. A emigração portuguesa entre 2000 e 2015 e as motivações para emigrar	15
6. Inserção dos emigrantes nas comunidades de acolhimento	28
7. Instituições sociais de apoio aos emigrantes no Reino Unido	30
Capítulo II	33
O problema, os objetivos e o grupo de participantes	33
1. Formulação do problema e dos objetivos	33
2. Caracterização do grupo de participantes	33
Capítulo III	38
Metodologia	38
1. Natureza da investigação	38
2. Instrumento de recolha de dados – inquérito por entrevista	39
3. Questões éticas de recolha de dados	41
4. Tratamento da informação – análise de conteúdo	41
Capítulo IV	44
Apresentação e análise dos resultados	44
1. Categoria A - Perceções sobre ser emigrante	44
1.1. Subcategoria A1 - Razões de emigração e fator(es) de atração de Inglaterra	44

1.2.Subcategoria A2 - Integração socioprofissional	47
1.3. Subcategoria A3 - Situação socioprofissional	52
1.4. Subcategoria A4 - Dificuldades e apoios sociais para a inserção no país de acolhimento	54
2. Categoria B - Identidade cultural	56
2.1. Subcategoria B1 – Língua	56
2.2. Subcategoria B2 - Convívio social	57
2.3. Subcategoria B3 - Ligações ao país de origem	58
2.4. Subcategoria B4 - Hábitos e costumes tradicionais	59
3. Categoria C - Perspetivas futuras	63
3.1. Subcategoria C1 - Aspirações e desejos	63
4. Discussão dos resultados	65
5. Considerações finais	72
Referência Bibliográficas	77
Anexos	80
Anexo I - Guião de entrevista	81
Anexo II – Temo de Consentimento	87
Anexo III - Análise de conteúdo	88

Índice de Tabelas

	Página
Tabela 1 - Portugueses entrados no Reino Unido entre 2000 e 201	20
Tabela 2 - População portuguesa residente no Reino Unido entre 2000 e 2014	21
Tabela 3 - Naturalização de portugueses residentes no Reino Unido entre 2000 e 2015	22
Tabela 4 - Portugueses emigrados, segundo o género, no Reino Unido entre 2010 e 2014	23
Tabela 5.-Portugueses emigrados para diferentes países, por grupos etários	23
Tabela 6 -.Portugueses emigrados segundo a qualificação escolar por principais países de residência em 2001	25
Tabela 7.-.Caracterização sociodemográfica do grupo de participantes	35

Siglas

	Página
INE - Instituto Nacional de Estatística	5
EUA - Estados Unidos da América	18
OECD - Organization for Economic Cooperation and Development	18
APS - Annual Population Survey	21
LFS - Labour Force Survey	21
UK - United Kingdom	22
DIOC - Database on Immigrants organization Country	25
DR - Diário da República	28
PARSUK - Portuguese Association of Reserarchers and Student in the UK	31
BREXIT - Britain Exit	64

Introdução

O presente trabalho resulta da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social, cujo tema é - *Emigração - a questão da identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015*.

O tema das migrações é, atualmente, um problema humanitário de âmbito internacional pela forma e dimensão conhecida, sendo um assunto que está na discussão pública na sociedade civil, na agenda prioritária das instituições governamentais e não-governamentais com especificidades próprias nesta área.

Neste âmbito, esta investigação pretende ir ao encontro de uma realidade que é vivida na diáspora portuguesa, ou seja, a cultura de origem em confronto com uma outra cultura, fator de inclusão ou exclusão, neste caso, em Londres.

Assim do ponto de vista estrutural, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos.

No capítulo I é apresentada uma abordagem geral e objetiva dos conceitos gerais sobre mobilidade das populações, as migrações numa sociedade global, o multiculturalismo, a identidade cultural, cultura e aculturação, a emigração portuguesa entre 2000 e 2015 e as motivações para emigrar, a inserção dos emigrantes nas comunidades de acolhimento e por fim, instituições sociais de apoio aos emigrantes em Londres.

No capítulo II, é formulado o problema da investigação - Poderão as perceções dos emigrantes portugueses face ao fenómeno da emigração serem uma mais-valia para a preservação da identidade cultural do seu país de origem? – e defenimos os objetivos do estudo que nos propusemos investigar - Compreender como os emigrantes percecionam a emigração - Interpretar os fatores que contribuem para o emigrante preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento - Discutir a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de destino permitem uma integração socioprofissional - Analisar o significado da forma como os emigrantes perspetivam o futuro. Por fim, é apresentada a caracterização do grupo de participantes selecionados para o estudo, constituído por seis elementos, residentes em Londres.

No capítulo III será apresenta-se a metodologia utilizada, de natureza qualitativa e uma análise de conteúdo permitirá obter as respostas ao problema e aos objetivos definidos. A técnica de recolha de dados foi a entrevista individual e semiestruturada, elaborada e aplicada pelo autor do estudo a três participantes do sexo feminino e três do sexo masculino,

escolhidos por conveniência e que constituíram o grupo de participantes residentes em Londres.

No capítulo IV é feita a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos pelos dados recolhidos no terreno e com o apoio do enquadramento teórico que sustenta este estudo.

Por último, é apresentada as considerações finais do estudo, onde será focado, de forma crítica, em que medida o problema e os objetivos definidos foram atingidos, quais as limitações sentidas ao longo do estudo, os aspetos que o autor considera mais ou menos positivos, apresentando o seu ponto de vista sobre a forma de alguns deles serem superados, apoiado na demonstração dos resultados referentes às perceções verificadas na informação transmitida pelos (as) entrevistados (as).

Os resultados permitem-nos concluir que os emigrantes portugueses em Londres estão socialmente integrados na comunidade de acolhimento, confiantes no futuro, realizados, reconhecidos e justamente remunerados nas profissões que exercem, preservam a sua identidade cultural. Por outro lado, revelam preocupação pela saída deste país da União Europeia, são perceptíveis carências no apoio à emigração no país de origem e à integração no local de destino, o convívio social entre os emigrantes da primeira e segunda vaga é inexistente e que uma parte dos emigrantes não pensa regressar ao país de onde partiram.

Os anexos, como informação complementar, servirão para clarificar o exposto no texto construído para sustentar esta investigação.

Capítulo I

Enquadramento teórico

No presente capítulo, a fim de podermos tratar o tema *Emigração - a questão da identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres, entre 2000 e 2015*, - será apresentada uma abordagem teórica que irá sustentar o estudo em causa.

Após a abordagem de alguns conceitos sobre mobilidade das populações, procuraremos referenciar as motivações que levam os povos a emigrar e como se processa essa mobilidade numa sociedade globalizada, em que o multiculturalismo é um fenómeno transversal a todas as sociedades e estados e cria uma dinâmica de pessoas que se movimentam de um espaço para o outro.

Faremos uma breve fundamentação teórica sobre a emigração portuguesa contemporânea, no geral, e em particular a emigração para Inglaterra, nomeadamente Londres, foco central do nosso estudo. Dado pretendermos conhecer como é que estas dinâmicas migratórias interatuam com a identidade cultural de uma comunidade emigrante e como é recebida na comunidade de acolhimento, procuramos também fundamentação teórica que nos permita clarificar esses pontos. Finalmente, apresentaremos algumas instituições sociais cuja missão visa apoiar a comunidade emigrante combatendo o isolamento e tornando mais fácil a adaptação a uma nova cultura.

1. Conceitos gerais sobre mobilidade das populações

Para uma melhor contextualização da temática em estudo, consideramos pertinente apresentar os conceitos de emigração, imigração e de migração.

Por conseguinte, emigração pode ser definida como a saída de indivíduos de um país com o objetivo de fixação temporária ou definitiva, em um outro país. Já a imigração pode ser entendida como a entrada de pessoas num país, com o objetivo de fixação temporária ou definitiva nesse mesmo país.

Por migração compreende-se a deslocação de indivíduos de uma determinada região ou país para outra(o), cuja intenção é mudar de domicílio de forma provisória ou permanente. Estes movimentos migratórios podem ser realizados de forma temporária ou de forma permanente. Por migração temporária entende-se a deslocação de pessoas para um determinado país ou região, com a finalidade de fixar aí residência, pelo período inferior a um ano. A migração permanente é a deslocação de pessoas para um determinado país ou região, tendo como objetivo fixar aí residência, pelo período igual ou superior a um ano. Convém

salientar que a emigração e a imigração são migrações, isto é, ambas são deslocações definitivas ou temporárias.

As migrações, segundo Ferreira, Rodrigues, Amorim & Braga (2012) “são movimentos de grupos ou pessoas, vindos de outras zonas que cruzam as fronteiras de determinado país com o objetivo de se fixar definitivamente ou temporariamente nesse país” (p. 32), Quando falamos de emigração, imigração ou migração, há um ator comum às três definições, o indivíduo, o emigrante ou o imigrante, pois sem este, não poderíamos discutir e opinar sobre esta temática que tanta atenção nos merece.

Neste âmbito,

(...) o emigrante é aquele que deixa o seu país de origem e vai viver noutro país onde se torna imigrante. Estabelece residência e exerce uma atividade profissional definitivamente ou por um longo período de tempo. A emigração define assim dois universos distintos: o de origem e o de destino, provocando, nalguns casos, o abandono definitivo do país de origem, noutros, um tempo determinado para regressar às origens (Ferreira et al, 2012, p. 32).

Ainda na mesma linha de pensamento,

esta mobilidade de pessoas pode também ocorrer dentro do território nacional, geralmente de zonas mais carenciadas para grandes zonas urbanas. Estas são usualmente designadas por migrações internas. Por outro lado, a transposição de fronteiras e mudança de país, é designada de migração internacional (Trindade, 1995, p. 31).

O movimento migratório é uma realidade humana que sempre esteve presente nas populações, faz parte da história dos povos e tem as mais diversas origens, de salientar tais evidências

constituem um fenómeno intemporal, com origens antigas que acompanham a metamorfose histórica da humanidade, com alterações constantes ao longo dos tempos. Na origem deste movimento migratório estão as invasões, as conquistas, os êxodos e as mudanças sazonais (Sousa, Ismênia & Conceição, 2007, p. 18).

Deste modo, muitos outros fatores poderão ainda contribuir para esta mobilidade temporal e espacial de pessoas.

Por sua vez,

são diversas causas e motivações que estão associadas à emigração, podendo estas estar relacionadas com motivos políticos, económicos, profissionais, sociais e culturais. Contudo, a decisão de partir tem consequências emocionais nos que partem, porém, não é menos sentida na família alargada, cônjuges e descendentes que ficam (Trindade, 1995, pp. 41-42).

A tomada de decisão para emigrar não só leva a uma profunda reflexão do emigrante, mas também envolve os familiares e amigos. Deixar o país de origem, durante um longo período de tempo, pressupõe profundas alterações na vida do indivíduo que quer emigrar e da própria família e de acordo com Trindade (1995) “é uma experiência radical, mas também uma decisão ponderada. Envolve mudança geográfica, ambiente desconhecido, rotinas alteradas, vida social e culturas diferentes” (pp. 40-41).

Segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2014) saíram de Portugal em 2012, 121.000 portugueses, 52,000 têm residência permanente no país de acolhimento e 69,000 são residentes temporários. Os homens saem mais que as mulheres e o destino preferencial são os países da União Europeia. Muitos levam a família, as poupanças e a esperança de uma vida melhor. Procuram informação sobre estes destinos na internet ou nos amigos que já partiram há algum tempo, porque não viram outra oportunidade de emprego no seu país. Porém, muitos destes emigrantes não estão a emigrar pela primeira vez, por isso, esta tomada de decisão não é nova, são ex-emigrantes em que a única solução é partir de novo para os países onde já estiveram imigrados.

Assim,

emigrar pode ter carácter voluntário ou forçado, dependendo de fatores de acontecimento temporais, este movimento de pessoas tem, quase sempre, motivos económicos. Mas, não podemos deixar de referir outras influências para emigrar como a globalização, a facilidade de transportes, a era tecnológica, desemprego, demografia e as crises cíclicas (Rocha 2001, pp. 41-42).

Seguidamente, expomos o conceito de globalização para uma melhor compreensão do fenómeno.

2. As migrações numa sociedade global

A emigração faz parte da história e desenvolvimento do ser humano, e em particular dos portugueses. É um processo que está associado à evolução dos povos que marcou no passado, como no presente, a história mundial.

Porém, a circulação de pessoas entre os vários continentes é um fenómeno humano transcendente, espacial e temporal que aproximou no passado e aproxima no presente a diversidade de modelos de desenvolvimento económico, social, cultural e profissional e tem tido um papel ativo na globalização da cultura e do comércio entre os diferentes estados.

Concordamos com Bougnoux (1999) quando refere que a globalização “é a palavra atual usada para definir todas as coisas que estão acontecer em todo mundo, a globalização que aqui queremos tratar tem como exemplo, economia, ideologia e cultura que ameaça em parte o património cultural e social” (p. 189).

A globalização é um tema que tem merecido muita reflexão e discussão nos meios de comunicação, políticos e sociais. Segundo Hall (1999) “este processo reveste-se de uma imposição impessoal e é abrangente a toda a sociedade contemporânea, atravessa fronteiras aproximando comunidades e transformando o mundo numa aldeia global, ou seja, todos iguais” (p.74).

Nesta linha de pensamento, Santos (2001) refere que um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas, designa-se de globalização.

Atualmente, o papel sistémico que as migrações exercem na sociedade pode ser visto e observado por uma constante dinâmica.

No entanto,

as suas características podem variar em função de algumas dimensões de mutações económicas, tecnológicas, sociais e culturais. O processo de globalização sob a forma de fluxos de capitais, bens e serviços, não pode ocorrer sem que paralelamente existam, também fluxos de ideias, produtos culturais e pessoas (Castles, 2005, p. 49).

Este movimento migratório destrói muitas características centrais do estado-nação pelo que

leva a uma alteração na organização espacial do mundo, ou seja, de um espaço de locais para espaços de fluxos de oportunidades. As fronteiras de um país para o outro por diferentes motivos, sempre se cruzaram ao longo dos tempos.

Todavia, esta movimentação migratória era percebida em duas vertentes, os que optavam definitivamente por se fixarem no país de acolhimento, e os que, depois de um período permanente de tempo regressariam, com as suas famílias, ao país de origem. Neste âmbito, não era questionada a soberania. Mas, no actual contexto de globalização esta perspectiva não é válida, para os actuais cursos migratórios, porque têm diferentes expectativas em relação aos fluxos migratórios do passado (Castles, 2005, p. 49).

As principais características de um estado moderno são:

Soberania sobre um território específico. Autonomia do controle económico, da cultura, ambiente e da sua população, dentro das suas próprias fronteiras geográficas. Controle estatal das suas fronteiras, controlar os fluxos, materiais e humanos que atravessam as fronteiras (Habermas, 1998, citado por Castles, 2005, p. 49).

Ainda segundo Castles (2005) “as leis, a democracia e a cidadania são os supremos indicadores de legitimidade política” (p. 100).

Neste âmbito, salienta-se, que Estado providência tem a ver com

as lutas empreendidas pelos movimentos operários e sociais, levaram a estabelecer o princípio de uma participação integral nas políticas do estado e garantir padrões de satisfação económicos, sociais e educativos e assegurar a lealdade e responsabilidade durante as guerras mundiais e guerra fria (Castles, 2005, p. 102).

Segundo o autor, supracitado, “estas características podem ser vistas, no seu conjunto, como as principais dimensões de um estado” (p. 102). Ainda nesta linha de pensamento,

as comunidades étnicas: conservam a sua língua e cultura até à terceira geração, para preservar este legado, criam associações culturais, lugares de culto, espaços de comércio étnico que fortalece ainda mais a ligação das comunidades imigrantes à sua cultura de origem (Castles, 2005, p. 109).

A existência destas comunidades no país de acolhimento não só tem um papel preponderante na divulgação da língua materna como também na preservação de usos e costumes e da cultura dos povos a elas associadas.

A coexistência de várias culturas e etnias, no mesmo país, ou região, dá origem ao multiculturalismo, sobre o qual nos iremos debruçar em seguida.

3. Multiculturalismo

Hoje vivemos num mundo em permanente mobilidade e

o multiculturalismo pode significar o afastamento do mito, estados-nação homogêneos e monoculturas, pode ser uma forma inteligente de controlar as diferenças étnicas, não pondo em causa o princípio territorial e contribuir para a fixação de imigrantes e proporcionar que as gerações futuras se fixem também necessidades de convívio e de manter relações sociais com pessoas que se identifiquem entre si (Castles & Miller, 1998, citados por Castles, 2005, p. 109).

Esta dinâmica de pessoas que se movimentam de um espaço para o outro,

cria situações onde os imigrantes não conseguem, por diferentes motivos, alcançar a igualdade e o reconhecimento no seio da comunidade de acolhimento, encontram a sua identidade com pessoas da mesma origem onde quer que elas vivam, como até há bem pouco tempo os judeus, e actualmente os curdos (Schiller, 1999, citado por Castles, 2005, p. 120).

A criação de grupos étnicos por identificação cultural ou interesses comuns são formas de suprimir a ausência longa do país de origem e manter tradições. Schiller (1999) citado por Castles (2005) afirma que “a não existência física de espaço territorial, significa, desta forma, fundar a identidade baseada na etnicidade” (p. 120), metade dos países em todo o mundo, de acordo com Vertovec (1999, citado por Castles (2005) “reconhece a dupla nacionalidade ou a dupla cidadania” (p.123). Logo, para Portas (1999, citado por Castles (2005) “trata-se de uma mudança notável em relação aos períodos históricos anteriores, quando os emigrantes eram vistos como desertores e o processo de naturalização implicava a perda de nacionalidade do país de origem” (p. 123).

O fenómeno multicultural é transversal a todas as sociedades e estados. É um movimento que se tem incrementado nas últimas décadas. A mobilidade de pessoas e a oferta de bens e serviços são os fatores responsáveis por esta realidade tão contemporânea.

Assim, o multiculturalismo

é um modelo conceptual com princípios orientadores políticos e da identidade nacional em países onde se verifica imigração com uma diversidade étnica-cultural. Significa aceitação pública de grupos imigrantes minoritários enquanto comunidades distintas diferenciáveis da maioria da população através da língua, cultura e hábitos sociais. Constitui-se assim, como anti-tese de assimilação, o modelo que dominava para enquadrar o relacionamento com a imigração e as minorias étnicas (Geoffrey, 1984, citado por Castles, 2005, pp. 123-133).

De imediato, apresentaremos os conceitos de identidade cultural, cultura e aculturação, merecendo esta alguma reflexão, na medida que levanta a questão da alienação da cultura de origem e a adoção de uma outra cultura.

4. Identidade cultural, cultura e aculturação

O ambiente onde nascemos e nos desenvolvemos é responsável, em parte, pela construção da identidade comportamental que nos acompanha ao longo da vida.

Neste sentido

o ambiente é determinante na formação da identidade do indivíduo. Há um imaginário presente em nós, que nos é transmitido pela cultura que manifestamente sobressai nos papéis sociais que desempenhamos. Ao defendermos a nossa identidade cultural, estamos a assumir um sentimento de pertença a uma cultura própria de uma determinada região, não é geneticamente herdada, ela é adquirida à nascença e vai-se desenvolvendo de forma assumida e sustentada ao longo da vida (Patriota, 2002, p. 4).

A identidade é algo que nos identifica com a nossa própria personalidade, como únicos que somos e irrepitíveis, que nos faz diferentes de outros indivíduos, tanto nas manifestações racionais como irracionais. Para Hall (1998) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (p. 38). No entanto, para Kant (1968, citado por Taylor, 1994) “a igualdade e dignidade pressupõe que todas as pessoas são dignas de serem respeitadas. São dimensões fundamentais para um indivíduo ter a noção de respeito e dignidade” (p. 61)

Ainda no que concerne à temática em análise,

a palavra dignidade foi influente na evocação deste conceito e que provoca o sentido de respeito e estatuto no ser humano, capacitando-o para a orientação na vida através de princípios. Estes valores potencializadores de tudo quanto se pode entender sobre este assunto, é o garante de cada pessoa merecer respeito (Kant, 1968, citado por Taylor, C., Appiah, A. K., Hanbermas, J., Rochefeller, S. Walzer, M., & Wolf 1994, p. 61).

A dignidade do indivíduo pressupõe diversas dimensões inalienáveis, que influenciam a própria percepção de ver e entender o ambiente no qual estamos inseridos.

Além disso,

listas de direitos poderão ter aplicações diferenciadas, dependendo do contexto cultural, com aplicações e objetivos coletivos diferenciados. Esta perspectiva é vista como inaceitável, porém, temos que questionar se esta visão restringe a equidade de direitos, mas também se é a única interpretação possível, se tem fundamento a homogeneização (Taylor, et al 1994, p. 72).

Nesse sentido, todo o ser humano, dependendo da ideologia ou pensamento discordante, tem o direito a exprimir nas suas ideias. As diferenças de ver e sentir, não pode ser pretexto para exclusão, pelo contrário, deve promover a inclusão. Patriota (2002) “assegura que a identidade cultural determina as nossas ações e o conceito que temos de nós próprios, no entanto, (...), o indivíduo, numa crise de identidade, pode adoptar identidades diferentes em momentos distintos ou simplesmente circunstanciais” (p. 12). O autoconceito é a percepção que temos de nós, o juízo que fazemos para o interior de nós. Porém, este pensamento influencia as nossas ações, pode motivar se for positivo, ou inibir se for negativo.

Para Patriota, (2002) este “processo de mudança está a alterar as estruturas das sociedades, perdendo-se as referências de identidade cultural que fortaleciam e protegiam esse património cultural. A identidade, neste contexto passa a ser uma fantasia, porque ela é unificada e perde a âncora original” (p. 14).

De salientar que

quando a identidade sofre mudanças tem características positivas rompe com as identidades tradicionais do passado e permite que se desenvolvam novas

identidades nos indivíduos. No entanto, estas novas identidades jamais serão fixas e estáveis, mas, sim fragmentadas, abertas, contraditórias, incompletas e sempre em mudança simultânea com a história dos próprios sujeitos (Patriota, 2002, p. 15).

A identidade pode sofrer mutações, mas são sempre instáveis e temporais e nunca definitivas. A relação entre indivíduo e identidade é inseparável, é um compromisso assumido para toda a vida.

Podemos questionar, perante o desafio que nos coloca a mobilidade global, se caminhamos para uma identidade única ou se preservamos a de origem.

Assim,

a identidade é influenciada e construída em relação a algo que é exterior ao indivíduo, se define a diferença entre povos. A sociedade está perante um desafio, uma verdadeira crise de identidade, como podemos defender e preservar a nossa própria identidade rejeitando a unicidade (Patriota, 2002, p. 5).

No entender de Patriota, (2002) “é importante para o desenvolvimento de uma cultura ou de um povo, assumir e manter a sua própria forma de ser. Porém, também, temos que ter em atenção que as próprias culturas nacionais se vão alterando no tempo” (p.16).

O fenómeno da globalização tem alterado os comportamentos dos indivíduos, embora de forma insidiosa em todo o mundo. Hoje assistimos a uma unicidade de usos e costumes globalmente aceites, pelo que

este fenómeno tem sido responsável e impulsionador de mudanças culturais, levando a significativas alterações e homogeneidade cultural. Porém, tanto uma como a outra, provocam o enfraquecimento da cultura original, pela exposição a fatores externos, assim, põe-se um desafio difícil e permanente para preservar uma identidade cultural intacta (Patriota, 2002, p. 16).

As identidades culturais

sofrem permanentemente pressões nesta globalização contemporânea. Porém, de certa forma, adquirem influências marcantes e enriquecimento cultural. Embora percebido este confronto, a globalização cultural é um processo ideológico,

desigual e tem o seu espaço geográfico de poder exercendo um efeito multicultural sobre as identidades, tornando-as menos fixas e mais unificadas num processo contínuo irreversível e um desafio sem fronteiras. Não é fácil abrir mão do nosso legado cultural pela hegemonia de influências entre globalizador e globalizado nesta luta de desigualdades (Patriota, 2002, p. 17).

Identidade cultural de um povo é um conjunto de hábitos usos e costumes, valores patrimoniais, transmitidos de geração em geração e fatores próprios de pertença de uma sociedade. As tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros valores, são conhecimentos fundamentais para a interação e desenvolvimento de uma sociedade. Nesta linha de pensamento, apresentamos alguns conceitos de cultura, na perspectiva de vários autores.

A cultura é uma herança patrimonial de uma sociedade mas, segundo Ulmann (1991, citado por Patriota, 2002), o “homem não é predeterminado pelo instinto, mas vive numa constante vivencial aprendizagem, adoptando comportamentos, atitudes e identidades diferentes, assim, a cultura não é estática, desenvolve-se e não podemos definir início, meio ou fim” (p. 2).

O conceito de cultura é muito abrangente, no entanto, os povos carregam a sua identidade cultural como sendo parte integrante e indissociável. São valores, tradições, usos e costumes, que os distinguem de outras civilizações e que não é alienável, de acordo com Ulmann (1991, citado por Patriota, 2002) “a cultura, identidade e globalização são três temáticas que se interligam, é difícil fazer um abordagem separadamente sem o enfoque nestas três dimensões. A cultura é marcante no comportamento quotidiano social dos indivíduos na sociedade contemporânea” (p. 2).

O conceito de cultura de um povo é todo o legado histórico transmitido e assimilado de geração em geração, constituído de muitos significados que identificam e diferenciam uma comunidade.

No entanto,

a cultura é uma palavra latina e está associada aos trabalhos agrícolas, tem origem no verbo latino “*colere*” que quer dizer cultivar. Ainda segundo esta autora, foram os romanos que alteraram o significado semântico do termo, passando a ser usado como cultura do conhecimento até à actualidade (Patriota, 2002, p. 2).

Numa abordagem geral à cultura nas mais diversas manifestações pode ser resumida

a um conjunto integral de instrumentos e bens de consumo, códigos institucionais, grupos sociais, ideias, artes, crenças e costumes humanos. Tanto numa cultura simples e primitiva como numa cultura complexa e desenvolvida, confrontamos com a componente material e espiritual (Malinowski, 1944, p. 37).

As culturas de um estado, para Hall (1998) tendem a “produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais nos podemos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que ligam o presente com o passado e as imagens que são construídas” (p. 51).

A percepção que temos de cultura é muito abrangente e pode condicionar a nossa interação social. Mesmo no interior do mesmo país ou território há divergências e discrepâncias culturais enraizadas secularmente nos povos.

Estamos de acordo com duas concepções de cultura em que

A primeira focada na realidade dos aspectos básicos da sociedade. Por isso, correspondem a tudo o que caracteriza a existência de um povo, região ou país, são os factores básicos que definem uma cultura, este conceito é adoptado durante o século XIX, concomitantemente ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a sociedade e as características dos indivíduos que nela participam. Na segunda concepção, foca as dimensões das ideias, as crenças enraizadas de um povo e como elas são percebidas na vida social. Desta forma, são as raízes culturais que têm o domínio da nossa vida social (Patriota, 2002, p. 3).

Podemos concluir que a cultura faz parte do nosso ser, é uma identificação que nos diferencia de outros, que preservamos como um legado inalienável, por isso, e segundo a Patriota (2002) “são as concepções de cultura que nos levam a manter a cultura como uma realidade hermeticamente fechada impedindo uma dinâmica cultural com outras culturas” (p.3).

A cultura pode ser entendida em dois sentidos,

numa dimensão mais ampla, o *modus vivendi* que os povos foram desenvolvendo em sociedade ao longo dos tempos superando o que foi dado pela natureza, ou seja, o que o homem foi transformando e adaptando. Não é uma sequência das

leis físicas ou biológicas, mas sim, o desenvolvimento da construção histórica e civilizacional de uma vivência colectiva de um povo. Porém, estes valores assumem um papel libertador e transformador, mas também, restringe aceitação de outras culturas (Ulmann, 1991, p. 84).

Neste contexto, a cultura são valores transmitidos de gerações e inalienáveis. São as vivências acumuladas que descrevem a história de um povo. Pode ser entendida como

um espaço para cada raça, uma ligação estabelecida entre estado e comunidade política, cultura e cidadania. Um sentimento de pertença a um país, em que cujos membros se sentem ligados por laços de solidariedade e heranças de valores culturais” (Cohen (1997, citado por Castles, 2005, p. 101).

As sociedades estão a tornar-se multiculturais, a facilidade de mobilidade de pessoas entre estados ou regiões está a transformar e integrar lentamente comunidades culturais que teimam a resistir. Desta forma, Taylor (1994) diz que “uma política de igualdade e respeito pelo outro, afasta o conceito de homogeneização da diferença cultural” (pp. 82-84) e reforça que

o factor de um número considerável de pessoas cidadãs, que procuram outras fronteiras filosóficas, lançarem um desafio que consiste em gerir a marginalização, sem por em causa os valores básicos da comunidade. Assim, esta temática leva-nos ao multiculturalismo, muito questionado na actualidade. A imposição de uma cultura de superioridade sobre outras culturas, é uma herança ocidental dos tempos coloniais (Taylor, 1994, pp. 82-84).

No que concerne à aculturação podemos afirmar que se trata de um processo de adaptação. De acordo com Cupido (2007) “a dinâmica de transformação nos tipos de cultura originais estimulada pelo contacto directo e contínuo ao logo dos tempos entre as diversas culturas, designa-se aculturação” (p. 34). A integração social pressupõe respeitar e aceitar o outro em todas as suas dimensões. Assim, os emigrantes chegados aos países de acolhimento trazem os usos e costumes culturais de origem, mas por sua vez, também são confrontados com hábitos e tradições dessas regiões.

Os grupos sociais deslocados do seu habitat natural, são portadores da sua cultura tradicional, transmitida de gerações em gerações. Esta cultura é a manifestação observável à forma de actuar e pensar dos povos. O imigrante adapta-se a uma área territorial ou fica desajustado, triunfa e subsiste, ou pelo contrário, desanima e regressa ao seu país de origem. Se as diferenças são muitas, tem dificuldade na integração social e cultural. Se as diferenças são menores tem mais facilidade de se ajustar na nova sociedade do país de acolhimento (Cupido, 2007, p. 37).

Convém salientar que os valores culturais são um fator determinante na construção da história dos povos, mas também é verdade que definem as diferenças de ser, pensar e estar, podendo ser fator de atração mas também aversão.

Estando a emigração enraizada na cultura dos portugueses abordaremos, de seguida, a emigração portuguesa e as motivações para emigrar.

5. A emigração portuguesa entre 2000 e 2015 e as motivações para emigrar

Atualmente, diversas motivações podem influenciar a nova vaga de emigração, embora as causas que levaram os emigrantes no passado a deixar o país sejam ainda hoje preponderantes. No entanto, são equacionadas outras perspetivas de vida que não eram prioridades para os antigos emigrantes. Esta mobilidade de pessoas como nos afirmam Ferreira et al (2012) “é motivada por dois tipos de estímulos: factores de atracção em relação à região de destino, percebidas como aliciantes e factores de repulsa relativos à região de origem causadoras da partida” (p. 32).

De salientar que é necessário ter em conta que os países recetores têm regulamentação restrita e específica que é aplicada para controlar a entrada de imigrantes no país, por isso, e segundo Cruz (1968) “para conter a imigração não só a legal mas também as tentativas de imigração clandestina. Em submissão a estas leis, é obrigatório cumprir estas normas para emigrar” (pp. 402-403).

Hoje, tal como ontem, podem ter várias origens, mas a mais ampla e predominante razão para emigrar

prende-se com motivações *económicas* e afecta os países mais pobres e menos desenvolvidos. Escassos recursos da terra, do mar e da indústria, criam incertezas e insegurança no emprego. Falta de perspectiva de bem-estar, para si e os

dependentes, motiva muitos emigrantes à procura de uma vida melhor (Trindade, 1995, pp. 41 - 42).

A emigração para os países mais pobres e menos desenvolvidos, é uma opção para muitos dos cidadãos fugirem à pobreza. Encontram aqui uma alternativa para melhorar as condições económicas da família mais próxima, uma oportunidade que o seu país não lhes pode oferecer.

Mas existem outras razões para que os cidadãos pensem emigrar, nomeadamente razões de ordem política, cultural e religiosa, entre outras, pois

a emigração também é motivada por razões políticas ao regime dominante. Quando os governantes impedem manifestações ideológicas contrárias às instaladas, criam-se movimentos de protesto por uma parte da população. Estes grupos são ostracizados e forçados a deixar a sua Pátria e a procurarem exílio noutra país. Contudo, o conceito de exílio político é muitas vezes usado de forma abusiva, todavia criminosos ou foragidos à justiça do seu país invocam motivações políticas ou perseguições religiosas, para justificar os seus actos e obter o estatuto de asilado político (Trindade, 1995, p. 41 - 42).

A emigração faz parte da história dos portugueses, desde os tempos dos descobrimentos. O crescimento tem sido contínuo e progressivo, embora tenha havido, por motivos circunstanciais, algumas quebras temporais ao longo dos tempos. Porém, foi na década de sessenta que a emigração começou a ter significativa relevância para o país e para os portugueses. Também nesta época, as motivações para partir eram várias, destacando-se a pobreza, o regime político e a guerra colonial.

A substituição de regimes e alteração de ideologia política, para uns são perspectivas positivas, mas para outros apenas uma forte dúvida sobre o futuro. Por isso, esta instabilidade, criada numa parte da população, alimenta incerteza sobre o futuro, reduz expectativas sobre o seu próprio país e veem na emigração o escape para uma vida melhor. Neste pressuposto,

A revolução do 25 de Abril de 1974 trouxe mudanças a todos os níveis. Devido à passagem de um regime ditatorial para um regime democrático houve movimentos migratórios que deixaram de existir e outros que marcaram

profundamente Portugal, nomeadamente, os retornados (Mateus, Fonseca & Pina, 2009, p. 3).

Tal como no passado, hoje os portugueses emigram por razões económicas, nomeadamente pela falta de um emprego que cubra as necessidades das famílias. De acordo com a Caixa Geral de Depósitos (2014), na atualidade, a emigração portuguesa prende-se com dificuldades em encontrar, em Portugal, emprego qualificado e condições de trabalho pouco aliciantes.

Nos últimos anos, temos assistido a um movimento anormal de portugueses a deixar o país. Esta mobilidade poderá ser uma excelente oportunidade, tanto para os países fornecedores de emigração, como para os países de acolhimento, mas também para os próprios emigrantes. Todos podem beneficiar, embora haja interesses antagónicos para cada um dos envolvidos neste processo.

Neste sentido,

A política de imigração deverá ser revista e estruturada com base em dois critérios jurídico-políticos complementares: regulamentar os fluxos migratórios de entrada e saída de cidadãos migrantes e integração dos mesmos, independentemente dos modelos de integração nos países recetores (Feliciano, 2015, p.16).

Por conseguinte, os portugueses quando emigram partem sem qualquer apoio das entidades oficiais, vão entregues à sua sorte, vale a meritória solidariedade que recebem, quando chegam ao destino, das comunidades aí radicadas. Por isso, é urgente um debate sobre o fenómeno da emigração que reconheça este problema social como causa de interesse nacional.

A emigração é uma realidade social que os governos tentam omitir, inclusive aos seus próprios cidadãos.

Os números da emigração mundial não são verdadeiramente conhecidos da população em geral, no entanto, o mesmo autor afirma que

cerca de 3% da população mundial são imigrantes e dois terços dos sete mil milhões de pessoas que habitam o planeta terra, vivem na Ásia. Por isso, deve haver uma abordagem a esta temática, contrariando os “países concha”

hermeticamente fechados sobre si. Para a materialização de uma autêntica política pública de imigração, deveremos ter leis que se assumam como um importante instrumento jurídico dessa política migratória. Ou seja, um ramo da ciência jurídica que se assumam como um sistema de regras legais que discipline todo o universo das matérias adstritas às migrações internacionais (Feliciano, 2015, p. 16).

Fazendo uma análise comparada e tendo em conta os emigrantes portugueses emigrados com 15 e mais anos de idade, em 2001 e

Com base nos censos de cada país de destino, organizado e compilados pela OCDE, podemos ver os países mais procurados pelos portugueses, milhão e meio residiam em 13 países. Um milhão destes emigrantes, ou seja, dois terços, estava concentrado em 3 países: França, Brasil, e EUA. A França é o país com mais emigração portuguesa, meio milhão residia neste país de acolhimento, O Brasil aparece em segundo lugar com trezentos mil emigrantes e EUA em terceiro lugar com duzentos mil. Meio milhão, um terço, estava distribuído pelos outros dez países nos diferentes continentes (Pires, R., Pereira, C., Azevedo, J., & Ribeiro, A. 2014, p. 161).

A história dos portugueses sempre se cruzou com o Reino Unido, pois já no tempo da monarquia se formalizavam alianças, tratados e casamentos reais, entre os dois reinos. No entanto, a permanência de portugueses neste país pode ser enquadrada em três fases temporais distintas:

Período da ditadura ou pré revolução em Portugal, emigrantes ou expatriados que procuravam neste país asilo político ou objetores de consciência em discordância com a guerra colonial.

Na pós revolução de abril 1974 e a adesão à Comunidade Económica Europeia, a emigração teve um significativo aumento, não só em número, mas também nas características e perfil do emigrante e os objetivos.

Com o surgimento da crise económica, global, no final da década de 2000, surgiu um novo paradigma de emigração. A falta de oportunidades no país levou muitos jovens portugueses, com formação superior, a procurar alternativas profissionais e académicas neste país de acolhimento.

O Reino Unido é atualmente o país preferencial dos portugueses como destino para trabalhar.

Assim, a emigração global para o Reino Unido,

teve um aumento significativo ao longo da década de 2.000. Ainda que tivesse decrescido nos anos 2008 e 2009, por consequências da crise económica que atingiu o país. Mas, voltou a ter um incremento nos últimos anos, com exceção de 2012, talvez, pelas restrições impostas à imigração de países fora da EU (Pires et al 2014, p. 144).

Nestes últimos anos, segundo Margato (2015), entraram no Reino Unido mais de 80 portugueses por dia. Os serviços sociais registaram 20,443 portugueses em 2012 e 30,121 em 2013. No entanto, como não é obrigatório este registo, este número poderá ser muito superior. A emigração é cada vez mais flutuante o que dificulta ter um número exato, mas estima-se que residam neste país, aproximadamente, 600,000 portugueses.

A tabela 1, a seguir apresentada, mostra-nos o número de entradas de portugueses a quem foi atribuído um número de registo no National Insurance Recording System (sistema de segurança social), obrigatório para quem pretenda trabalhar, bem como a taxa de crescimento em valores percentuais, entre 2000 e 2015.

Tabela 1

Portugueses entrados no Reino Unido entre 2000 e 2015

Ano	Nº de entradas de portugueses	Taxa de crescimento %
2000	1.811	-
2001	4.396	142.7
2002	7.915	80.1
2003	12.603	59.2
2004	13.850	9.9
2005	11.710	-15.5
2006	9.700	-17.2
2007	12.040	24.1
2008	12.980	7.8
2009	12.230	-5.8
2010	12.080	-1.2
2011	16.350	35.3
2012	20.443	25.0
2013	30.121	47.3
2014	30.545	1.4
2015	32.301	5.8

Fonte: Observatório da Emigração, valores de OECD, International Migration Database – Department for Work and Pensions (acedido em 20/06/2016).

Na tabela supracitada, verifica-se que o movimento de entradas de portugueses no Reino Unido teve desenvolvimento crescente com exceção de 2005 e 2006 que se notou um decréscimo de entradas, quebrando, assim, a dinâmica crescente de entrada de portugueses neste país de acolhimento. No entanto, constatamos um aumento exponencial, desde o ano 2000 com 1.811 e 2015 com 32.301 entradas de emigrantes portugueses.

Neste âmbito, e tendo em conta os dados fornecidos pelo INE (2014) foi durante a última década que os portugueses mais emigraram para este país pois, segundo o Relatório de Estatística apresentado em 2000 entraram no Reino Unido 1.800 emigrantes portugueses e em 2013 foram registados 30.120 novos emigrantes. Um aumento médio anual de 29%. Porém, de 2000 a 2014 os portugueses residentes quadruplicaram, passaram de 34.000 para 127.000. No entanto, o Observatório de Emigração estima, porque muitos portugueses não estão registados nas instituições oficiais, que atualmente, em 2015, residam neste país aproximadamente 500.000 portugueses.

De acordo com Pires et al (2014) “no ano de 2013, os portugueses tornaram-se a 5ª comunidade de emigrantes mais numerosa radicada neste país. O Reino Unido é atualmente o país mais procurado pelos portugueses como destino para emigrar” (p. 146).

A crise económica em Portugal, que nos últimos anos tem fustigado todos os setores da sociedade, e os recursos de emprego, que se tornaram escassos, levaram os portugueses a procurar alternativas em outros países. Porém, os novos emigrantes têm hoje uma melhor preparação profissional e académica e, neste sentido, o Reino Unido oferece mais oportunidades de trabalho, remunerações aliciantes, facilidade de transportes entre o país de origem e de acolhimento e por último, a maioria desta nova vaga de emigrantes fala a língua inglesa.

Assim, para uma melhor compreensão da temática em estudo apresentamos, na tabela 2, a população portuguesa residente no Reino Unido, entre 2000 e 2014.

Tabela 2

População portuguesa residente no Reino Unido entre 2000 e 2014

Ano	Totais	Taxa de crescimento %
2000	34.000	-----
2001	51.000	50.00
2002	60.000	17.6
2003	66.000	10.00
2004	68.000	3.00
2005	57.000	-16.2
2006	71.000	24.6
2007	71.000	0.0
2008	83.000	16.9
2009	87.000	4.8
2010	83.000	-4.6
2011	84.000	1.2
2012	90.000	7.1
2013	110.000	22.2
2014	127.000	15.5

Fonte: Observatório da Emigração, valores de Office for National Statistic, Annual Population Survey (APS) Labour Force Survey (LFS), Population by contry of biryh and nationality (acedido 04/09/2016).

Este movimento migratório, segundo Pires et al (2014), “tem sido concomitante ao número de portugueses a optar pela nacionalidade do país de acolhimento. A este movimento estão associadas: motivações profissionais, familiares, políticas ou até revolta” (p. 148).

Segundo os dados obtidos pelo Observatório da Emigração em 2014, optaram pela nacionalidade inglesa em 2000, 237 portugueses e em 2015 naturalizaram-se 422. Este desenvolvimento acompanha uma tendência de crescimento de 55.5%. No entanto, nos

últimos dois anos foi registado um decréscimo invertendo a tendência de crescimento registada até 2013.

Tabela 3

Naturalização de portugueses residentes no Reino Unido entre 2000 e 2015

Ano	Total de naturalizações	Taxa de crescimento %
2000	237	---
2001	284	19.8
2002	290	2.1
2003	505	74.1
2004	548	8.5
2005	651	18.8
2006	532	-18.3
2007	521	-2.1
2008	409	-21.5
2009	587	43.5
2010	479	-18.4
2011	402	-16.1
2012	499	24.1
2013	628	25.8
2014	218	-49.4
2015	422	32.7

Fonte: Gov. UK, Immigration Statistics January to March 2016 (Citizenship data tables immigration statistics January to March 2016), Citizenship grants by previous country of nationality (acedido em 22/08/2016).

A emigração feminina foi conotada com a imagem de mãe ou esposa do emigrante masculino, segundo Zlotnik (1995) “assumindo o papel durante décadas como atores sociais dependentes” (p. 229). No entanto, a emigração atual não se define pelo sexo, as mulheres emigram num contexto de igualdade e lutam pelos mesmos direitos de oportunidade. No entender de Castles e Miller (1998) citados por Gois e Marques, (2012) “a feminização das migrações é agora global e alguns autores consideram a feminização da migração como uma das cinco características que definem a actual era das migrações” (p. 15).

Assim, os emigrantes portugueses a residir no Reino Unido, de acordo com o seu género e os dados do Observatório da Emigração, que salienta que em 2014, os homens representavam 57.1% dos emigrantes e 42.9% eram mulheres.

Tabela 4

Portugueses emigrados, segundo o género, no Reino Unido entre 2010 e 2014

Género	2010		2011		2012		2013		2014	
	Nº	%	Nº	%	Nº-	%	Nº	%	Nº	%
Homens	7.080	58.7	9.479	58	11.471	56.1	16.863	56	17.445	57.1
Mulheres	4.981	41.3	6.86	42	8.968	43.9	13.263	44	13.099	42.9

Fonte: Quadro elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do Department for Work and Pensions, do Reino Unido (acedido em 07/09/2016).

Como podemos verificar pelos dados registados na tabela 4, a emigração de mulheres portuguesas para o Reino Unido, nos últimos anos tem mantido um ligeiro crescimento, reduzindo a diferença percentual em relação aos homens.

Emigrar significa para Pires et al (2014) procurar trabalho em outro país, por isso, neste pressuposto, compreende-se que as pessoas emigrem numa idade ativa para trabalhar.

Na tabela 5 podemos verificar os portugueses emigrados em diferentes países, por grupos etários.

Tabela 5

Portugueses emigrados para diferentes países, por grupos etários

País	Número por idade				% por idade			
	15	15-39	40-64	65+	15	15-39	40-64	65+
França	21.920	119.738	372.847	102.728	3.6	19.4	60.4	16.6
Alemanha	2.540	22.940	39.080	10.570	3.4	30.5	52.00	14.1
Suíça		86.146	81.474			51.4	48.6	
Luxemburgo	17.038	62.075		12.298	18.5	67.4		14.1
Reino Unido	11.695	48.065	27.125	5.135	12.7	52.2	29.5	5.6
Bélgica	1.952	11.230	12.860	2.248	6.9	39.7	45.5	8.00

Fonte: Quadro elaborado pelo Observatório da Emigração, valores do Department for Work and Pensions, do Reino Unido (acedido em 07/09/2016).

Como podemos verificar a emigração portuguesa mais jovem reside 18.5% no Luxemburgo, 12.7% no Reino Unido, 6.9% na Bélgica e 3.6% na França. A percentagem de idosos nestes quatro países situa-se entre 16.6% na França e 5.6% no Reino Unido.

Como podemos constatar no Reino Unido, 12.7% da comunidade emigrante é jovem, a segunda mais significativa da diáspora portuguesa. Em contrapartida, a comunidade idosa é uma das que apresenta um valor percentual mais baixo, com apenas 5.6%.

Na perspetiva de Pires *et al* (2014) “as qualificações académicas dos portugueses que decidiam emigrarem, de uma forma geral, eram baixas: 70% só possuíam o ensino básico, 7% possuíam formação superior e 23% dos portugueses tinha terminado o ensino secundário” (p. 167).

A emigração portuguesa, no Reino Unido, sofreu significativas alterações nos últimos anos, ao nível da formação académica e profissional, uma grande parte destes emigrantes são altamente qualificados e preferem este país, por razões, que atrás já foram mencionadas, por isso, levou a uma mobilidade com dimensões nunca antes atingidas. Conforme nos afirma Pires *et al* (2014) “o Reino Unido destacava-se em 2001 como o país de destino com a maior percentagem de portugueses licenciados, acima dos 10%, acompanhado pela Bélgica, Canadá e EUA” (p. 167).

Ainda neste âmbito, salientamos, a após a entrada em vigor do *Tratado de Schengen*, em 02/10/1997, que prevê abertura de fronteiras entre países da Comunidade Europeia, alguns dados respeitantes ao movimento migratório, nos países membros da comunidade, são escassos, resultante da não obrigatoriedade de registo nas instituições portuguesas no estrangeiro. Embora estejam inscritos no serviço social do país de acolhimento, continuam residentes em Portugal.

Em virtude do que foi mencionado, apresentamos dados disponíveis relativos às qualificações no ano de 2001 e que são expressos na tabela 6, comparando o Reino Unido com outros países para onde os portugueses emigram.

Como podemos constatar a emigração portuguesa no Reino Unido tem a maior percentagem de licenciados 19.3% e a segunda menor, sem grau básico académico, 54.6%, logo a seguir à África do Sul que é de 52%.

No entanto, o fenómeno progressivo de emigração verificou-se sobretudo,

nos países europeus: França, Espanha, Alemanha, Suíça, e Luxemburgo registou-se nos anos 60 uma predominância de trabalhadores portugueses operários. Na África do Sul, Brasil e Venezuela, surgiram empresários explorando pequenos negócios, Canadá e Reino Unido, predominam as profissões terciárias (Pires *et al* 2014, p.171).

Tabela 6

Portugueses emigrados, segundo a qualificação escolar, por principais países de residência, em 2001

País	Número total				%		
	Sem grau ou básico	Secundário	Superior	Total	Sem grau ou básico	Sec.	Sup.
Total	1.065.036	350.262	102.268	1.517.566	70.2	23-1	6.7
França	421.843	122.421	23.436	567.700	74.3	21.6	4.1
Brasil	155.575	36.587	19.698	211.858	73.4	17.3	9.3
EUA	113.408	70.245	22.687	206.340	55.0	34.0	11.0
Canadá	100.600	38.035	15.350	153.985	65.3	24.7	10.0
Suíça	55.438	13.170	1.917	70.525	78.6	18.7	2.7
Alemanha	48.750	18.970	0	67.720	72.0	28.0	0.0
Espanha	44.240	4.740	3.980	52.960	83.5	9.0	7.5
Venezuela	42.680	8.40	1.890	52.610	81.1	15.3	3.6
Luxemburgo	21.403	10.955	688	33.046	64.8	33.2	2.1
Reino Unido	15.604	7.459	5.502	28.565	54.6	26.1	19.3
África do Sul	10.003	8.066	1.171	19.240	52.0	41.9	6.1
Bélgica	10.583	2.584	1.565	14.733	71.8	17.5	10.6
Austrália	9.043	3.479	1.094	13.616	66.4	25.6	8.0

Fonte: Observatório da Emigração, valores de OECD, Database on Immigrants in OECD and non-OECD Country, DIOC-E 2000-2001 (DIOC Extended).

Além disso, verificamos que para o Reino Unido tendem a ir portugueses com vista à prestação de serviços especializados em determinadas áreas.

Nos últimos anos, a emigração portuguesa elegeu os países europeus como destino preferencial, como nos afirma Pires et al (2014) “os principais países para onde emigram os portugueses são na Europa: Reino Unido, Suíça, França, Alemanha. O Reino Unido é o país para onde emigram mais portugueses (31 mil em 2014)” (p. 33). Na última década, tem sido o país mais procurado pelos portugueses como destino para emigrar, pois

triplicaram nos últimos 10 anos no Reino Unido. Em 2000, estavam registados 34 mil, em 2013 eram 90 mil os portugueses residentes. Como podemos constatar, este aumento acompanhou um movimento crescente para aquele país, que

tornando-se o oitavo país no mundo onde residem mais emigrantes portugueses (Pires et al, 2014, p. 167).

Esta onda emigratória contribuiu para que o Reino Unido se tornasse num dos países, onde a diáspora portuguesa mais cresceu, em número de emigrantes com qualificações profissionais.

Ainda,

os censos no Reino Unido dividem o país em três sectores: Inglaterra e País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte. No ano, 2013, a que este estudo faz referência, 96% dos emigrantes portugueses residiam em Inglaterra 85,845 e País de Gales, 2,316 portugueses, os restantes 4% estavam registados, 2,000 na Escócia e 1,908 na Irlanda do Norte (Pires et al 2014, p. 167).

Os portugueses que decidem emigrar são, na sua maioria, homens e mulheres jovens em início de carreira laboral, por isso

A média de idade dos portugueses emigrados em Inglaterra e País de Gales em 2011 é de 34 anos. Porém, 37% dos portugueses tinham entre 25 e 39 anos, 30% entre 40 e 64 anos e 15% entre 15 e 24 anos, com menos de 15 anos representavam 13%, os idosos eram apenas 6% dos residentes nestes dois países (Pires 2014, pp. 192-193).

Atualmente assistimos a uma, quase plena, igualdade nas oportunidades e disputa de recursos entre o género feminino e masculino, por isso, e segundo Pires et (2014) “percentualmente, o sexo feminino predomina com um ligeira vantagem em relação ao sexo masculino, 50.3% e 49.7% respetivamente” (pp. 192-193).

A formação académica dos portugueses evoluiu significativamente nas últimas décadas, porquanto se faz sentir por toda a diáspora dispersa por todos os continentes. Os novos emigrantes portugueses têm mais e melhores habilitações académicas que não tinham no passado.

De salientar que

os portugueses residentes em Inglaterra e País de Gales 28% possuíam o ensino básico ou secundário, cerca de 19% eram titulares de diploma do ensino superior,

22% não completaram qualquer grau de ensino e 31% com qualificações não especificadas. Esta discrepância de habilitações académicas e profissionais torna a comunidade portuguesa desigual, no entanto, mais qualificada à que encontramos noutros países de acolhimento. Dois terços dos portugueses residentes em Inglaterra e País de Gales, com mais de 15 anos, 64% estavam empregados, 25% estavam em situação inativa, 5% eram estudantes a tempo inteiro e 4,677 indivíduos, ou seja, 6% estavam inscritos nos centros de emprego. Aproximadamente, 29% dos portugueses eram trabalhadores sem qualificações, trabalhadores qualificados na indústria, construção civil e artífices 13%, serviços pessoais e proteção 11%, operadores de equipamentos, máquinas e montagens 11%, especialistas das profissões intelectuais e científicas 10%, cargos superiores e dirigentes 7%, vendedores, administrativos e similares (Observatório para a Emigração, 2014).

Os portugueses emigrados neste país têm melhores qualificações, em detrimento de outros países recetores, embora concentrem comunidades mais numerosas de portugueses.

Por conseguinte,

o peso das profissões qualificadas entre os portugueses emigrados em Inglaterra e no País de Gales é maior do que nos outros principais países de destino da emigração portuguesa. O Reino Unido aparece assim como o principal polo de atracção da emigração qualificada portuguesa (Pires et al, 2014, pp. 192-193).

Consideramos que a inserção na comunidade de acolhimento é um fator fundamental para a integração dos emigrantes, pelo que, de seguida, procuramos abordar, segundo o ponto de vista teórico, esta questão.

6. Inserção dos emigrantes nas comunidades de acolhimento

A integração de emigrantes nas sociedades de acolhimento, em muitos casos, não é um processo fácil. Há barreiras que prejudicam esta inclusão como por exemplo: a raça, religião e a língua, que no todo estamos a falar de uma identidade cultural própria.

No atual contexto,

nos próximos anos, as migrações vão continuar a crescer. Todavia, algumas questões se levantam como: os processos de instalação das comunidades na ordenação global, a influência nas relações sociais, cultura, identidade e a política dos países de acolhimento, como fazer a inserção das minorias e controlar as diferenças culturais étnicas. Adeus à velha Inglaterra para sempre” o mesmo autor “assim, se despediam com este refrão, os emigrantes Ingleses quando partiam para os Estados Unidos da América, Canadá e Austrália, antes de 1914 (Castles, 2005, p. 63).

Ainda de referir que

grande percentagem destes imigrantes, depois de um longo período, acabaram por regressar ao país de origem, outros, porém, nunca mais voltaram. Os imigrantes recém-chegados, geralmente oriundos de países distantes, esperava-se, que estes imigrantes, se fixassem definitivamente e o corte de vínculo relacional com o seu país de origem, que assimilassem as tradições sociais e culturais do país de acolhimento, eles e os seus descendentes (Castles, 2005, p. 63).

O regresso implica um processo de reintegração no país de origem, nesse sentido o governo português aprovou, Conselho de Ministros n.º 12-B/2015, medidas para promover a inserção, que designou por eixos V com a seguinte redação,

políticas de incentivo, acompanhamento e apoio ao regresso dos cidadãos nacionais emigrantes (...) em articulação estreita com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que promovam, acompanhem e apoiem o regresso de cidadãos nacionais emigrados no estrangeiro ou o reforço dos seus laços de vínculo a Portugal, contribuindo por essa via para a reversão do movimento emigratório de cidadãos portugueses para o estrangeiro. (DR N° 56, p. 3).

Em relação à crescente mobilidade e à multidiversidade cultural corroboramos a ideia de que este

é um assunto que levanta questões de difícil solução à orientação política nos países receptores de imigração, nomeadamente, as questões de nacionalidade e cidadania. Neste contexto, as múltiplas e diversas nacionalidades criam algum receio de lealdade divina, ou seja, a Némesis de nacionalismo (Castles, 2005, p. 76).

Ainda neste contexto, a adaptação socio profissional ao país de acolhimento obriga o emigrante a respeitar formalismos, usos e costumes existentes do país de acolhimento. No entanto, tem direito a ser respeitado com dignidade, não recear constrangimentos profissionais e sociais. Assim, neste sentido só é possível

Uma boa integração social, baseada numa igualdade de direitos entre todos, uma convivência sadia de tolerância e respeito pelas diferenças, deve colocar de parte o medo de que os imigrantes sejam uma ameaça e banir os sentimentos de racismo e xenofobia (Mateus, 2008, p. 30).

Dado não haver um modelo padronizado global de regulamentar a nova emigração, cada país tem as suas próprias normas nesta matéria. Neste âmbito, podem ser apresentados

Três formatos para a incorporação de imigrantes na sociedade: Assimilação: aprender a língua nacional, adoptar as práticas sociais e culturais do país de acolhimento, abdicarem das suas culturas esquecendo as suas origens e se diluam na sociedade, principalmente as futuras gerações. Exclusão diferencial: são integrados temporariamente em subsistemas sociais como o mercado de trabalho, segurança social incipiente, mas são excluídos de participação política, cultural e social. São desencorajados a reunir família no país de acolhimento e adquirir cidadania não é uma hipótese. Multiculturalismo, mantém o elo de pertença a uma cultura de origem e uma lealdade com a cultura do país de acolhimento. Significa o abandono do mito de homogeneidade mono-cultural, reconhecimento ao direito de manter a sua própria cultura, formação de comunidades, equidade social e protecção contra a discriminação (Castles, 2005, pp. 82- 83).

Porém, a maioria da integração das migrações insere-se num destes três processos, ou na mistura dos três referidos. Em relação às comunidades portuguesas, quando a presença é significativa no país de acolhimento, podemos enquadrá-la num formato multicultural.

Embora a integração nas comunidades de acolhimento não seja difícil, os nossos emigrantes lutam por não perderem e preservar as raízes culturais do país de origem. Os vínculos mantêm-se fidelizados aos usos e costumes do seu país e uma vez regressados ao país, reafirmam a cultura portuguesa *vs.* o seu regionalismo.

De seguida, apresentamos a relevância das instituições sociais que no Reino Unido dão apoio aos emigrantes

7. Instituições sociais de apoio aos emigrantes no Reino Unido

As instituições sociais são criadas para resolver determinadas necessidades dos cidadãos, tanto no interior como fora do país e, neste contexto, pretendemos que devem ser entendidas com o objetivo de ajudar a colmatar problemas sentidos pela comunidade emigrante que pretende sentir-se inserida na comunidade de acolhimento, onde os hábitos, usos, costumes e tradições são distintos dos seus.

Sabemos que

ao longo da história da imigração conhecida e documentada, seja ela, de forma oral ou bibliográfica, evidencia como os imigrantes têm que negociar as difíceis possibilidades de escolha quando têm que tomar decisões: o regresso às origens, ou a formação de comunidades. Também é verdade, que muitos imigrados, encontram formas criativas de se adaptarem e transformar o próprio ambiente social, cultural e político nos espaços em que se inserem (Castles, 2005, p. 85).

Neste âmbito encontramos diversas instituições, governamentais ou associativas, espalhadas por toda a diáspora portuguesa, com objetivos bem diversos.

Sobretudo, e em particular em Londres, podemos encontrar instituições, governamentais, como a Embaixada de Portugal, que representa o país e garante apoio aos cidadãos portugueses e vínculo de nacionalidade e o Instituto Camões símbolo da cultura portuguesa, na divulgação e preservação da língua.

O Centro Português de Apoio à Comunidade Lusófona, com um protejo apoiado pelo *London Borough of Lambeth* e outras entidades oficiais, visa criar condições para o

desenvolvimento de atividades, de e para todas as comunidades de língua oficial portuguesa, nas mais diversas áreas, aos residentes no país.

A *Native Scientist*, com cariz voluntário e reconhecido pelas entidades do Reino Unido e entidades portuguesas, contacta as escolas inglesas, onde estudam crianças filhos/as de emigrantes portugueses, em idade escolar básica, prestando informação aos alunos e encarregados de educação sobre oportunidades de carreiras profissionais, formação técnica e académica.

A *Parsuk, Portuguese Association of Reserarchers and Studen in the UK*, apoia estudantes em diferentes graus de formação e outros já formados, recém-chegados ou já residentes no país. Uma das atividades desta associação é a organização anual de um congresso, o Luso, onde se reúnem mais de 600 participantes da área da ciência, residentes no Reino Unido, com a presença de governantes e outros responsáveis pelo conhecimento em Portugal e Reino Unido. De referir ainda a presença da Igreja Católica na comunidade portuguesa pelo apoio e acompanhamento prestado aos emigrantes católicos e pelo importante papel que desempenha na manutenção e fidelização à cultura do país de origem.

No entanto, existem muitas mais coletividades de caráter cívico, desportivo, cultural ou somente de convívio social, todas elas importantes para manterem vivas as tradições portuguesas e o patriotismo lusitano. Todas elas são importantes para manterem vivas as tradições e sentirem que nem tudo é diferente na medida em que vão a essas instituições buscar a força e o alento para uma labuta diária difícil e desgastante.

Concordamos que

factores económicos, políticos e culturais, levam os governos exportadores de emigrantes, mão-de-obra, a criar laços entre os seus expatriados à pátria de origem, exemplo, as influências nas mudanças políticas, culturais, económicas e sociais assentes neste nacionalismo globalizado (Sinn, 1998, citado por Castles, 2005, p. 88).

Cohen (1997, citado por Castles, (2005) fala-nos de “um espaço para cada raça, uma ligação estabelecida entre estado e comunidade política, cultura e cidadania. Um sentimento de pertença a um país, em que cujos membros se sentem ligados por laços de solidariedade e heranças de valores culturais” (p. 101).

Assim, é pertinente referirmos que

as comunidades étnicas: conservam a sua língua e cultura até à terceira geração, para preservar este legado, criam associações culturais, lugares de culto, espaços de comércio étnico que fortalece ainda mais a ligação das comunidades imigrantes à sua cultura de origem (Castles, 2005, p. 109).

A existência destas comunidades no país de acolhimento não só tem um papel preponderante na divulgação da língua materna, como também na preservação de usos e costumes e da cultura dos povos a elas associadas.

Capítulo II

O problema, os objetivos e o grupo de participantes

1. Formulação do problema e dos objetivos

Com a finalidade de proceder ao estudo do tema *Emigração – uma questão de identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015* - formulamos a questão problema que será o ponto de partida desta investigação e para a qual pretendemos obter respostas.

Poderão as perceções dos emigrantes portugueses em Londres face ao fenómeno da emigração serem uma mais-valia para a preservação da identidade cultural do seu país de origem?

No sentido de obter resposta à questão formulada, foram definidos os seguintes objetivos:

- Compreender como os emigrantes percecionam a emigração;
- Interpretar os fatores que contribuem para o emigrante português em Londres, preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento;
- Discutir a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de acolhimento permitem uma integração socioprofissional;
- Analisar o significado da forma como o emigrante português em Londres perspetiva o futuro.

Após a formulação do problema e a definição dos objetivos que nos propomos alcançar é necessário caracterizar o grupo de participantes deste estudo, ao que procederemos de imediato.

2. Caracterização do grupo de participantes

Numa investigação na área social, estamos à descoberta de um vasto universo humano, logo, no universo social, a pesquisa depende diretamente da teoria e pressupõe a sua interpretação de formas diversas. Assim,

para se compreender, porém, o que há de único na pesquisa social é preciso fazer uma referência, mesmo que muito breve, ao lugar da teoria das ciências sociais. (...). O universo humano não é algo de indiferenciado e que existe pronto a ser

descoberto pelo investigador. Compreender o mundo de diferentes maneiras é, aliás, um papel essencial da pesquisa social (Moreira, 1994, p. 19).

Ao selecionar um grupo de participantes consideramos que o mesmo nos forneceria dados precisos e completos que responderiam ao problema por nós formulado e aos objetivos definidos, pois, de acordo com Moreira (1994) “num inquérito social se forem estudadas menos pessoas, podem ser atribuídos mais recursos a cada entrevista, permitindo entrevistadores de maior qualidade, melhor supervisão e codificação” (pp.75-76).

Neste seguimento, as questões e os entrevistados foram selecionados de forma criteriosa.

No presente trabalho o grupo de participantes é constituído por seis emigrantes portugueses, três do sexo feminino e três do sexo masculino, residentes em Inglaterra há mais de um ano, com idades compreendidas entre os 23 e 60 anos. Com efeito, para a nossa investigação, a seleção deste grupo foi feita usando o método de conveniência pelo que estamos de acordo com Cohen e Manion (1990), pois “foram seleccionados indivíduos mais acessíveis como participantes informantes” (p. 138).

A fim de preservar a identidade de cada um dos participantes do grupo em estudo foi atribuído um código. Assim, a cada uma das participantes foi atribuído o código constituído pelas letras Ef (Entrevistada feminina) seguidas de um dígito (1, 2 e 3, em que cada um dos dígitos corresponde ao número das participantes entrevistadas) e a cada um dos participantes foi atribuído o código constituído pelas letras Em (Entrevistado masculino) seguidas de um dígito (1, 2 e 3, em que cada um dos dígitos corresponde ao número dos participantes entrevistados) e cuja caracterização sociodemográfica, com as subcategorias género, idade, estado civil, habilitações académicas, profissão exercida, permanência em Inglaterra, número, idade e nacionalidade dos filhos consta da tabela 7. Como podemos observar, na tabela, o grupo de participantes é composto por seis indivíduos, três do género feminino e três do género masculino.

O grupo de participantes do género feminino tem idades compreendidas entre os 33 anos e os 60 anos, a que corresponde uma média de idade de 43 anos. Já o grupo de participantes do género masculino tem idades compreendidas entre os 23 anos e 50 anos, o que perfaz uma média de idade de 37 anos.

O entrevistado mais novo do sexo feminino apresenta a idade de 33 anos, 10 anos mais que o entrevistado mais novo do sexo masculino, verificando-se o mesmo no que diz respeito aos entrevistados com mais idade em cada um dos grupos de participantes, pelo

que a idade média do grupo de participantes do sexo feminino é superior à do grupo de participantes do sexo masculino.

Todos os participantes são solteiros, à exceção de uma participante que é divorciada.

Tabela 7

Caracterização sociodemográfica do grupo de participantes

Código dos participantes	Género	Idade	Estado Civil	Habilitações Académicas	Profissão	Há quantos anos vive em Inglaterra	Número de filhos	Idade dos filhos	Nac. dos filhos
Ef1	Feminino	33 anos	Solteira	Doutorada	Gestora de transferência de conhecimento científico	8 anos	0		
Ef2	Feminino	37anos	Solteira	Doutorada	Investigadora	5 anos	0		
Ef3	Feminino	60anos	Divorciada	12º ano	Escritora e tradutora	11 anos	1	33 anos	Portuguesa
Em1	Masculino	39anos	Solteiro	Licenciado	Contabilista	9 anos	0		
Em2	Masculino	23anos	Solteiro	10º ano	Empregado de limpeza	2 anos	0		
Em3	Masculino	50anos	Solteiro	6º ano	Administrativo	27 anos	0		

Fonte: dados obtidos através do inquérito por entrevista (2016).

Relativamente às habilitações académicas o grupo de participantes tem diferenças significativas de graus académicos: duas doutoradas, um licenciado, uma com o 12º ano um com o 10º ano e um com o 6º ano de escolaridade pelo que é fácil constatar que o grupo feminino possui habilitações académicas superiores ao grupo masculino.

Quanto à profissão, os elementos do grupo de participantes do sexo feminino, exercem funções de gestão de transferência de conhecimento científico, escrita e tradução e investigação, enquanto os elementos do sexo masculino, exercem a profissão de contabilista, empregado de limpeza e administrativo, Quanto ao período de anos que vivem em Inglaterra, verificamos que existem, emigrantes recentes, com dois anos de residência no país de acolhimento, mas, há outros emigrantes que chegaram há 27 anos.

Contudo, é de salientar que o participante que se encontra há menos tempo emigrado (2 anos) é do sexo masculino e o que permanece há mais tempo (27 anos) é também do sexo masculino.

Apenas um elemento do grupo tem uma filha, já com 33 anos de idade e possui nacionalidade portuguesa.

Entre os motivos que levaram estes portugueses a emigrar para Inglaterra, nomeadamente para Londres, destacamos, a fim de melhor compreender e enquadrar este grupo de participantes em análise, as dificuldades sentidas, o sentimento de conforto e integração social, bem como a ocupação profissional desempenhada. Assim, neste pressuposto a participante Ef1, emigrou com o objetivo de continuar os estudos académicos, há já 8 anos. No entanto, sentiu algumas dificuldades, de carácter burocrático, para resolver alguns assuntos prementes, nomeadamente, nas instituições públicas. Socialmente, sente-se integrada na comunidade e profissionalmente, após ter passado por laboratórios de investigação científica exerce, atualmente, a profissão de gestora de transferência de conhecimento científico em uma instituição de Londres, profissão esta que a satisfaz plenamente e lhe dá a possibilidade de pesquisa e aquisição de novos conhecimentos.

A participante Ef2 emigrou com o propósito de trabalhar num pós doutoramento há 5 anos. A burocracia foi o maior obstáculo que sentiu, nomeadamente, quando tinha que resolver assuntos nas instituições públicas, mas sente-se socialmente bem integrada na comunidade de acolhimento. A sua profissão, nos Estados Unidos, contemplava o trabalho em projetos de investigação científica e, neste momento, exerce a profissão de cientista numa universidade em Londres.

A participante Ef3 emigrou por motivos profissionais e espírito de aventura, há 11 anos. A burocracia, para esta participante, é a maior dificuldade que identifica neste país, quanto à integração social é percecionada como boa e a nível profissional exerce a profissão de escritora e tradutora, encontrando-se atualmente de baixa médica.

O participante Em1 emigrou para Inglaterra há 9 anos, porque estava cansado da rotina e sentia necessidade de uma mudança de estilo de vida e nos primeiros tempos viveu em casa de um amigo. A dificuldade que este participante mais sentiu foi a falta de tempo para resolver assuntos pessoais, socialmente está integrado, embora o fator tempo limite o convívio social. A nível profissional exerce a atividade de contabilista em uma empresa portuguesa sediada em Londres.

Em relação ao participante Em2 foi a escassez de trabalho em Portugal que o levou a emigrar, há 2 anos, para este país de acolhimento. As dificuldades no domínio da língua, principalmente ao nível da escrita, impõem-lhe a obrigatoriedade de recorrer à ajuda de amigos, mas no âmbito social sente-se integrado e desempenha funções numa empresa de limpeza em Londres, que não especificou.

O participante Em3 considerou o desejo de conhecer países e pessoas, associado à procura de melhores oportunidades profissionais, como fatores determinantes que o motivaram a deixar o país há 27 anos. No entanto, como tantos outros emigrantes, sentiu a força da burocracia a criar-lhe dificuldades, embora no contexto social se sinta completamente integrado na comunidade de acolhimento. Exerce a função de administrativo numa instituição londrina, que não identificou.

A seleção deste grupo de participantes obedeceu a critérios que vão desde a heterogeneidade dos participantes, diversidade de profissões que exercem, anos de residência em Londres e género. Porém, dificuldades de ordem temporal e espacial, bem como a indisponibilidade de outros participantes condicionaram a seleção de um grupo mais alargado.

Capítulo III

Metodologia

Um processo de investigação é desenhado e orientado para alcançar determinados objetivos, neste sentido, pressupõe diversas etapas ao longo de todo o processo, desde a conceção até à apresentação dos resultados.

Após ter sido feita no Capítulo I a revisão bibliográfica que fundamenta teoricamente o estudo em causa e que segundo Batista (2011) “é uma forma de adquirimos conhecimento específico e relevante e confrontamos teorias de apoio na investigação em causa” (p. 33) e no Capítulo II termos apresentado, o problema, definido os objetivos e feita a caracterização dos seis elementos que constituem o grupo de participantes, vamos, no Capítulo III, descrever a metodologia que serviu de base à escolha dos instrumentos de recolha de dados que irão dar resposta ao problema e aos objetivos deste estudo. De salientar que foram asseguradas todas as questões éticas relativas à recolha de dados, bem como ao seu tratamento.

A informação recolhida pelos instrumentos e procedimentos adotados, permitem dar resposta cabal ao problema e aos objetos propostos, porque segundo Quivy e Campenhoudt (2003) “ (...) uma investigação é, por definição, algo que se procura” (p. 31). Desta forma, pretendemos contribuir para uma fácil perceção analítica dos elementos subjacentes a esta investigação, fundamentando o saber científico, resultante da produção da investigação, ao problema em causa.

Na prossecução e desenvolvimento do trabalho, apresentaremos, de imediato, a essência desta investigação.

1. Natureza da investigação

A investigação científica é a procura contínua da descoberta do conhecimento. Como diz Myrdal (1976) “não é mais do que o senso comum altamente sofisticado” (p. 17). Porém, a investigação está muitas vezes à margem e equidistante, mas ao trabalho científico é exigido demonstrar e provar as descobertas.

Na pesquisa são usadas diversas metodologias que requerem procedimentos apropriados ao estudo em causa, testados e aceites cientificamente. Neste sentido, Herman (1983) sustenta que metodologia é “um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica” (p. 5). Para considerar verdadeira a teoria conclusiva de um estudo científico, Lessard-Hebert, Goyette e Boutin, (1990) pressupõem critérios de cientificidade testados “objetividade, fidelidade e validade” (pp. 19-20).

A investigação difere de caso para caso e exige reajustamentos pontuais. Para Kuhn (1983) “determinar paradigmas comuns não equivale a determinar regras comuns, os paradigmas podem orientar a investigação mesmo na ausência de regras” (p. 71). Nas ciências sociais a metodologia de investigação descreve dois modelos de pesquisa, o qualitativo e o quantitativo. Na perspectiva de Batista (2011) “o método qualitativo é o mais aplicado quando estão em causa comportamentos, conceitos e valores de pessoas e não exige grande quantidade de amostra” (p. 57). Também neste pensamento, Rosental e Fremontier (2001) afirmam que “uma característica qualitativa é uma propriedade que não é passível de ser medida numa escala numérica (...) enquanto uma característica quantitativa o é” (p. 17).

Neste âmbito, os métodos qualitativos são os mais adequados ao nosso estudo e aos objetivos que nos propomos alcançar, mas também considerando a especificidade do trabalho e vivências, de emigrantes portugueses residentes em Inglaterra.

A metodologia usada no nosso estudo é de natureza qualitativa, na recolha de dados foi usada a técnica de entrevista, individual e semiestruturada, elaborada pelo autor do estudo e aplicada ao grupo de participantes selecionados para o efeito.

2. Instrumento de recolha de dados – inquérito por entrevista

As ciências sociais são a área do conhecimento que procura conhecer a realidade do ser humano nas diversas dimensões vivenciais. Neste pressuposto, cada caso tem a sua peculiaridade e especificidade própria de estudo, que nos leva a concordar com o que afirma Carmo (1998) “a escolha da técnica depende do objetivo atingir” (p. 175).

Neste estudo, em particular, foi utilizada a entrevista semiestruturada, que no entender de Lessard et al (1990) “pelo facto de o entrevistador manter o controlo no decurso de todo o processo” (p. 162). No que respeita à recolha de informação no terreno, concordamos com Erickson (1986) que diz que “o conjunto do material compilado no campo não é, em si mesmo, um conjunto de dados, mas é, sim, uma fonte de dados” (p. 149), pois é no contacto direto com as pessoas que podemos verificar sentimentos de conforto ou desconforto e confrontar de forma intuitiva esses comportamentos que, muitas vezes, são perceptíveis no desfasamento entre a comunicação verbal e a não-verbal e tornar mais credível e objetiva a investigação.

Neste sentido, Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) referem que “é a dimensão em que são recolhidas as informações sobre o mundo real e em que essas informações são convertidas em dados pertinentes face à problemática da investigação” que mostram a relação entre a construção do objeto científico e o mundo dos acontecimentos (p. 191).

Quando se faz uma investigação há decisões a tomar, em conformidade com as especificidades do problema em estudo. Porém, neste estudo em particular, depois de uma revisão bibliográfica sobre os instrumentos de recolha de dados, optamos pela entrevista semiestruturada, por ser o instrumento mais adequado ao estudo, pois

permitiu construir um leque de questões contextualizadas (...). Teve ainda como objetivo facilitar o ato de entrevistar, uniformizar e normalizar a informação recolhida. Contudo, (...) mais do que quantificar importou compreender, daí que as perguntas fossem abertas e de natureza qualitativa (Mateus, 2008, p. 176).

Foram equacionadas algumas vantagens: permite-nos estar mais perto dos participantes, envolver-nos e percecionarmos o ambiente e as suas vivências de vida social, familiar e profissional. As entrevistas foram realizadas, por motivos logísticos e disponibilidade de tempo dos participantes, na área metropolitana de Londres, na zona residencial de Merton (1) Ruislip (2), e Norwood (3), em abordagem presencial. Tiveram como base um guião (Anexo I), elaborado pelo autor do estudo e foi validada pela análise crítica da orientadora e do autor do estudo, tendo construído as categorias e as subcategorias determinantes para a análise das respostas dadas pelos entrevistados e, submetidas, posteriormente, a uma análise crítica de outros juízes, que contribuíram para uma melhor clarificação das questões a serem integradas no guião a aplicar ao grupo de participantes após ter sido lavrado o consentimento dos mesmos para a sua realização (Anexo II).

As transcrições das respostas dadas pelos entrevistados fazem parte do Anexo III.

Os entrevistados foram selecionados, de acordo com os seguintes critérios: viverem em Inglaterra há mais de um ano, serem maiores de idade, terem nascido em território português e serem emigrantes em Inglaterra. O conteúdo foi criteriosamente selecionado, de acordo com o problema e os objetivos da investigação, que após uma análise crítica foi validado, como já referido anteriormente.

Decorreram no período compreendido entre o dia 12 de julho de 2016 e o dia 24 de julho de 2016. A duração mediou entre quarenta e cinco minutos e uma hora e trinta minutos. A discrepância de tempo, das entrevistas, está relacionada com os níveis de conforto, assimilação das perguntas e raciocínio seletivo das respostas do entrevistado. Foram orientadas pelo guião, previamente preparado e registadas as respostas, de forma escrita e posteriormente pelo entrevistado

Seguidamente, abordaremos os procedimentos éticos que foram aplicados à recolha de dados e aos participantes desta investigação.

3. Questões éticas de recolha de dados

Na recolha de informação procuramos, de forma criteriosa, cumprir as normas e os princípios que regem e orientam as boas práticas éticas. Em uma pesquisa que envolve pessoas, a aplicação das regras éticas foi cuidadosamente observada e cumpridos os preceitos que mais se ajustam ao estudo e às especificidades dos participantes, pois, segundo Fortin (2003), a ética é um “conjunto de permissões e de interdições que tem um enorme valor na vida dos indivíduos” (p. 144). No cumprimento das normas éticas, foi elaborado o termo de consentimento, que requer elementos identificativos e a assinatura dos entrevistados e explicado o fundamento do mesmo. Os participantes, no início da entrevista foram informados que a sua identidade e as informações prestadas seriam sigilosas, durante e depois deste estudo e só responderiam, de forma voluntária, às perguntas que pretendessem. Desta forma, respeitaram-se os valores pessoais e inalienáveis dos colaboradores, na observância das normas éticas.

No prosseguimento do nosso estudo e pelo que o mesmo pode contribuir para a investigação em curso, abordaremos, de seguida, a análise e tratamento da informação recolhida.

4. Tratamento da informação – análise de conteúdo

O objetivo da investigação científica das ciências sociais é conhecer as realidades vivenciais das sociedades em qualquer contexto, seja, social, familiar, escolar ou profissional. Podemos, somente, ter o objetivo de estudá-las para cultura geral, mas também, para detetar lacunas e sugerir soluções adequadas a cada situação em particular.

Depois do trabalho de campo, resultante do contacto com os participantes, foi recolhido o material produzido, através de entrevistas semiestruturadas aplicadas no terreno, tendo este sido analisado com recurso à utilização do método de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo

oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (...) satisfaz harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade

inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 227).

Ainda sobre esta técnica,

uma análise qualitativa de materiais de entrevistas consiste essencialmente em descobrir categorias, quer dizer, classes pertinentes de objetivos, ações, de pessoas ou acontecimentos.(...) definir as suas propriedades específicas (...) construir um sistema ou conjunto de relações entre essas classes (Albarello, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 1995, pp. 118-119).

A informação recolhida, através de entrevistas aplicadas no terreno, foi analisada qualitativamente. A análise de conteúdo foi desenvolvida em passos distintos: exploração e recolha de material descrito pelos entrevistados, que mereceram uma leitura cuidadosa; tratamento e agrupamento do material recolhido e classificado de acordo com a leitura semântica das respostas da entrevista.

O guião de entrevista é composto por cinco partes. A primeira parte refere-se à legitimação da entrevista, onde será feita a apresentação do entrevistador, serão explicados a finalidade e os objetivos da entrevista, assegurada a confidencialidade sobre os dados recolhidos e autorização para fazer a entrevista.

Na segunda parte é feita a caracterização do grupo de participantes, como idade, estado civil, habilitações académicas, número de filhos, idade e nacionalidade.

Na terceira parte são definidas três categorias.

Assim, a categoria A - *Perceções de ser emigrante* apresenta quatro subcategorias: A1 - *Razões de emigração e fator(es) de atração de Inglaterra*; A2 - *Integração sócio-profissional*; A3 - *Situação socioprofissional* e A4 - *Dificuldades e apoios sociais para a inserção*.

A categoria B - *Identidade cultural, conhecer e recolher dados sobre o confronto cultural, entre a cultura de origem com a cultura do país de acolhimento*, apresenta quatro subcategorias: B1 - *Língua*; B2 - *Convívio social*; B3 - *Ligações ao país de origem* e B4 - *Hábitos e costumes*.

A categoria C - *Perspetivas futuras, os projetos de vida profissional e a percepção futura dos entrevistados*, contempla uma única subcategoria, C1 - *Aspirações e desejos*.

No capítulo seguinte será apresentada a análise e os resultados aferidos da consequente pesquisa científica.

Capítulo IV

Apresentação e análise dos resultados

Os temas abordados no enquadramento teórico do nosso estudo, que resultaram da pesquisa bibliográfica, fundamentaram as questões das entrevistas semiestruturadas dirigidas ao grupo de participantes.

Após a recolha de informação no terreno a etapa seguinte da investigação é de acordo com Quivy e Campenhoudt (2008) “proceder à preparação análise e comparação dos resultados obtidos” (p. 216). No entanto, e ainda segundo Miles e Huberman (1994), o processo “vai do momento em que é determinado um campo de observação até à fase que se decide aplicar um sistema de codificação e proceder a resumos” (p. 23).

Assim, neste enquadramento, a análise de conteúdo aos dados obtidos pelas respostas do grupo de participantes, expressos nas categorias A, B e C, decompostas nas subcategorias: A1, A2, A3, A4, B 1, B2, B3, B4 e C1, emergentes da revisão de literatura e em consonância com o problema e com os objetivos desta investigação, foram imprescindíveis para procedermos a uma análise de dados.

Seguidamente, apresentaremos uma análise aprofundada de cada categoria e subcategoria, com base na informação produzida através do instrumento de recolha de dados e sustentada nas informações prestadas pelo grupo de participantes selecionados para este estudo.

1. Categoria A - Perceções sobre ser emigrante

Pretendemos, nesta categoria, compreender como os emigrantes portugueses em Inglaterra percecionam a emigração, descobrindo razões e fatores de atração no país de acolhimento, a sua integração e situação socioprofissional e as dificuldades e apoios sociais para a sua inserção.

Torna-se, assim pertinente analisar as razões que levam à emigração e quais os fatores de atração de Inglaterra que pesam na procura desse destino, o que apresentaremos de seguida.

1.1. Subcategoria A1 - Razões de emigração e fator(es) de atração de Inglaterra

As migrações, como movimento que são de pessoas, têm complexas motivações associadas à dinâmica de mobilidade entre países. No caso específico da emigração

portuguesa para a Inglaterra existem diferentes fatores que podem influenciar esta atração. Neste âmbito, devemos salientar que o processo migratório não é sentido e vivenciado unanimemente por todos os entrevistados da mesma forma.

Neste pressuposto foi formulada a questão - *O que significa para si ser emigrante?*- e as respostas obtidas não são unânimes, há algumas divergências assumidas pelo grupo de participantes, que a seguir transcrevemos:

- *Indivíduo que sai do seu país natal para um outro, para procurar oportunidades de desenvolvimento pessoal e/ou profissional* (Ef1);

- *Nova oportunidade de fazer o trabalho que queria noutra sítio. Em Portugal, na altura não havia oportunidades que tu achasses interessantes, pelo que se torna necessário conhecer outros sítios* (Ef2);

- *Ter maior noção do multiculturalismo e do conceito do universalismo. Aprendizagem* (Ef3);

- *Sair da comunidade onde tens raízes e experienciar outras formas de viver em comunidade* (Em1);

- *Procura de novas oportunidades. O teu país não te dá oportunidades que outros países te dão* (Em2);

- *Emigração para mim é uma oportunidade de ter novas experiências de vida, a nível pessoal. Como emigrante tenho mais oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional* (Em3).

Procurar novas oportunidades, desenvolvimento profissional e conhecer outras lugares é a motivação mais referida nas respostas obtidas. No entanto, há outros interesses para emigrar pois, segundo os entrevistados Ef3 e Em1, é uma experiência desafiante sair do país de origem e conhecer novas formas de vivências sociais e culturais.

Esta nova vaga de emigrantes, de uma forma geral, quando chegam a Inglaterra, são apoiados no processo de integração social e profissional pelos portugueses residentes, como poderemos analisar pelas informações dadas à pergunta - *Que apoios teve no seu percurso de emigração?* - e à qual responderam:

- *Tive o apoio de elementos da comunidade (...)* (Ef3);

- *Apoio de amigos* (Em1, Em2 e Em3),

Verificamos que existe um sentimento de solidariedade para com os emigrantes portugueses recém chegados ao país.

As causas que levam a emigrar são muito diversas, no entanto há um fator dominante que influencia este movimento que é a procura de oportunidades, ou seja, um suposto futuro

melhor. Quando formulamos a pergunta- *Quais as causas que o(a) levaram a emigrar?*- as respostas dadas foram:

- *Fazer um doutoramento* (Ef1);
- *Fazer um pós-doutoramento, ter trabalho* (Ef2);
- *Uma oportunidade profissional e o gosto pela aventura* (Ef3);
- *Falta de trabalho em Portugal* (Em2);
- (...) *oportunidades pessoais e profissionais* (Em3).

Como podemos constatar, o movimento migratório é uma incessante dinâmica na procura de novas e díspares oportunidades.

Emigrar é um projeto pensado e planeado, por isso, o local escolhido como destino é uma decisão refletida e ponderada. Em alguns casos, influenciada por alguns atrativos relevantes e decisivos na opção de escolha.

Quando formulamos a questão - *O que o(a) levou a escolher a Inglaterra como país de destino?* - as respostas obtidas foram as seguintes:

- (...) *trabalhar com cientistas de renome mundial* (Ef1);
- (...) *a língua* (Ef2);
- *Fluência na língua inglesa e afinidade com a cultura anglófona* (Ef3);
- (...) *transporte mais acessível, (...) companhias aéreas low cost* (Em1);
- *Surgiu uma oportunidade uma vez que tinha a minha mãe já estava cá* (Em2);
- *As pessoas em Inglaterra serem simpáticas e prestáveis* (Em3).

Na tomada de decisão de emigrar há fatores que são equacionados, nomeadamente como e quando a deslocação, qual o meio de transporte e a incógnita de futuro.

Nas respostas obtidas à questão - *Como foi planeado o percurso do país de origem a Inglaterra?*- verificamos que subjacente à deslocação havia um plano desenhado e estruturado. Neste âmbito o grupo de participantes respondeu que pesaram os seguintes aspetos:

- *Contrato de trabalho, alojamento e viagens foram previamente preparadas (...)* (Ef1);
- *Já tinha trabalho* (Ef2 e Em2);
- (...) *planos iniciais (...) que surgiram em Portugal* (Ef3);
- (...) *recolha de informação na internet, a nível de trabalhos e expectativas* (Em1).

É evidente pelas respostas dadas que a viagem requereu planificação cuidada antes de se realizar, mas também fica patente, pelas respostas obtidas que, quatro dos entrevistados, Ef1, Ef3, Em1 e Em3 dizem ter feito a viagem sozinhos e Ef2 e Em1 fizeram a viagem acompanhados com namorado(a).

Um contrato de trabalho é fator de prioridade para quem deixa o país de origem e procura outras oportunidades em Inglaterra.

Neste âmbito, a pergunta seguinte questiona essa preocupação, mas Ef2, Em1, Em2 e Em3 responderam que não tinham contrato de trabalho.

Muitos portugueses emigram sem garantia de trabalho, confiantes no fator sorte, como podemos constatar nas respostas abaixo transcritas. Urge a necessidade de diligenciar a obtenção de um contrato de trabalho.

Nesse sentido, os emigrantes portugueses conseguem formalizar um contrato de trabalho num período relativamente curto, como podemos verificar na pois a resposta à questão - *Quanto tempo demorou a conseguir um contrato de trabalho?* - foi de:

- 2 meses antes de vir para Inglaterra (Ef1);
- 6 semanas (Em1);
- 1 mês (Ef2, Ef3 e Em2);
- 1 semana (Em3).

Como podemos verificar, de uma forma geral, o tempo que medeia a obtenção de um contrato de trabalho, de acordo com as respostas obtidas, é entre uma semana e dois meses.

A integração socioprofissional é relevante no processo emigratório. Por tal motivo, iremos analisar as respostas dadas sobre os procedimentos que visam essa integração.

1.2. Subcategoria A2 - Integração socioprofissional

O conceito de exclusão social traduz, de forma demagógica, concepções que podem condicionar a inclusão dos emigrantes, no país de acolhimento. Assim,

o autoconceito pode ser visto como uma estrutura cognitiva reguladora do comportamento em certas condições particulares (...) auto descrições em termos de atributos pessoais (...) auto descrições em termos de pertença (...) evocam, ou tornam salientes, auto concepções diferentes, que são utilizadas para construir os estímulos sociais que regulam o comportamento de forma adaptativa (Brown & Turner, 1981, p. 38).

Neste sentido, os entrevistados/as têm percepções e vivências diferentes sobre a realidade da integração socioprofissional dos portugueses em Inglaterra. Colocada a questão - *Como foi o seu acolhimento em Inglaterra?*- as respostas foram:

- *Foi bom* (Ef1);

- *No trabalho não foi rápido. Demorou a perceber o ambiente de trabalho, (...) a diferença é que eu vinha dos EUA e os ingleses são mais fechados* (Ef2);

- *(...) senti-me perfeitamente integrada logo à priori. A presença portuguesa reforçou esse sentimento e foi reconfortante nos primeiros tempos* (Ef3);

- *Vim viver para casa de um amigo (...) Não tive dificuldades* (Em1);

- *Foi bom apesar das dificuldades do início (...)* (EM2 e Em3).

Os participantes, como podemos verificar, responderam não terem sentido grandes dificuldades no acolhimento, mas há quem tenha vivenciado essa integração, inicialmente, de modo diferente, como foi referido por, Ef2 e Em3, salientando Ef2 que os ingleses são considerados fechados em ambiente de trabalho.

Mas quando se perguntou ao grupo dos participantes deste estudo, se foram bem aceites pela comunidade de acolhimento, de forma unânime, responderam sim.

De forma também unânime responderem não, quando questionados se alguma vez foram vítimas de exclusão ou outro tipo de marginalização.

Arrendar uma casa, ou outro tipo de alojamento, é um dos principais problemas com que os emigrantes portugueses são confrontados quando chegam a Inglaterra. Para termos uma maior perceção destas dificuldades questionamos se foi fácil arranjar alojamento, ao que nos foi dito que foi fácil para todos, à exceção de Ef1 que referiu *-Não. Principalmente devido à pouca oferta de alojamento em Londres.*

O trabalho é garante de rendimento, de estabilidade económica, aceitação e inclusão social. Neste sentido, foi perguntado aos participantes, se o emprego traz vantagens de ordem económica e a resposta foi sem exceção, afirmativa.

Mas, uma das principais razões da emigração portuguesa para a Inglaterra, prende-se com a procura de melhores oportunidades que passam pela realização socioprofissional.

À pergunta *- Sente-se realizado profissionalmente?*- Ef1, Ef3, Em1 e Em3 responderam que se sentem realizado(a)s profissionalmente, ao contrário de Em1 e Em3 que dizem não sentir realização profissional. Ef3 respondeu que apesar de neste momento estar de baixa médica quando trabalhava sentia-se realizada profissionalmente.

A formação é uma das atrações que motiva muitos portugueses(as) a viajar para Inglaterra. Por isso, quisemos saber *- Que vantagens que este país oferece sob o ponto de vista educacional?* - ao que nos foi dito:

- *Oportunidade vasta de continuar a formação académica* (Ef1);

- *Acho que há bastantes oportunidades. Mas não acho que tenha aproveitado muito* (Ef2);

- *Oferece oportunidades de frequentar escolas e instituições de ensino que acolhem pessoas de todo o mundo, (...)* (Ef3);

- *Acesso facilitado e variedade de programas* (Em1);

- *Sim, há muitas possibilidades de formação* (Em2);

- *Muitas vantagens. Muitos cursos aqui são gratuitos. (...). Em Portugal, não existem oportunidades de formação tão relevantes à profissão que temos e que queremos desenvolver* (Em3).

As respostas são coincidentes em relação às oportunidades educacionais nas variadas vertentes formativas, embora não haja um total aproveitamento, segundo o relato da entrevistada Ef2.

O convívio social é considerado uma das necessidades básicas do ser humano, por isso, quisemos saber - *Com quem se relacionam os portugueses em Inglaterra?* - responderam

- *Igual. Portugueses e não portugueses (ingleses e outras nacionalidades)* (Ef1);

- *40% portugueses, 40% estrangeiros e 20% ingleses* (Ef2);

- *Portugueses* (Ef3 e Em2);

- *Maioritariamente portugueses* (Em1);

- *Mais com ingleses ou outras nacionalidades* (Em3).

De uma forma geral, os portugueses residentes em Inglaterra mantem um relacionamento proximal, como se pode aferir através das respostas obtidas, com a comunidade portuguesa. No entanto, Ef1 e Ef2 afirmaram que se relacionam de igual modo com portugueses e ingleses. Já o participante Em3 contacta mais com ingleses.

Outras nacionalidades e estrangeiros não foram identificados por Ef1, Ef2 e Em2.

Diversos fatores podem influenciar o convívio entre pessoas, como podemos confirmar nas respostas dadas pelo grupo de participantes neste trabalho.

- *A profissão requer lidar com ingleses e outras nacionalidades. Socialmente lido mais com portugueses* (Ef1);

- *Socialmente e profissionalmente. Metade dos meus amigos vem do meu ambiente profissional* (Ef2);

- *Sendo bilingue e tendo afinidade com a cultura anglófona (...). Por outro lado, a minha natureza portuguesa obriga-me a ter contacto com a comunidade portuguesa, com a qual tenho afinidade linguística, cultural e sentimental* (Ef3);

- *Por questões de proximidade cultural* (Em1);

- *Por ser mais fácil falar a minha própria língua (Em2).*

Analisando as respostas obtidas, verificamos que as relações desenvolvidas com ingleses provêm do ambiente profissional, de acordo com Ef1 e Ef2. Mas os restantes participantes disseram que o convívio entre portugueses tem vínculo à identidade cultural do país de origem, com relevância na língua.

Nos últimos anos a emigração portuguesa, neste país de acolhimento, teve um aumento expressivo, não só quantitativo mas também qualitativo. Por isso, foi colocada a pergunta - *Consideram haver diferenças, entre os emigrantes portugueses que vivem em Londres há muitos anos e os que chegaram há poucos anos e que tipo de diferenças percecionam?*-as respostas foram as seguintes:

- (...) *vêm mais preparados, profissionalmente. Talvez devido ao acesso à informação na internet (Ef1);*

- *A vaga mais recente é mais qualificada que a vaga anterior. Por isso pode ter outro tipo de oportunidades (Ef2);*

- (...) *existe entre a vaga mais recente de e(i)migrantes um segmento constituído por académicos e profissionais. Estes últimos integram-se na sociedade de acolhimento mais facilmente e manifestam vontade de permanecer no país (Ef3);*

- (...) *Já vêm com mais bases da língua inglesa (Em2);*

- (...) *Hoje as pessoas já vêm com mais informação, já dominam melhor a língua, já sabem mais sobre o sistema inglês. As pessoas, hoje em dia, já não vêm só para trabalhar e poupar dinheiro (Em3);*

- *Não há muita diferença (Em1).*

Os participantes responderam que *sim*, estão mais preparados profissionalmente, mais informados sobre a realidade social e profissional do país de acolhimento. No entanto, nem todos concordam com esta análise, como podemos verificar na resposta de Em1 que afirma *Não perceciono diferenças relevantes.*

O emigrante português que, no passado, emigrava para Inglaterra, caracterizava-se pela pouca formação profissional e académica, pessoas oriundas de classes menos favorecidas que se deslocam para outros países e outros continentes. Porém, hoje, este conceito que foi formado ao longo dos tempos, sofreu significativa alteração nas últimas décadas, atualmente é uma emigração mais qualificada que vai impondo um novo conceito dos portugueses, neste país de acolhimento.

Neste sentido, iremos transcrever as respostas obtidas aquando da formulação da questão - *Qual o impacto desta nova imagem dos portugueses?*

- *Não sei se esta nova vaga será o suficiente para mudar a imagem dos portugueses* (...) (Ef2);

- *Não encontro nenhuma diferença* (Em2);

- *Acho que não mudou a imagem dos portugueses. À partida as pessoas veem os portugueses como emigrantes, e têm a ideia que (...) vêm à procura de novas oportunidades.* (...) (Em3);

- *Acho que os profissionais e académicos estão a contribuir muito para que a imagem do emigrante português seja mais positiva e valorizada* (Ef3);

- *Portugal é hoje visto como um país com mais abertura do que antigamente* (Em1).

Como podemos verificar, existe a perceção que os emigrantes mais recentes e com mais formação profissional e académica, não alterou a imagem formada sobre a comunidade emigrante portuguesa. No entanto, Ef3 e Em1 têm a uma perceção diferente, sobre este assunto, dizem que os novos emigrantes deram uma nova imagem à comunidade emigrante portuguesa residente na Inglaterra.

O estabelecimento de relações sociais entre a comunidade antiga e a mais recente poderá ser um manifesto vínculo de entreaajuda, convívio social e preservação de valores culturais fundamentais. Assim, para termos uma perceção concreta sobre essas relações, formulamos a seguinte pergunta - *Como se relaciona esta nova vaga de emigrantes com a vaga de emigrantes mais antigos?*- à qual nos foi dito:

- *Não muito. Acho que as relações pessoais entre estas comunidades não existem tanto. A nova vaga de emigrantes fala melhor a língua e estabelece mais facilmente relações com não portugueses* (Ef2);

- *Acho que não se relacionam muito* (Em3);

- *Existem clivagens em termos de mentalidade e educacionais entre a emigração mais antiga e a mais recente, mormente os académicos e profissionais. Apesar disso, existe uma interação entre as duas vagas, mas por vezes ténue* (Ef3);

- *Sim, em alguns casos sim* (Em2);

- *As relações não dependem de terem emigrado há mais anos ou recentemente, mas sim com os interesses e preferências sociais de cada um* (Em1).

As respostas obtidas manifestam de forma clara que as relações sociais entre a comunidade emigrante portuguesa da vaga mais recente e da vaga mais antiga, não são as melhores.

Na subcategoria seguinte, abordaremos as vicissitudes e vivências socioprofissionais da diáspora portuguesa em Inglaterra.

1.3. Subcategoria A3 - Situação socioprofissional

O perfil do emigrante português em Inglaterra, alterou-se nas últimas décadas, deixou de ser mão-de-obra maioritariamente indiferenciada e pouco valorizada e passou a qualificada, assumindo posições hierárquicas superiores intermédias em todas as áreas da vida económica, profissional e social. Para avaliar o nível de satisfação dos emigrantes portugueses, nas funções que exercem, foi perguntado - *Como se sente com o atual emprego?*

- Ef1, Ef2, Em1 e Em2, dizem estar satisfeitos(as) e sentem-se bem com o atual emprego e Ef3 acrescenta *Gosto do que faço e faço o que gosto*, Em2 destaca *Sou bem acolhido*.

As respostas obtidas, demonstram que o nível de satisfação no emprego é percebido de forma positiva.

Quando questionamos os participantes sobre se consideram a remuneração adequada, as respostas obtidas manifestam que a remuneração auferida é justa, adequada à profissão que exercem e apenas Em2 não a considera adequada.

As habilitações académicas e profissionais são fatores preponderantes na procura de melhores oportunidades, emprego e remuneração. Por isso, foi colocada a questão - *Quais as habilitações académicas que possui e qual a compatibilidade com a sua atual profissão?*

-Ef1 e Ef2 possuem o grau de doutoramento, Em1 licenciatura e Ef3, Em2 e Em3 estudos secundários, tendo sido considerada a formação académica compatível e adequada à profissão que exercem no país de acolhimento. Mas as qualificações também podem ser um fator de oportunidade de melhor emprego e remuneração.

À questão - *Considera que as qualificações académicas são uma mais-valia em Inglaterra?* - todas as respostas foram positivas.

Sabemos que as qualificações académicas são determinantes no momento da seleção e recrutamento dos candidatos ao emprego. Porém, o grupo de entrevistados, também realçou os aspetos da mais-valia da formação académica, da seguinte forma:

- *Valorização da formação académica. Mais fácil encontrar emprego e melhor salário* (Ef1);

- *É importante para os trabalhos ter estas qualificações. São requisitos. As pessoas valorizam quem tem um doutoramento* (Ef2);

- *Habilitações de ensino superior coloca-te logo, à priori, em patamares do mercado de trabalho mais elevados e melhor remunerados* (Ef3);

- *Oferece mais e melhores oportunidades profissionais* (Em1);

Os participantes realçam aspetos importantes sobre a formação académica, na obtenção de empregos com funções e salários mais relevantes, tendo o participante Em3 referido os cursos profissionais como uma mais-valia para progredir profissionalmente.

Quais são, para si, as principais vantagens, a nível social e profissional, de estar em Inglaterra?- foi a questão que colocamos para conhecer a perceção que o grupo de participantes tem sobre as vantagens de viver em Inglaterra, ao que nos foi referido:

- *Acesso a mais oportunidades profissionais* (Ef1);

- *Mais e mais variadas oportunidades profissionais que em Portugal. Aqui há várias instituições que financiam a investigação, por exemplo* (Ef2);

- *Oportunidade para expandir a nossa mundividência e boas oportunidades de progressão de carreira profissional* (Ef3);

- *Socialmente não há nenhuma. É difícil de manter relações sociais devido à dimensão da cidade de Londres. É preciso planear com muita antecedência. Há pouca espontaneidade nas relações pessoais. Profissional, há mais facilidade na mobilidade de emprego* (Em1);

- *A nível social ter contacto com diferentes culturas. Profissionalmente, existem muitas oportunidades diferentes* (Em2);

- *Socialmente é muito limitado. Não saio muito de casa. A vantagem é ter vida própria, tenho emprego e casa. Em Portugal talvez não tivesse isso. Estou a contribuir também para a minha reforma e sinto-me muito mais estável* (Em3).

Os participantes destacaram que o país de acolhimento lhes proporciona, sobretudo, vantagens profissionais, mas as relações sociais com os naturais quase não existem.

A subcategoria abaixo analisada refere as dificuldades sentidas e os apoios sociais de que beneficiaram os emigrantes portugueses e que permitiram a sua inserção no país de acolhimento.

1.4. Subcategoria A4 - Dificuldades e apoios sociais para a inserção no país de acolhimento

Aquando da chegada a Inglaterra, os emigrantes são confrontados com várias dificuldades. Todavia, as realidades, em muitos casos, são bem diferentes em relação ao país de origem, sobretudo, a organização das instituições públicas, leis vigentes, transportes, métodos, horários de trabalho e desconhecimento de apoios que podem promover a inserção socioprofissional. Por isso, para muitos emigrantes portugueses não foi um processo fácil para resolver estes constrangimentos.

Quando colocada a questão - *Quais as maiores dificuldades que sente, para resolver os problemas que lhe vão surgindo no dia a dia?* - foi-nos respondido que as maiores dificuldades se prendem com questões burocráticas, como afirmam Ef2, Ef3 e Em3. Contudo, foram referidas ainda outras dificuldades, nomeadamente:

- *Entender como funcionam algumas repartições e instituições públicas, como finanças, serviço nacional de saúde* (Ef1);
- *Burocracia das instituições britânicas* (Ef2, Ef3 e Em3);
- *Falta de tempo* (Em1);
- *Principalmente, escrever um email em inglês sem precisar de ajuda* (Em2);

Se são sentidas dificuldades é natural solicitar ajuda no sentido de as ultrapassar, pelo que a resposta à questão *A quem costuma recorrer para resolver esses problemas?* - permite-nos verificar que Ef1 e Ef2 dizem recorrer à *internet e amigos*, embora Ef2 acrescente que liga também *diretamente à instituição*. Ef3 e Em1 dizem não recorrer a *Ninguém*, mas Ef3 conclui que *Por ser fluente em inglês, tenho facilidade em resolver por mim própria*. Em2 refere que recorre a *Amigos* e Em3 salienta que *“A nível burocrático eu trato tudo em Portugal”*.

Sobre esta questão, as respostas são variadas, no entanto, a *internet* e os amigos são as opções mais utilizadas para resolver os assuntos inerentes à estadia no país. Mas também, responderam que não recorrem às instituições portuguesas para resolver os problemas com que são confrontados no dia-a-dia, como podemos verificar nas respostas à questão - *Recorre a instituições portuguesas?* - em que só Em3 refere *Sim, em Portugal*.

Quando perguntamos- *Sente apoio por parte das instituições inglesas?*- as opiniões dividem-se entre o sim e o não.

Ef1, Ef2 e Em2 referiram que sentem apoio, tendo Ef2 salientado que *, nunca tive problemas muito graves. O facto de trabalhar em Universidades, ajuda uma vez que estão muito preparadas para dar a apoio a alunos e funcionários estrangeiros.*

A resposta à pergunta - *Recorre a amigos mais esclarecidos?*- permite-nos concluir que estes desempenham um papel importante de entreajuda, pois só Em1 refere que não recorre aos amigos e Ef3 frisa que, *às vezes. Por exemplo na área contabilística.*

À questão - *É autónomo na resolução desses problemas?* - responderam unanimemente que sim.

A integração social e profissional é um processo que requer um longo percurso de adaptação, sendo imprescindíveis ou relevantes os apoios dados para levar a cabo esse objetivo e, neste âmbito, formulamos a questão - *Quais os apoios que teve ao longo da sua inserção social, sobretudo nos primeiros tempos?*- ao que nos foi dito:

- *Ajuda de amigos* (Ef1 e Em2);

- *O meu irmão ajudou-me* (Ef2);

- *Nos primeiros tempos recorri a alguns conhecimentos que já cá viviam para arranjar alojamento* (Ef3);

- *Alguns conselhos de amigos que já tinham mais experiência em lidar com algumas instituições e repartições inglesas, (...) abrir conta no banco, arrendar casa, etc.* (Em1);

- *Apoio de uma amiga no primeiro alojamento e ajudou-me na procura de emprego* (Em3).

De salientar que Em2 não respondeu à questão.

Há exceção de Ef2 que teve apoio de familiares, verificamos, uma vez mais, que as primeiras ajudas aos emigrantes recém chegados a Inglaterra são prestadas pelos amigos residentes há mais tempo no país.

Na categoria seguinte iremos abordar a questão da identidade cultural de forma a interpretar os fatores que contribuem para o emigrante preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento e a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de destino permitem uma integração socioprofissional.

2. Categoria B - Identidade cultural

No entender de Castells (1997) “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (p. 2). Assim, pretendemos nesta categoria saber objetivamente, se o emigrante português em contacto com a cultura inglesa, se acultura ou se conserva a sua cultura de origem e ainda se a identidade cultural é fator de inclusão ou exclusão social. A identidade cultural constitui especificidades únicas que caracterizam as diferenças entre pessoas ou povos porque, no entender de Calhoun (1994), “não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idioma ou culturas em que alguma forma de distinção entre eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida (...) ser conhecido, de modos específicos pelos outros” (pp. 9-10).

A língua, o convívio social, as ligações ao país de origem, os hábitos e costumes tradicionais são fatores preponderantes para a preservação da identidade cultural de um povo, pelo que serão analisados nas subcategorias a seguir apresentadas.

2.1. Subcategoria B1 – Língua

O idioma do país de acolhimento, neste caso a língua inglesa, é uma barreira à comunicação, entre os emigrantes e os nacionais ingleses, fator inibidor de interação e condicionante de inclusão social e profissional, pois corroboramos a ideia de Bitti (1977) em que “a linguagem é a forma mais complexa e evoluída de comunicação” (p. 77).

No entanto, nem todos sentem a mesma dificuldade, uns por terem conhecimentos prévios da língua, outros pelo apoio recebido de amigos residentes no país, há mais tempo. Assim, nesta subcategoria, iremos perceber essas dificuldades e como os emigrantes portugueses as superaram.

As respostas à questão - *Quando emigrou como avalia o seu grau de domínio da língua inglesa?* - foi referido como *Intermédio* por Ef1 e por Em1, *Avançado* por Ef2, *Fluente, bilingue* por Ef3, *Básico* por Eme e Em3 diz *Falava muito pouco*.

Verificamos que, a maioria dos entrevistados, quando emigraram, já tinha conhecimento da língua inglesa. No entanto, Em2 e Em3 não possuíam um amplo conhecimento da língua inglesa, quando chegaram ao país de acolhimento.

Mas ao querermos saber se- *Sentiu dificuldades em se fazer compreender, quer no exercício da sua profissão quer socialmente?* - foi-nos dito:

- *Alguma* (Ef1);

- *No início custava entender os ingleses, algumas pronúncias. Às vezes era difícil de entender as diferentes pronúncias ao telefone (Ef2);*

- *Sim (Em1 e Em3);*

- *Alguma, no início. 3 meses e melhorou (Em2);*

Apenas Ef3 respondeu *Não*.

Pelas respostas obtidas, com exceção da participante Ef3, todos os entrevistados manifestaram ter sentido dificuldade na compreensão da língua, principalmente na fase inicial. Mas, quando inquiridos - *Como ultrapassou essas dificuldades?* - responderam da seguinte forma:

- *Praticando a língua em vários contextos, social e profissional (Ef1);*

- *Continuei, não desisti de falar (Ef2);*

- *Com a experiência (Em1);*

- *Vídeos e filmes em inglês. Ler mais notícias em inglês (Em2);*

- *Nos primeiros tempos, andava sempre com um dicionário, lia sempre as notícias nos jornais e procurava aos meus colegas (Em3).*

Quisemos ainda saber se habitualmente comunica na língua de origem, pelo que formulamos a questão - *Mantém como hábito continuar a falar a sua língua materna?* – à qual todos responderam que sim.

Mas, ainda quisemos saber - *Em que circunstâncias falam a língua materna?* – ao que nos foi dito por Ef1, Ef2, Em1 que a língua materna era falada *Em casa*, embora Ef1 referisse falar também com *Amigos portugueses* e Em1 referiu também falar com a *Namorada*. Em3 também fala a língua materna *Socialmente, com amigos portugueses*.

Como podemos verificar nas informações recolhidas, os emigrantes portugueses residentes em Inglaterra mantêm viva a língua materna. Podemos aferir também que a comunicação entre a comunidade é feita na língua de origem, quer em ambiente social, familiar e em contexto de trabalho entre portugueses.

2.2. Subcategoria B2 - Convívio social

O ser humano é por natureza social, por isso, tem necessidades de socialização, de conviver. De acordo com Weber (s/d) “por ação social deve entender-se uma conduta plural, de vários, que, pelo sentido que encerra, se apresenta como referência recíproca (...) consiste pois, total e exclusivamente, na probabilidade de que se atuará socialmente na forma esperada” (p. 78).

As questões que a seguir colocamos permitirão compreender como os emigrantes portugueses socializam em Inglaterra e de que forma esse processo social é desenvolvido e percebido na comunidade.

À questão - *Com quem se costuma relacionar mais em Inglaterra, com ingleses ou portugueses?* – foi respondido por Ef1 e Ef2 que o fazem de forma *Igual* quer com portugueses quer com ingleses, enquanto Ef3 e Em1 apenas se relacionam com *Portugueses*, Em2 com a *Namorada e amigos* e Em3 com *Ingleses e outras nacionalidades*.

Como podemos constatar os emigrantes portugueses, têm um relacionamento igual com portugueses e ingleses. No entanto, o Em3 disse relacionar-se com ingleses e outras nacionalidades que não mencionou. Ainda neste contexto quisemos saber se - *Frequenta associações portuguesas?* - mas, apenas Ef3 disse frequentar uma associação portuguesa, que à pergunta - *Quais e em que circunstâncias* - retorquiu,

- *Para eventos sociais: Centro Cultural Desportivo, Futebol Clube do Porto, Academia do Bacalhau, Grupo Portugueses 4 Europe.*

A mesma questão foi formulada sobre associações inglesas e também apenas Ef3 respondeu frequentar o *Partido Trabalhista, Stand Up to Racism*.

No sentido de sabermos se - *Pertencem a alguma associação cultural ou recreativa portuguesa* - apenas Ef2 diz pertencer a *PARSUK, membro não ativo* e Ef3 diz pertencer à *Academia do Bacalhau, que frequenta uma vez por mês*.

Quando colocamos a mesma questão mas sobre associações inglesas - *Pertence a alguma associação cultural ou recreativa inglesa?* - todas as respostas a esta questão foram negativas.

Concluímos, pelas respostas obtidas, que a maioria dos emigrantes portugueses residentes em Inglaterra não mantem hábitos associativos.

2.3. Subcategoria B3 - Ligações ao país de origem

Emigrar pressupõe deixar o país de origem durante um período de tempo mais ou menos longo não sendo fácil, tanto para os que partem como para os que ficam. Episódios de vivências pessoais e grupais, acontecimentos temporais ou espaciais, são recordações que fazem parte da bagagem dos que partem e que durante o ciclo migratório procuram estar a par de todos os acontecimentos políticos, económicos e sociais que marcam a atualidade do seu país.

A fim de conhecermos o real e verdadeiro interesse que os emigrantes portugueses têm dos vários acontecimentos que ocorrem em Portugal, formulamos a questão - *Mantém-se informado sobre o que se passa em Portugal?*

Todos os participantes no estudo responderam que se mantêm informados sobre o que se passa no país de origem, à exceção de Em2 que disse não ter qualquer informação, não justificando o porquê da sua resposta.

Mas é para nós importante saber - *De que forma obtém essa informação?* – ao que nos foi respondido por Ef1, Ef2, Em1 e Em3 ser através de *Jornais portugueses online*, enquanto que Em3 acrescenta também ver *Canais de televisão portuguesa* e Ef3 refere a *Internet*.

Verificamos, de forma geral que o meio usado para adquirir informação sobre o país de origem é através das novas tecnologias da comunicação, *internet* e televisão.

2.4. Subcategoria B4 - Hábitos e costumes tradicionais

Pretendemos, nesta subcategoria, abordar a diferenciação de hábitos e tradições entre culturas e a preservação dos usos e costumes do país de origem,

(...) numa proximidade territorial que permite refazer hábitos e tradições das comunidades de origem implicam um esforço de identidades diferenciadas que se consubstancia numa marca multicultural, visível não apenas sob o ponto de vista simbólico ou mental, mas também sob o ponto de vista físico e material, já que não são apenas gostos, ideias, tradições espirituais aquilo que circula, mas sim corpos, aglomerados de pessoas, objetos, vestuário, línguas, e rituais ou cerimoniais sociais a cultura portuguesa e a Grã-Bretanha (André, 2012, p. 109).

Neste caso em concreto, 60% da comunidade portuguesa concentra-se, na zona metropolitana da cidade Londres, por isso, exige adaptação à realidade quotidiana em todas as dimensões. Para termos uma melhor perceção como os portugueses se ajustam a esta nova exigência, colocamos a questão - *Modificou os seus hábitos quotidianos em relação ao seu país de origem?*

Os entrevistados responderam que tiveram necessidade de alterar hábitos, com exceção do participante Em3 que respondeu *Não*. Quando perguntamos - *De que forma alteraram os hábitos?* – os inquiridos responderam:

- *Horários de atividades quotidianas. Por exemplo, a hora de jantar ou sair com amigos. Aqui faço mais cedo que em Portugal. Saio mais cedo de casa para o trabalho e*

chego a casa mais tarde, alterei as horas das refeições, menos vida social e familiar por ex. (Ef1);

- Em termos de rotina quotidiana, a forma como me desloco, como faço compras (cultura do high street vs centros comerciais) e em termos gastronómicos (Ef3);

-Não socializo depois do trabalho durante a semana. Dispensar mais tempo em transportes públicos (Em1).

- (...) a acordar mais cedo e chegar mais tarde a casa. Ter uma rotina. Adquirir mais responsabilidades (Em2);

- Mudei a alimentação. Não como muita comida portuguesa. Como mais comida estrangeira. Bebem-se mais bebidas alcoólicas. Vou passear mesmo que esteja a chover (Ef2);

-Tento manter os mesmos hábitos com que fui criado em Portugal (Em3).

Pelas respostas obtidas verificamos que os emigrantes portugueses residentes em Inglaterra alteraram significativamente os hábitos. Horários de trabalho, transportes, hábitos alimentares e convívio social são as alterações mais significativas sentidas. O participante Em3 disse manter as mesmas rotinas do país de origem. No entanto, em relação à preservação de traços culturais do país de origem, nas respostas obtidas a esta pergunta, todos responderam que mantêm usos e costumes do seu país.

Mas, - *De que forma mantém esses hábitos?* - as respostas foram:

- Mantendo a língua e continuando manter-me atualizada de novas evoluções culturais no país. Por exemplo, novas bandas, cantores (Ef1);

- Falo a língua portuguesa. Às vezes vou a restaurantes portugueses. Ouço música portuguesa. Vou a alguns concertos de bandas portuguesas (Em1);

- Gastronomia portuguesa, língua portuguesa (Em2);

- Eu gosto de comida portuguesa. Gosto de música portuguesa. Torço pela seleção portuguesa (Ef2);

- Frequentando eventos sociais portugueses e outras iniciativas comunitárias e gastronomia (Ef3);

- Tenho sempre coisas portuguesas em casa. Decoração portuguesa, comida e bebidas portuguesas. Estou sempre em constante contacto com família e amigos (Em3).

Podemos verificar que os emigrantes portugueses residentes em Inglaterra não esquecem os traços culturais de origem, com destaque para a língua e a gastronomia portuguesa.

A cultura é um conjunto de especificidades próprias de cada povo. Estas características definem diferenças no ser e estar em comunidade, para saber como os participantes percebem estas diferenças ou possíveis semelhanças, colocamos a questão - *Que semelhanças e que diferenças encontram entre a cultura portuguesa e a inglesa?* - a que nos foi dito:

- *Diferenças: usos e costumes, rotinas, sentido de vida, gastronomia, hábitos culturais e desporto. Próximo: lazer, novas tecnologias, vestir, saúde* (Ef1);

- *Sobretudo diferenças. Os ingleses numa cultura de trabalho são mais fechados, mas a nível social são mais abertos, fazem um esforço para integrar uma pessoa nova. Os ingleses têm muita dificuldade em darem feedback negativo* (Ef2);

- *Semelhança: modo de viver ocidentalizado, importância do mar na cultura dos dois povos, valorização da história e feitos passados. Diferenças: os britânicos são mais racionais e menos emotivos que os portugueses. Os britânicos são mais pragmáticos e planejam melhor* (Ef3);

- *Para além da paixão pelo futebol, não encontro mais semelhanças aparentes entre estas duas culturas. Encontro muita diferença nas relações interpessoais. Os ingleses são mais distantes e mantêm relações mais superficiais (...) são mais cordiais (...) na prestação de serviços públicos* (Em1);

- *Os ingleses são mais distantes e fechados nas relações sociais, principalmente os mais velhos. Cultura gastronómica é muito diferente* (Em2);

- *Diferenças mais na gastronomia no estilo de vida. Aqui as pessoas ficam mais alcoolizadas* (Em3).

Pelas respostas obtidas, concluímos que existem significativas diferenças culturais, mas também algumas semelhanças. A exposição à ocidentalização cultural e à globalização tecnológica são fatores que nos aproximam. No entanto, também foi dito pelos entrevistados que as relações pessoais, profissionais e sociais são vivenciadas de forma diferente.

No que respeita à adaptação dos emigrantes portugueses à cultura inglesa, Ef2 referiu - *No trabalho quando cheguei tive alguma dificuldade. Não foram muito simpáticos. Os ingleses não falam muito e não oferecem muita ajuda* e os restantes elementos do grupo de participantes dizem ter conseguido uma boa adaptação.

No sentido de verificar como conciliam as diferenças culturais, formulamos as questões - *Quais as diferenças culturais do seu país de origem e de Inglaterra?* - *Como lida com as mesmas?* - Ef1 e Em2 dizem *Bem, adapto-me* e Em1 *Acho interessante reconhecer que há formas diferentes de encarar as mesmas situações.*

Os entrevistados que se disponibilizaram a responder a esta questão, Ef1 e Em2 responderam adapto-me, gerem de forma positiva as diferenças culturais. Em1 disse ser interessante encarar as mesmas situações de forma diferente, mas não as descreveu concretamente.

Há uma presença significativa de comércio tradicional português em Inglaterra e, neste sentido, formulamos a questão - *Faz compras com regularidade em estabelecimentos portugueses?* – em que os participantes Ef1, Em1, Em2 e Em3 responderam *Não*, mas Em2 disse ainda *Só se quiser um produto específico, mas não é regular* e Em3 *Mas trago muitos produtos de Portugal*. Ef2 refere que o faz *Com pouca regularidade* e Ef3 refere que *Sim, com alguma frequência. Mas a maior parte das minhas compras são efetuadas em estabelecimentos britânicos, por uma questão de preço e por gostar da diversidade gastronómica*.

Pelas respostas dadas verificamos que a maioria dos portugueses não faz compras, regularmente, nos estabelecimentos tradicionais portugueses.

Mas, todo o grupo de entrevistados respondeu afirmativamente à questão - *Mantém costumes alimentares do país de origem?*

Quanto a se - *Costuma festejar as tradições portuguesas? Se sim, quais e com quem? Se não, quais os motivos?* - Ef1, Ef2, Em1 e Em2 responderam *Não*, e apenas Ef2 e Em3 responderam *Sim*, pelo que a maioria não festeja as tradições portuguesas. No entanto, há imigrantes que celebram as festas tradicionais portuguesas no país de acolhimento, como é o caso de Ef3 que diz celebrar a *Páscoa, Natal, Ano Novo, São João e o Dia de Portugal e das Comunidades* e Em3 o *Natal e Páscoa*.

Quanto aos motivos apontados para as respostas dadas Ef1 diz *Não me sinto ligada aos dias e tradições portuguesas. Apenas festivo o Natal*, Em1 diz *Aqui fico mais alienado do espírito festivo destas tradições* e Em2 refere *Porque não há o ambiente certo para estes festejos*.

Com que regularidade se desloca a Portugal e em que circunstâncias? - foi mais uma questão colocada para atingirmos os objetivos que nos propusemos e tivemos as seguintes respostas:

- 3 vezes por ano. *Em férias* (Ef1);
- 3 ou 4 vezes por ano, *para ver a família* (Ef2);
- 2 vezes por ano *em férias* (Ef3);
- *Cada vez com menos frequência. Ultimamente, 3 vezes por ano em férias* (Em1);
- 2 ou 3 vezes por ano (Em3);

- *1 vez por ano em férias* (Em2).

Pelas respostas obtidas concluímos, os emigrantes portugueses residentes em Inglaterra deslocam-se ao país de origem entre uma e três vezes por ano e quase sempre no período de férias.

Na categoria seguinte iremos fazer uma breve abordagem a fim de analisar o significado da forma como os emigrantes perspetivam o futuro, auscultando as suas aspirações e desejos.

3. Categoria C - Perspectivas futuras

O futuro intriga permanentemente o ser humano, pois não só é uma constante incógnita, mas também um fator de motivação, inovador e criativo. Como pessoa pensante idealiza e desenha planos para o futuro. Por isso, nesta categoria iremos tentar compreender o que os emigrantes portugueses, residentes em Inglaterra perspetivam para o futuro.

3.1. Subcategoria C1 - Aspirações e desejos

A facilidade de mobilidade que a globalização proporciona às pessoas, criou alternativas de procurar o que o seu próprio país não pode dar. Assim, nesta subcategoria, iremos questionar o grupo de entrevistados acerca do que pensam sobre o futuro, enquanto emigrantes e ainda sobre a própria comunidade portuguesa em Inglaterra.

Colocamos a questão - *Que aspirações tem para o futuro?* – e responderam assim:

- *Progredir profissionalmente e regressar a Portugal a médio prazo* (Ef1);

- *Continuar a viver na Inglaterra mas mantendo sempre laços estreitos com Portugal* (Ef3);

- *Devo ficar por Inglaterra, mas contrariado. Se tivesse oportunidades de emprego em Portugal e que me desse oportunidade de ter uma vida autónoma, iria para Portugal (...)* (Em3);

- *Ficar em Inglaterra definitivamente. Trabalhar cá e fazer vida aqui* (Ef2);

- *Progredir profissionalmente em Inglaterra. E evoluir a nível pessoal* (Em2).

Nas respostas obtidas, os entrevistados manifestam vontade de continuar em Inglaterra. No entanto, também equacionam, se tiverem oportunidades, regressar ao país de origem.

À questão - *Durante quanto tempo pensa residir em Inglaterra?* - disseram:

- *Mais 2 anos* (Ef1);

Definitivamente (Ef2);

- *Indefinidamente* (Ef3);

- *Quero ficar cá mais alguns anos, mas não para sempre. Iria para Portugal, se o país desse mais futuro* (Em2);

- *Não sei* (Em1 e Em3).

As perspetivas sobre este assunto são divergentes, pois há quem queira regressar ao país de origem, ou definitivamente permanecer em Inglaterra, mas há também quem não opine sobre o futuro Em1 e Em3.

Pensa regressar a Portugal ou ir para outro país? – *Sim* referem Ef1, Em1 e Em2, enquanto Em3 diz *Sim, para Portugal quando tiver uma oportunidade profissional ou quando estiver reformado*. Ef3 considera *É uma possibilidade quando atingir a idade da reforma* e apenas Ef2 diz *Não*.

A maioria dos participantes, como podemos verificar nas respostas obtidas, pensam abandonar a Inglaterra, no entanto Ef2 pensa permanecer definitivamente em Inglaterra.

Como vê o futuro da sua comunidade em Inglaterra? - as respostas foram as seguintes:

- *Continuar a crescer nos próximos 2 anos. O número irá estabilizar após a saída do Reino Unido da União Europeia* (Ef1);

- *Acho que os portugueses têm futuro aqui. A imigração portuguesa vai continuar, talvez menos, mas vai ter futuro. Vai depender de nós e da nossa facilidade em nos integrarmos e vontade de desenvolver e aprender* (Em3);

- *Eu prevejo que a comunidade portuguesa irá desenvolver-se qualitativamente devido à influência e presença desta nova geração de imigrantes académicos e profissionais, e com os nossos luso-descendentes a se integrarem cada vez mais no tecido da sociedade de acolhimento* (Ef3);

- *Sinto-me parte da comunidade de estrangeiros em Inglaterra. Acho que não vai haver mudanças significativas no futuro, relativamente aos estrangeiros. Contudo, estou um pouco apreensiva* (Ef2);

- *Atualmente um pouco apreensivo devido à recente situação política e económica do país* (Em1);

- *Não sei bem. Com o Brexit, é difícil de prever* (Em2).

As respostas obtidas revelam que os portugueses estão confiantes e acreditam que a comunidade emigrante neste país de acolhimento tem futuro. No entanto, também há quem esteja apreensivo sobre o futuro após a saída deste país da União Europeia.

Nesta investigação, após a interpretação e análise do material recolhido é fundamental, procedermos à discussão dos resultados obtidos. Nesse seguimento, iremos apresentar, de acordo com o problema em estudo, os objetivos definidos e os dados produzidos, uma resposta objetiva para melhor compreendermos, a realidade desta temática, ou seja, a emigração portuguesa em Inglaterra.

Após a apresentação e análise do material recolhido procederemos à discussão dos resultados obtidos.

4. Discussão dos resultados

Os objetivos definidos para este estudo permitiram dar resposta ao problema- *Poderão as perceções dos emigrantes portugueses face ao fenómeno da emigração serem uma mais-valia para a preservação da identidade cultural do seu país de origem?* Para tal, as questões colocadas ao grupo de participantes, formuladas através de uma entrevista semiestruturada e de acordo com os objetivos definidos são, tal como refere Quivy e Campenhoudt (2008), “ (...) os que resultam das operações anteriores, é comparando estes últimos com os resultados esperados (...) que podemos tirar conclusões” (p. 220). Nesta linha de pensamento, concordamos com Miles e Huberman (1994) que refere “extrair significados a partir de uma apresentação síntese dos dados, pondo em evidência ocorrências regulares, (...), permite que os objetivos traçados sejam atingidos (p. 11).

A fim de dar resposta ao objetivo- *Compreender como os emigrantes percecionam a emigração* - verificamos que a causa para emigrar é essencialmente a procura de melhores oportunidades, quer sejam de natureza económica, profissional, formação académica, aventura ou experienciar uma nova forma de vida.

Os emigrantes portugueses em Londres estão integrados socialmente na comunidade de acolhimento, preservam a identidade cultural de origem, embora se adaptem, por conveniência temporal, à cultura dominante.

No plano profissional exercem atividades diversificadas e possuem formação profissional e académica diferenciada. Manifestam sentimentos de conforto no contexto laboral e consideram que a remuneração é adequada à função que exercem.

No entanto, têm sempre no horizonte um dia regressar ao país de onde partiram, a Portugal.

Concluímos que o conceito de emigração é entendível pelos participantes como a procura de novas e permissíveis oportunidades, que o país de origem não pode proporcionar.

A maioria dos que partem fá-lo com diminutos recursos financeiros, não têm apoios das instituições oficiais do seu próprio país. No entanto, chegados ao país de destino recebem a solidariedade dos familiares e amigos aí radicados, como ficou claro nas respostas dadas pela maioria do grupo de participantes. Destacamos aqui o apoio da comunidade aos recém - chegados, como foi referido pela participante Ef3, que teve apoio da comunidade portuguesa e das instituições inglesas.

As causas que estão associadas ao fenómeno da emigração são dificuldades de realização profissional e académica e outras aspirações que o país de origem não garante, como é referido por Trindade (1995) “são diversas causas e motivações que estão associadas à emigração, podendo estas estar relacionadas com motivos políticos, económicos, profissionais, sociais e culturais”(pp. 41-42).

Sabemos que

(...) emigrar pode ter carácter voluntário ou forçado, dependendo de fatores de acontecimento temporais, este movimento de pessoas tem, quase sempre, motivos económicos. Mas, não podemos deixar de referir outras influências para emigrar como a globalização, a facilidade de transportes, a era tecnológica, desemprego, demografia e as crises cíclicas (Rocha 2001, p.42).

A preferência de Inglaterra como destino está relacionada com a diversidade de oportunidades a nível profissional que este país oferece, como mencionaram Ef1 e Ef2, e sobretudo à língua universalmente falada, como referiram Ef2 e Ef3 e Em1. Contudo, verificamos que a maioria do grupo de participantes emigrou sozinho, com exceção de Ef2 e Em2 que fizeram este percurso acompanhados (as) com o namorado (a).

Os portugueses quando decidem emigrar, é suposto fazerem uma reflexão recorrendo ao aconselhamento das pessoas mais próximas, o que vai de encontro ao que afirma Trindade (1995) “A tomada de decisão para emigrar não só leva a uma profunda reflexão do emigrante, mas também envolve os familiares e amigos” (pp. 41-42).

Os planos por eles definidos para emigrar são pensados e desenhados no país de origem, recorrendo ao contacto de amigos ou familiares residentes em Inglaterra, como foi o caso de Ef2 que recorreu a familiares e Em1 aos amigos. No entanto, outros recolhem informação na *internet* para formular o processo de emigração, como mencionou Em1. Mas nem todos os que emigram fazem planos, como é o caso do participante Em3 que veio para Londres, por curiosidade.

Outro aspeto que preocupa o emigrante português quando parte do seu país para um novo destino é a incerteza de encontrar emprego e alojamento. Contudo, outros quando partem do país de origem já têm contrato de trabalho assegurado.

Nestas circunstâncias, verificamos que os participantes sem contrato de trabalho conseguiram-no no prazo de um mês, embora o participante Em3 o tenha conseguido no curto prazo de uma semana.

Em relação ao objetivo - *Interpretar os fatores que contribuem para o emigrante preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento* - constatamos que os emigrantes portugueses em Londres, por conveniências múltiplas, modificam os hábitos, a rotina de horários, estilos alimentares e menos vida social. Porém, o participante Em3 diz manter os hábitos de origem.

Apesar desta adaptação aos hábitos do país de acolhimento, os emigrantes portugueses mantêm fidelidade à sua identidade cultural de origem, como foi realçado pelo grupo de participantes, realçando a ligação à língua, gastronomia, música portuguesa e eventos sociais, o que vai de encontro ao referido por Patriola (2002) “são as concessões de cultura que nos levam a manter a cultura como uma realidade hermeticamente fechada impedindo uma dinâmica cultural com outras culturas” (p.3).

Os emigrantes portugueses mantêm o hábito de falar a língua materna em diferentes contextos, na família, com os amigos e nos convívios sociais, como foi mencionado pelo grupo de participantes, Mas, já no ambiente profissional e em contextos institucionais expressam -se na língua do país de acolhimento.

São significativas as diferenças, como referiu o grupo de participantes, no que respeita aos usos e costumes, à forma de relacionamento social, à gastronomia, à filosofia de vida, tornando-se mais reservados, menos emotivos e mais pragmáticos como mencionou Ef3. Contudo, existem algumas semelhanças entre as duas culturas, ou seja, hábitos do efeito da ocidentalização, no lazer, no uso tecnológico, no vestir e ainda, como mencionou Em1, na vivência do futebol. A cultura é um conjunto de valores próprios que define um povo, o que vai de encontro ao que diz Cupido (2007) “os grupos sociais deslocados do seu habitat natural, são portadores da sua cultura tradicional, transmitida de gerações em gerações” (p.37).

A adaptação aos usos e costumes à comunidade de acolhimento, não é um processo fácil de gerir, o que é justificado por Cupido (2007) quando afirma que “O imigrante adapta-se a uma área territorial ou fica desajustado, (...) Se as diferenças são muitas, tem dificuldade na integração social e cultural. Se as diferenças são menores tem mais facilidade de se ajustar

na nova sociedade do país de acolhimento” (p. 37). Neste sentido o emigrante português residente em Londres, como foi realçado pela maioria dos participantes, adapta-se à cultura inglesa, embora Ef1 e Ef2 tenham referido sentir, no início, algumas dificuldades.

No plano social é perceptivo o convívio entre portugueses e ingleses, todavia, parte desta convivência advém do ambiente laboral. Neste âmbito, verificamos que as diferenças culturais não são fatores inibidores de integração social na comunidade de acolhimento. Contudo, esta aceitação cultural não estimula a adesão à cultura dominante. Porém, há emigrantes que só se relacionam com a comunidade portuguesa, como nos diz Ef3 e Em1.

Perante a existência de estabelecimentos de produtos tradicionais portugueses em Londres, foi mencionado pelo grupo de participantes, com exceção da participante Ef3, fazer compras de forma mais assídua, os restantes participantes do grupo dizem que não frequentam regularmente estes espaços. Contudo, realçamos que todos mencionaram manter hábitos alimentares portugueses.

Assim, é importante destacar que Castles (2005) refere que para além das comunidades conservarem a sua língua e a sua cultura e de criarem associações culturais e lugares de culto, criam também “(...) espaços de comércio étnico que fortalece ainda mais a ligação das comunidades imigrantes à sua cultura de origem” (p. 109).

Destacamos que há diversas coletividades portuguesas em Londres com fins e objetos distintos, criadas para servir a comunidade nos seus mais variados interesses, culturais, recreativos e desportivos, no entanto, a maioria do grupo de participantes, mencionou não pertencer nem frequentar nenhuma associação portuguesa ou inglesa, só Ef2 e Ef3 frisaram pertencer a associações inglesas e portuguesas com assiduidade reduzida.

Constatamos também que a comunidade portuguesa residente em Londres, não mantém o hábito de festejar as tradições festivas portuguesas. Como foi referido pelo grupo de participantes, este facto está relacionado com o afastamento do país de origem e com a ausência de ambiente próprio para o efeito, como mencionou Em2.

Ef3 foi a única a referir que festeja a Páscoa, o Natal e o Dia da Comunidade Portuguesa.

Ainda no âmbito das ligações a Portugal, há uma necessidade de rever o país de onde partiram, por isso, as saudades de familiares e amigos e festejar usos e costumes tradicionais, explica a vontade de visitar Portugal, o que fazem, em média, duas vezes por ano, mas Em1 referiu que o faz cada vez menos vezes.

Há manifesta preocupação da comunidade portuguesa acompanhar o que se passa na atualidade no seu país de origem, como foi referido pelo grupo de participantes que, neste

sentido, procura informação nos meios de comunicação social, audiovisuais e jornais de língua portuguesa, não sendo a distância entre o país de origem e o país de acolhimento, fator de desinteresse pelas causas nacionais e apenas Em2 manifestou não ter informação.

Quanto ao objetivo que visa - *Discutir a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de destino permitem uma integração socioprofissional* - verificamos que os emigrantes portugueses residentes em Londres, são bem acolhidos aquando da chegada ao destino, embora Ef2 e Em3 tenham mencionado algumas dificuldades iniciais de adaptação laboral. No entanto, foram bem recebidos na comunidade de acolhimento e nunca sentiram o estigma da exclusão.

Nesse sentido corroboramos

(...) uma boa integração social, baseada numa igualdade de direitos entre todos, uma convivência sadia de tolerância e respeito pelas diferenças, deve colocar de parte o medo de que os imigrantes sejam uma ameaça e banir os sentimentos de racismo e xenofobia (Mateus, 2008, p. 30).

O alojamento é um problema que preocupa os emigrantes portugueses à chegada a Londres, no entanto, à exceção de Ef1 que referiu dificuldades devido à pouca oferta no mercado de arrendamento, os restantes não sentiram essa dificuldade.

Quanto ao emprego a satisfação remuneratória e conseqüente mais-valia financeira relativamente ao país de origem é uma realidade, mas a quem nunca trabalhou em Portugal, como EM2, não é possível fazer essa análise comparativa. A realização no campo profissional é real, apesar da participante Ef3 ter mencionado que está de baixa médica.

A formação é um dos principais atrativos para emigrar para este destino e muitos portugueses (as) emigram com objetivo de continuar carreiras académicas, que o país de origem não oferece, mas Ef3 diz não aproveitar muitas das oportunidades, embora não justifique a causa.

No plano social é perceptivo o convívio entre portugueses e ingleses, parte desta convivência advém do ambiente laboral. Neste âmbito, verificamos que as diferenças culturais não são fatores inibidores de integração social na comunidade de acolhimento, contudo, esta aceitação cultural não estimula a adesão à cultura dominante. Mas há emigrantes que só se relacionam com a comunidade portuguesa como é o caso de Ef3 e Em2, o que confirma o que diz Taylor (1994) em que "(...) uma política de igualdade e respeito pelo outro, afasta o conceito de homogeneização da diferença cultural (...) (p. 82).

A nova vaga de emigrantes, a residir atualmente em Londres, possui formação académica e técnica mais qualificada, em comparação com os emigrantes mais antigos. No entanto, a comunidade de acolhimento mantém inalterável o estereótipo pejorativo de emigrantes com qualificação baixa e indiferenciada. À exceção de Ef3, que mencionou a formação académica como valorização positiva da imagem do emigrante português na comunidade inglesa, os restantes participantes do grupo disseram que nada mudou em relação à imagem dos portugueses.

As relações sociais e de convívio entre emigrantes portugueses, antigos e recentes não são frequentes, existindo uma notória equidistância entre as duas vagas de emigrantes, mas Ef2 e Ef3 referem que a formação académica associada ao domínio da língua inglesa é a possível causa de afastamento.

Os emigrantes portugueses sentem-se realizados no exercício de funções que exercem e consideram a remuneração adequada, com exceção de Em2 que considera auferir uma remuneração não adequada à função que exerce.

No geral, as habilitações académicas são compatíveis com as funções exercidas pelos participantes, e entendem que são uma mais-valia na obtenção de emprego mais qualificado e melhor remunerado.

Há vantagens em residir em Londres, pelas várias oportunidades que oferece, no plano profissional e académico, mas também, como mencionou a participante Ef3, expandir a mundividência. Contudo, a nível de vida social, como referiu Em1, Em2 e Em3, existem vários condicionalismos.

Contudo, os portugueses quando chegam ao país de destino sentem dificuldades em resolver problemas nas instituições oficiais, sendo mencionadas a burocracia, como o principal obstáculo, e a falta de tempo, como referiu Em1

Há quem seja autónomo e quem recorra à ajuda de amigos ou à *internet*, ou ainda quem resolva em Portugal estes assuntos, como frisou o participante Em3.

A inserção social é um processo difícil que requer apoio no âmbito social e profissional, sendo a ajuda de amigos importante, mas também há o recurso a familiares, como faz Ef3.

A língua é um entrave em todas as dimensões sociais e profissionais para os emigrantes, mas de uma forma geral o grupo de participantes mencionou ter conhecimento da língua, com um nível fluente, avançado/intermédio, o que parece não ter sido um entrave para os elementos deste estudo.

A fim de - *Analisar o significado da forma como os emigrantes perspetivam o futuro* - verificamos que os emigrantes portugueses residentes em Londres têm projetos de vida diferentes, a maioria não pretende regressar a Portugal, apenas Ef1 pretende regressar em breve e a vontade de Em3 era regressar se tivesse condições económicas no país de origem, o que corrobora que

(...) grande percentagem destes emigrantes, depois de um longo período, acabaram por regressar ao país de origem, outros, porém, nunca mais voltaram. Os imigrantes recém - chegados, geralmente oriundos de países distantes, esperava-se, que estes imigrantes, se fixassem definitivamente e o corte de vínculo relacional com o seu país de origem, que assimilassem as tradições sociais e culturais do país de acolhimento, eles e os seus descendentes (Castles, 2005, p. 63).

Mas, em relação ao tempo que pensam estar em Inglaterra, só Ef1 pretende ficar mais dois anos, os outros participantes pensam ficar definitivamente ou não sabem. No entanto, o grupo de participantes mencionou a possibilidade de um dia regressar ou emigrar para outro país, com exceção da Ef3 que referiu não pensar ir para outro país.

A comunidade emigrante portuguesa manifesta preocupação pelo recente referendo, *Brexit*, que ditou a saída do Reino Unido da Comunidade Económica Europeia, mas a maioria está confiante no futuro e acredita que a comunidade portuguesa vai continuar a crescer. Este otimismo não é sentido por todos, Em1 e Em2 manifestaram apreensão em relação ao futuro.

Concluída a apresentação e discussão dos resultados obtidos, apresentaremos seguidamente, as considerações finais onde será feita uma reflexão sobre os pontos positivos e negativos deste estudo e algumas sugestões para o futuro.

5. Considerações finais

Este estudo sobre *Emigração - a questão da identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres entre 200 e 2015*, pretendeu dar resposta ao problema formulado-Poderão as perceções dos Emigrantes portugueses em Londres, face ao fenómeno da emigração, serem uma mais-valia para a preservação da identidade cultural do seu país de origem? – através dos objetivos definidos para o efeito, no sentido de compreender como os emigrantes percebem a emigração, de interpretar os fatores que contribuem para o emigrante português em Londres, preservar a identidade cultural de origem quando em contacto com a cultura do país de acolhimento, de discutir a forma como as diferenças de ordem laboral e social entre o país de origem e o país de destino permitem uma integração socioprofissional e ainda analisar o significado da forma como o emigrante português em Londres perspetiva o futuro.

Tendo como base, a análise dos dados obtidos através de seis entrevistas aplicadas aos seis elementos, escolhidos por conveniência, que constituem o grupo de participantes, e ao cruzamento dos mesmos foi possível uma perceção reflexiva e abrangente sobre a emigração, através de vivências relatadas na primeira pessoa, ou seja, portugueses residentes em Londres.

A análise dos resultados e a validação da informação recolhida permitiu-nos concluir que apesar dos portugueses emigrados estarem profissional e socialmente integrados na comunidade de acolhimento, há aspetos que merecem uma reflexão sobre o atual movimento migratório.

As respostas obtidas revelam, maioritariamente, que os portugueses estão confiantes e acreditam que a comunidade emigrante neste país de acolhimento tem futuro. No entanto, também há quem esteja apreensivo sobre o futuro, após o referendo cujo resultado apontou para a saída deste país da União Europeia.

Apesar das limitações sentidas neste processo de investigação, consideramos importante expor algumas medidas que possam ajudar a atenuar lacunas detetadas, bem como desenvolver e sugerir algumas ações concertadas a desenvolver de acordo com as necessidades sentidas no seio da comunidade.

Apesar de não ser possível generalizar, dado o grupo de participantes em estudo ser um grupo relativamente pequeno, em que cada elemento nos transmitiu apenas as suas perceções sobre o tema abordado, podemos com base nos dados recolhidos dizer que os portugueses estão socialmente integrados na comunidade de acolhimento. A convivência entre portugueses e ingleses advém das boas relações, que se estabelecem em contexto laboral e que se transpõem para eventos sociais.

Por outro lado, a comunidade portuguesa é respeitada e valorizada profissionalmente e realçamos aqui as áreas da saúde, ciência, economia e ensino superior, onde os portugueses nos últimos anos mais se têm destacado, contribuindo, desta forma, para o bem-estar e desenvolvimento da comunidade de acolhimento. A emigração proporcionou a estes imigrantes oportunidades profissionais que o país de origem lhes negou, em cargos importantes e de elevada responsabilidade, justamente reconhecidos e remunerados.

Além disso, é importante referir que mesmo vivendo num país com uma cultura diferente mantêm fidelização à sua identidade cultural, preservando usos e costumes do país de origem e a língua de Camões. A ligação ao país de onde partiram é ainda notória na demonstração de interesse pelas causas nacionais que acompanham pelos órgãos de comunicação social de língua portuguesa, o que nos leva em crer que a convivência com a cultura dominante não apresenta uma ameaça à cultura portuguesa.

Por outro lado, a integração socioprofissional não pode ser desassociada de uma outra realidade que é uma causa nacional, que merece profunda reflexão sobre o motivo e dimensão deste movimento migratório que poderá estar associado a fatores económicos que conduzem, em Portugal, ao desemprego. Por isso, estamos de acordo com Ferreira *et al* (2012), quando afirmam que a imigração “é motivada por dois tipos de estímulos: factores de atracção em relação à região de destino, percebidos como aliciantes e factores de repulsa relativos à região de origem causadoras da partida” (p. 32).

Neste sentido, para contrariar esta tendência, devem ser criadas soluções ajustadas às necessidades dos portugueses, que propiciem oportunidades de emprego no seu próprio país, pois do mesmo modo que contribuem para o desenvolvimento dos países de acolhimento, seriam uma mais-valia para o progresso do seu próprio país.

Entendemos que este problema poderia ser resolvido criando condições adequadas, no sentido de desincentivar a emigração, implementando, medidas visando o investimento público e privado, ciência e empreendedorismo, uma forma de estancar ao que passivamente assistimos, alienação do valioso património humano gerador de riqueza incalculável e que compromete o futuro das gerações atuais e vindouras.

No que se refere à imagem dos portugueses, há a perceção de que a comunidade de acolhimento não mudou a forma de ver os emigrantes portugueses, nem a nova vaga de emigrantes, com mais formação académica e técnica, contribuiu para inverter conceções formadas e cristalizadas do passado. Os portugueses são vistos como pessoas responsáveis, bons trabalhadores, pessoas idóneas e pacíficas, mas, por outro lado, com poucas qualificações profissionais e académicas, reservados para funções indiferenciadas ligados a

trabalho clandestino, que habitam em casas sociais e vivem de subsídios do governo do país de acolhimento.

No nosso ponto de vista entendemos que este mito é uma ideia errónea que pertence ao passado, mas que provoca autoexclusão e promove a marginalização social, pois concordamos com Mateus (2008), quando afirma que “uma boa integração social, baseada numa igualdade de direitos entre todos, uma convivência sadia de tolerância e respeito pelas diferenças, deve colocar de parte o medo de que os imigrantes sejam uma ameaça e banir os sentimentos de racismo e xenofobia” (p. 30).

Ainda como sugestão, e tendo por base dignificar a imagem da comunidade emigrante portuguesa residente em Londres, consideramos de toda a importância que os representantes da comunidade, em conjunto com outros atores responsáveis, façam uma reflexão sobre a sua atuação e promovam campanhas de sensibilização junto da comunidade emigrante portuguesa, apelando ao cumprimento dos procedimentos éticos e legais do país de acolhimento e, ao mesmo tempo, sensibilizem a sociedade de acolhimento para os ganhos que advêm de uma melhor interação social.

As relações sociais e de convívio entre emigrantes portugueses antigos e recentes, não são frequentes, existe uma notória equidistância entre as duas vagas de emigrantes. No nosso entender, esta lacuna sentida e vivida na comunidade, pode ter origem no desenvolvimento de conceitos sociais antagónicos.

Por outro lado, convém referir que uma grande parte dos portugueses não exterioriza hábitos associativos, embora acreditemos que a convivência poderia contribuir para uma maior interação entre a comunidade e minimizar o afastamento.

Consideramos que esta problemática deve ser discutida, a fim de encontrar soluções ajustadas, no sentido de promover a aproximação entre toda a comunidade. É o sentimento de pertença que está em causa e concordamos com Cohen (1997, citado por Castles, (2005), quando afirma que a identidade cultural é “um sentimento de pertença a um país, em que cujos membros se sentem ligados por laços de solidariedade e heranças de valores culturais” (p.101).

Há aqui um trabalho a desenvolver pelas instituições oficiais, agremiações associativas e elementos da comunidade em geral, assumindo a responsabilidade de criar e promover projetos direcionados à inclusão e socialização entre as duas vagas de emigrantes.

Os portugueses quando decidem emigrar, não sentem apoio dos organismos oficiais, no sentido de como e devem preparar o processo de emigração, menos ainda sobre os procedimentos a ter no país de acolhimento. Chegados ao destino, por sua conta e risco,

sentem as primeiras dificuldades nas instituições oficiais, obstáculo difícil de transpor, não só no procedimento burocrático mas também em compreender uma língua com a qual não estão familiarizados. Para muitos, acresce ainda que viajam sem garantias de emprego e alojamento, tornando o processo ainda mais complicado e perante estas contingências vale a solidariedade da comunidade e ajuda de familiares e amigos.

Este fenómeno não é recente, tem atravessado gerações de emigrantes portugueses ao longo dos tempos, sem que se manifeste na realidade uma importante e relevante preocupação dos vários poderes ideológicos e políticos do país.

Entendemos que é de todo imprescindível repensar e enquadrar o processo emigratório nos tempos atuais. Para isso, devem ser criados instrumentos de apoio, grupos de acompanhamento, desde a conceção do processo no país de origem para a partida, até à integração no país de acolhimento, coordenados e monitorizados pela Secretaria de Estado das Emigrações e representações diplomáticas instaladas nos países recetores de emigrantes.

Depois de um período de residência permanente, a maioria dos emigrantes portugueses decide regressar ao país de onde um dia partiram, uns a recomeçar um processo de reintegração socioprofissional outros numa idade mais avançada no sistema de apoio social, pelo que estamos de acordo com Castles (2005) quando diz que “grande percentagem destes emigrantes, depois de um longo período, acabaram por regressar ao país de origem, outros, porém, nunca mais voltaram” (p. 3).

Após o regresso sentem dificuldades no processo de reintegração, muitos sentem-se excluídos no seu próprio país, deixaram de ser emigrantes no país de acolhimento e adquirem o estereótipo social de ex-emigrantes, economicamente realizados, mas iletrados e com pouca qualificação profissional.

Nesse sentido, entendemos que se justifica criar medidas adequadas à reintegração, e que o governo português, em Conselho de Ministro nº 12-B/2015, aprovou, como medidas de inserção, constantes no DR Nº 56 (2015) e designadas por Eixo V, com a seguinte redação, “políticas de incentivo, acompanhamento e apoio ao regresso dos cidadãos nacionais emigrantes (...) em articulação estreita com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, que promovam, acompanhem e apoiem o regresso de cidadãos nacionais emigrados no estrangeiro” p. 3). As medidas existem, mas são desconhecidas da maioria dos imigrantes, pelo que há um trabalho a fazer, nomeadamente a divulgação junto das comunidades portuguesas.

Por fim, consideramos que além da limitação do estudo anteriormente referida e que se prende com o reduzido número de participantes, referimos também a dificuldade logística e

disponibilidade de tempo dos participantes, não sendo possível, como também já foi mencionado, fazer generalizações

No entanto, pensamos dar continuidade a este trabalho, sobre a emigração, questão que tem merecido atenção de governos, organizações, comunicação social e sociedade civil, alargando o estudo a outras comunidades da diáspora portuguesa dispersas pela Comunidade Europeia.

Referências Bibliográficas

- Albarello, D., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1975). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida- Publicações.
- André, M. (2012). *Multiculturalidade, Identidade e Mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, política, artes e na religião*. Coimbra: Edição Palimage.
- Batista, J. (2011). *Como Fazer Investigação. Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Factor - Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Bitti, P. & Zani, B. (1997). *A Comunicação como Processo Social*. (2ª ed).. Lisboa: Editora Estampa.
- Bougnoux, D. (1999). *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: EDUSE.
- Brown, J. & Turner, C. (1981). *Interpersonal and intergroup behaviour*. In J. Turner, J. & Giles, H. (Eds). *Intergroup Behaviour*. Oxford: Black well.
- Bruyne, P., Herman, J., & Schoutheete, M. (1977). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Calhoun, G. (coord). (1994). *Social Theory and Politics of Identity*. Oxford: Blackwell.
- Carmo, H. (1988). *Metodologia da Investigação Científica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castles, S. & Miller, M. (1998). *The Age of Migration International Population Movements in Modern World* (2ª Edition). Houndmills: Macmillan Press.
- Castells, M. (1997), *O poder da Identidade*. Volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castles, S. (2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*: Lisboa: Fim de Século-Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.
- Cohen, R. (2008). *Global Diasporas: An Introduction*. Londres: UCL Press.
- Cohen, L. & Manion, L. (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: Editorial la Muralla, S. A.
- Cruz, E. (1968). “*Emigração*”, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. VII. Lisboa: Editorial Verbo.
- Cupido, M.. (2007). *O Quantitativo em Aculturação*. Porto: Papiro Editora.
- Erickson, F. (1986). *Qualitative Methods in Research on teaching*, in M. C. Wittrock, *Handbook of research on teaching*. Nova Iorque: Macmillan, pp. 119-161.
- Feliciano, D. (2015). *Migrações Internacionais - demografia desenvolvimento e segurança*. Jornal o Público (acedido a 28/05/2015).
- Ferreira, D., Rodrigues, B., Amorim, P., & Braga, S. (2012). *A Emigração do Distrito do Porto para o Brasil, (1930-1945)*., (1ª ed.) Porto: Fronteira do Caos Editores.

- Fortin, F. (2003). *Fundamento e Etapas do Processo de Investigação*. (1ª ed.) Loures: Lusodidacta.
- Góis, P. & Marques, J. (2012). *A Emergência das Migrações no Feminino - Feminização das migrações de (e para) Portugal e suas consequências sociopolíticas*. Cascais: Edição Príncipia.
- Hall, S. (1992). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- Hall, S. (1992). "Transnational activities" *Ethnic and Racial Studies* 22 (2), pp. 463-477. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pósmodernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- Herman, J. (1983). *Les Langages de la sociologie I*. Paris: P. U. F., col "Que sais-je", p. 127.
- Kuhn, S. (1983). *La Structure des Révolutions Scientifiques*. ST-Amand: Flammarion..
- Lessard-Hebert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Malinowski, B. (1944). *Uma Teoria da Cultura e Outros Ensaios*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Margato, D. (2015). *Jornal de Notícias*, p. 20. Acedido a 29-03-2015.
- Mateus, M. (2008). *Fluxos migratórios no Concelho de Macedo de Cavaleiros – Distrito de Bragança*. Instituto Politécnico de Bragança.
- Mateus, M.. (2008). *O estudo do meio social como processo educativo de desenvolvimento local. Série estudos*: Instituto Politécnico de Bragança.
- Mateus, M.; Fonseca, V. & Pina, Z. (2009). *Pobreza e exclusão social no Bairro Mãe d'Água. Bragança*. Escola Superior de Educação.
- Miles, .B. & Huberman, M. (1994). *Qualitative Data Analysis Thousand Oaks California*: Sage Publications URL: [http://alfarrabio. di. uminho. pt/vercial/zips/moreira2](http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/moreira2).
- Moreira, T. (2005). *Identidade Cultural Portuguesa: espaço de autonomia e diversidade*. URL: <http://alfarrabio. di. uminho. pt/vercial/zips/moreira2>.
- Moreira, D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Myrdal, G. (1976). *A objectividade das ciências sociais*. Lisboa: Sociedade Editorial e Distribuidora, Lda.
- Patriota, M. (2002). *Cultura, Identidade cultural e globalização*. Qualit@a –
- Pires, R., Pereira, C., Azevedo, J., & Ribeiro, A. (2014). *Emigração Portuguesa: Relatório Estatístico*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ZSCTE-IUL) CIES-IUL, e DGACCP. Revista Eletrônica do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UEPB 001 (2002), (acedido em 11-03-2015).

- Poupart, J. (1981). *La méthodologie Qualitative en Sciences Humaines: une approche à redécouvrir in apprentissage et socialisation*, vol. 4, nº1, pp. 41-47.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravida.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 12-B/2015- Diário da República, 1.ª série —N.º56 20 de março de 2015.
- Rocha, T., & Maria B. (2001). “Migrações” in *CHORÃO, João Bigotte* (dr)- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. XIX. Lisboa: Editorial Verbo.
- Rosental, C., & Fremontier, M. (2001). *Introduction aux méthodes quantitative en sciences humaines et sociales*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rui, P. (2015) *Observatório da Emigração*: (observatorioemigracao.pt/np4/4447.htm,
acedido a: 31/05/2016).
- Santos, S. 2001). (Org.). (*Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, F., Ismênia, P., & Conceição, M. (orgs.) (2007). *A emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto CEPESE/Edições Afrontamento.
- Taylor, C., Appiah, A. K., Hanbermas, J., Rochefeller, S.: Walzer, M., & Wolf, S. (1994). *Multiculturalism, Princeton University Presse*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trindade, R. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Weber, M. (s/d). *Fundamentos da Sociologia*, (2ª ed). Porto: Rés – Editora.
- Will, K. (1996). *Ciudadanía Multicultural*. Barcelona. Paidós.
- WWW.Saldopositivo.cgd.pt, Acedido em 04-03-2015.
- Ulmann, A. (1991). *Antropologia: o homem e a cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Zlotnik, H. (1995). “The South to North Migration of Women”. *In International Migration Review*. Vol. XXIX, nº 1, pp. 229-454.

Anexos

Anexo I - Guião de entrevista aos emigrantes portugueses em Londres

Tema: Emigração: a questão da identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015

Objetivo geral: Recolher dados para compreender as vivências dos emigrantes portugueses e a fidelização à sua identidade cultural quando em contacto com outra sociedade.

Legitimação da entrevista <ol style="list-style-type: none">1. Finalidade e objetivos2. Apresentação do entrevistador3. Confidencialidade sobre os dados recolhidos4. Autorização para gravar a voz	
Caracterização dos entrevistados	<ol style="list-style-type: none">1. Idade2. Estado civil3. Habilitações académicas4. Profissão5. Anos que vive em Inglaterra6. Número de filhos<ol style="list-style-type: none">6.1. Idade6.2. Nacionalidade

Categorias	Subcategorias	Questões
<p>A. Perceções de ser emigrante:</p>	<p>A1. Razões de emigração e fator(es) de atração de Inglaterra</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que significa para si ser emigrante? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Que apoios teve no seu percurso de emigração? 1.2. Quais as causas que o(a) levaram a emigrar? 1.3. O que o(a) levou a escolher a Inglaterra como país de destino? 2. Como foi planeado o percurso do país de origem a Inglaterra? <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Como e com quem se deslocou? 2.2. Já tinha algum contacto neste país? 2.3. Como obteve esse contacto? 2.4. Como e com quem foi estabelecido? 2.5. Já tinha contrato de trabalho? 2.6. Quanto tempo demorou a conseguir um contrato?
	<p>A2. Integração socioprofissional: aspetos que caracterizam e indicam o nível de inserção no país de acolhimento</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como foi o seu acolhimento em Inglaterra? 2. Foi bem aceite na comunidade de acolhimento? 3. Alguma vez se sentiu excluído (a)? 4. Foi fácil arranjar alojamento? 5. O emprego traz -lhe vantagens de ordem económica? 6. Sente-se realizado profissionalmente? 7. Quais as vantagens que este país lhe oferece sob o ponto de vista educacional?

		<p>8. Com quem se relaciona mais em Inglaterra?</p> <p>8.1. Com portugueses?</p> <p>8.2. Com ingleses?</p> <p>8.3. Porquê?</p> <p>9. Considera haver diferenças, entre os imigrantes portugueses que vivem há muitos anos e os que chegaram há poucos anos?</p> <p>9.1. Se sim, de que tipo?</p> <p>9.2. Se não, em que se assemelham?</p> <p>10. Qual o impacto desta “nova imagem” dos portugueses?</p> <p>11. Como se relaciona esta nova vaga de imigrantes com a vaga de imigrantes mais antigos?</p>
	<p>A3.Situação socioprofissional</p>	<p>1. Como se sente com o atual emprego?</p> <p>2. Considera a remuneração adequada?</p> <p>3. Quais as habilitações académicas que possui e qual a compatibilidade com a sua atual profissão?</p> <p>4. Considera que as qualificações académicas são uma mais - valia em Inglaterra?</p> <p>4.1. Se sim, em que aspetos?</p> <p>4.2. Se não, que obstáculos encontra?</p> <p>5. Quais são, para si, as principais vantagens, a nível social e profissional, de estar em Inglaterra?</p>

	<p>A4.Dificuldades e apoios sociais para inserção</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais as maiores dificuldades que sente para resolver problemas que lhe vão surgindo no dia-a-dia? 2. A quem costuma recorrer para resolver esses problemas? <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Recorre a instituições portuguesas? 2.2. Sente apoio por parte das instituições inglesas? 2.3. Recorre a amigos mais esclarecidos? 2.4. É autónomo na resolução desses problemas? 3. Quais os apoios que teve ao longo da sua inserção social, sobretudo nos primeiros tempos.
<p>B. Identidade cultural</p>	<p>B1. Língua</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quando emigrou como avalia o seu grau de domínio da língua inglesa? 2. Sentiu dificuldades em se fazer compreender, quer no exercício da sua profissão quer socialmente? 3. Como ultrapassou essas dificuldades? 4. Mantém como hábito continuar a falar a sua língua materna? <ol style="list-style-type: none"> 4.1. Em que circunstâncias?
	<p>B2. Convívio social</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Com quem se costuma relacionar mais em Inglaterra? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Com portugueses ou com ingleses? Porquê? 2. Frequenta associações portuguesas? <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Quais e em que circunstâncias? 3. Frequenta associações inglesas? <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Quais e em que circunstâncias?

		<p>4. Pertence a alguma associação cultural ou recreativa portuguesa?</p> <p>4.1. Qual ou quais e com que regularidade a(s) frequenta?</p> <p>5. Pertence a alguma associação cultural ou recreativa inglesa?</p> <p>5.1. Qual ou quais e com que regularidade a(s) frequenta?</p>
	B3. Ligações ao país de origem	<p>1. Mantém-se informado sobre o que se passa em Portugal?</p> <p>2. De que forma obtém essa informação?</p>
	<p>B4. Hábitos e costumes tradicionais: diferenças dos hábitos quotidianos entre o país de origem e de destino (atividades de ordem social e laboral).</p>	<p>1. Modificou os seus hábitos quotidianos em relação ao seu país de origem?</p> <p>1.1. De que forma?</p> <p>2. Procura preservar traços culturais do seu país?</p> <p>2.1. De que forma?</p> <p>3. Que semelhanças e que diferenças encontra entre a cultura portuguesa e a inglesa?</p> <p>4. Como avalia a sua adaptação à realidade cultural inglesa?</p> <p>5. Quais as diferenças culturais do seu país de origem e de Inglaterra?</p> <p>5.1. Como lida com as mesmas?</p> <p>6. Faz compras com regularidade em estabelecimentos portugueses?</p> <p>7. Mantém costumes alimentares do país de origem?</p> <p>8. Costuma festejar as tradições portuguesas?</p> <p>8.1. Se sim, quais e com quem?</p>

		<p>8.2. Se não, quais os motivos?</p> <p>9. Com que regularidade se desloca a Portuga e em que circunstâncias?</p>
C. Perspetivas futuras	C1. Aspirações e desejos	<p>1. Que aspirações tem para o futuro?</p> <p>2. Durante quanto tempo pensa residir em Inglaterra?</p> <p>3. Pensa regressar a Portugal ou ir para outro país?</p> <p>4. Como vê o futuro da sua comunidade em Inglaterra?</p>

Anexo II – Termo de consentimento livre e esclarecido

**Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Bragança**

Esclarecimento de consentimento livre e esclarecido

Eu, Armando Alberto Correia, aluno do 2º ano de Mestrado de Educação Social, na Escola de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, a desenvolver uma dissertação sobre *Emigração: a questão da identidade cultural numa sociedade global: emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015*, venho solicitar, formalmente, que me conceda autorização para fazer uma entrevista gravada em áudio, em que o objetivo é recolha de dados para o desenvolvimento do estudo supracitado.

Mais informo, que esta entrevista destina-se unicamente a fins científicos, a participação é voluntária, mantido o anonimato, não tem custos para os participantes, o entrevistado tem a liberdade de não querer responder a questões que considere de índole pessoal ou de desistir da entrevista sem qualquer tipo de consequência ou responsabilidade.

Depois de informado(a) e esclarecido(a) sobre as normas da entrevista e do objetivo da investigação,

Eu, _____,
declaro que autorizo que me seja feita a entrevista solicitada.

O (A) participante _____

_____, _____ de _____ 2006

Anexo III – Análise de conteúdo

Legitimação da Entrevista	
Questões	Unidades de registo
Caracterização dos entrevistados	
1. Género	“Feminino” (Ef1); “Feminino” (Ef2); “Feminino.” (Ef3); “ Masculino.” (Em1); “Masculino.” (Em2); “Masculino.” (Em3)
1. Idade	“33anos” (Ef1); “37anos” (Ef2); “60 anos (Ef3) “39 anos.” (Em1); “23 anos.” (Em2); “50 anos” (Em3)
2. Estado civil	“Solteira.” (Ef1); “Solteira.” (Ef2); “Divorciada.” (Ef3; “ Solteiro.” (Em1)) “Solteiro.” (Em2); “Solteiro.” (Em3)
3. Habilitações académicas	“Doutorada.” (Ef1); “Doutorada.” (Ef2); “12º ano.” (Ef3); “Licenciado.” (Em1) “10º ano.” (Em2); “ 6º ano.” (Em3)
4. Profissão	“Gestora de transferência de conhecimento científico.” (Ef1); “Investigadora.” (Ef2); “Escritora e tradutora.” (Ef3); “Contabilista.” (Em1); “ Empregado de limpeza” (Em2); “ Administrativo” (Em3).
5. Há quantos anos vive em Inglaterra	“8anos” (Ef1); “5 anos.” (Ef2); “11 anos.” (Ef3); “9 anos.” (Em1); “2 anos” (Em2); “27 anos.” (Em3)
6. Número de filhos	“0.” (Ef1); “0” (Ef2); “1.” (Ef3); “0.” (Em1); “0.” (Em2); “0.” (Em3)
6.1. Idade	“33anos.” (Ef3);
6.2. Nacionalidade	“Portuguesa.” (Ef3);
A1. Razões de emigração e fator(es) de atração de Inglaterra (Londres)	
1. O que significa para si ser emigrante?	“Indivíduo que sai do seu país natal para um outro, para procurar oportunidades de desenvolvimento pessoal e/ou profissional.” (Ef1)

	<p>“Nova oportunidade de fazer o trabalho que queria noutra sítio. Em Portugal na altura não havia oportunidades que tu achasses interessantes, conhecer outros sítios.” (Ef2)</p> <p>“Ter maior noção do multiculturalismo e do conceito do universalismo. Aprendizagem.” (Ef3)</p> <p>“Sair da comunidade onde tens raízes e experienciar outras formas de viver em comunidade.” (Em1)</p> <p>“Procura de novas oportunidades. O teu país não te dá as oportunidades que outros países te dão.” (Em2)</p> <p>“Emigração para mim é uma oportunidade de ter novas experiências de vida, a nível pessoal. Como emigrante tenho mais oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.” (Em3)</p>
1.1. Que apoios teve no seu percurso de emigração?	<p>“Apoio financeiro: bolsa de estudo. Apoio moral por parte de família e amigos.” (Ef1)</p> <p>“Apoio financeiro: bolsa de estudo da FCT.” (Ef2)</p> <p>“Tive o apoio de elementos da comunidade portuguesa em Londres e das autoridades britânicas. Da comunidade portuguesa tive apoio ao nível profissional e social. Das autoridades britânicas tive apoio socioeconómico em tempos de doença.” (Ef3)</p> <p>“Apoio de um amigo que me arranhou alojamento nos dois primeiros meses.” (Em1)</p> <p>“No início tive ajuda de uma amiga, que nos hospedou durante o primeiro mês. Hoje em dia continuo a ter apoio de amigos portugueses.” (Em2)</p> <p>“Apoio de uma amiga que já cá estava.” (Em3)</p>
1.2. Quais as causas que o(a) levaram a emigrar?	<p>“Fazer um doutoramento” (Ef1)</p> <p>“Fazer um pós-doutoramento e ter trabalho” (Ef2)</p> <p>“Uma oportunidade profissional e o gosto pela aventura.” (Ef3)</p> <p>“Estava cansado da rotina e sentia necessidade de uma mudança do estilo de vida. Queria viver em uma cidade grande. E já que estava decidido a mudar, achei por bem mudar de país.” (Em1)</p> <p>“Falta de trabalho em Portugal.” (Em2)</p> <p>“Querer conhecer novos povos e ter mais oportunidades pessoais e profissionais.” (Em3)</p>
1.3. O que o(a) levou a escolher a	<p>“Oportunidade de trabalhar com cientistas de renome mundial.” (Ef1)</p>

Inglaterra como país de destino?	<p>“As oportunidades profissionais e a língua.” (Ef2)</p> <p>“Fluência na língua inglesa e afinidade com a cultura anglófona.” (Ef3)</p> <p>“A língua inglesa e transporte mais acessível, como por exemplo companhias aéreas <i>low cost</i>.” (Em1)</p> <p>“Surgiu uma oportunidade uma vez que tinha a minha mãe já cá.” (Em2)</p> <p>“As pessoas em Inglaterra são mais simpáticas e prestáveis.” (Em3)</p>
2. Como foi planeado o percurso do país de origem a Inglaterra?	<p>“Contrato de trabalho, alojamento e viagens foram previamente preparados, meses antes da mudança de país.” (Ef1)</p> <p>“Já tinha trabalho.” (Ef2)</p> <p>“Houve planos iniciais em termos profissionais, que surgiram em Portugal.” (Ef3)</p> <p>“Foi planeado com mais de 5 meses de antecedência e com recolha de informação na internet, a nível de trabalhos e expectativas.” (Em1)</p> <p>“Já estava minimamente planeado. Já tinha trabalho antes de vir.” (Em2)</p> <p>“Não planeei. Vim por curiosidade.” (Em3)</p>
2.1. Como e com quem se deslocou?	<p>“Sozinha.” (Ef1); “Companheiro.” (Ef2); “Sozinha. Viagem de avião.” (Ef3); “Sozinho e de avião.” (Em1); “Vim com a minha namorada, de avião.” (Em2); “Sozinho.” (Em3)</p>
2.2. Já tinha algum contacto neste país?	<p>“Sim.” (Ef1); “Não. Só tinha vindo uma vez a Inglaterra.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Não.” (Em1); “Não” (Em2); “Não.” (Em3)</p>
2.3. Como obtive esse contacto?	<p>“Visitas prévias. Tinha contactos de familiares e amigo de amigos.” (Ef1)</p> <p>“Tinha contactos de familiares. O meu irmão já estava cá.” (Ef2)</p> <p>“Vim cá profissionalmente nos anos 90.” (Ef3)</p> <p>Não respondeu” (Em1; Não respondeu” (Em2); Não respondeu” (Em2);</p>
2.4. Como e com quem foi	<p>“Amigos”. (Ef1); “Familiares.” (Ef2); “Através da minha entidade empregadora em Portugal.”</p>

estabelecido?	(Ef3);“ Não respondeu” (Em1); Não respondeu” (Em2); Não respondeu” (Em3);
2.5. Já tinha contrato de trabalho?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Não.” (Ef3);“Não.” (Em1);“Não.” (Em2)“Não.” (Em3)
2.6. Quanto tempo demorou a conseguir um contrato?	“2 meses antes de vir para Inglaterra.” (Ef1);“1 mês.” (Ef2);“1 mês.” (Ef3);“6 semanas.” (Em1) “1 mês.” (Em2);“1 semana.” (Em3)
A2. Integração socioprofissional: aspetos que caracterizam e indicam o nível de inserção no país de acolhimento	
1. Como foi o seu acolhimento em Inglaterra?	“Foi bom.” (Ef1) “No trabalho não foi rápido. Demorou a perceber o ambiente de trabalho, quem trabalhava no quê. A diferença é que eu vinha dos EUA e os Ingleses são mais fechados.” (Ef2) “Tendo sido exposta a outras sociedades de raiz anglófona, noutras partes o Mundo, senti-me perfeitamente integrada logo <i>à priori</i> . A presença portuguesa reforçou esse sentimento e foi reconfortante nos primeiros tempos.” (Ef3) “Vim viver para casa de um amigo que estava cá a acabar a Universidade. Não tive dificuldades.” (Em1) “Foi bom.” (Em2) “Foi bom, apesar das dificuldades do início. Adaptação ao tempo, comida, estar longe da família foi o mais difícil no início.” (Em3)
2. Foi bem aceite na comunidade de acolhimento?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Sim.” (Ef3);“Sim.” (Em1);“Sim.” (Em2) “Sim.” (Em3)
3. Alguma vez se sentiu excluído (a)?	“Não.” (Ef1);“Não.” (Ef2);“Não.” (Ef3);“Não.” (Em1);“Não.” (Em2);“Não.” (Em3)
4.Foi fácil arranjar alojamento?	“Não, principalmente devido à pouca oferta de alojamento em Londres.” (Ef1)“Sim.” (Ef2), “Relativamente fácil.” (Ef3);“Sim.” (Em2);“Sim.” (Em1), “Sim.” (Em3)
5.O emprego traz -lhe vantagens de	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Sim.” (Ef3);“Sim.” (Em1);“Nunca trabalhei em Portugal. Este foi

ordem económica?	o meu primeiro trabalho. Não consigo comparar.” (Em2);“Sim.” (Em3)
6.Sente-se realizado profissionalmente?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Neste momento estou de baixa médica. Quando trabalhava, sentia-me realizada.” (Ef3);“Sim.” (Em1);“Não.” (Em2); “Sim.” (Em3)
7. Quais as vantagens que este país lhe oferece sob o ponto de vista educacional?	<p>“Oportunidade vasta de continuar a formação académica.” (Ef1)</p> <p>“Acho que há bastantes oportunidades. Mas não acho que tenha aproveitado muito.” (Ef2)</p> <p>“Oferece oportunidades de frequentar escolas e instituições de ensino que acolhem pessoas de todo o mundo, abrindo novos horizontes e novas perspetivas.” (Ef3)</p> <p>“Acesso facilitado e variedade de programas.” (Em1)</p> <p>“Sim, há muitas possibilidades de formação.” (Em2)</p> <p>“Muitas vantagens. Muitos cursos aqui são gratuitos. Por exemplo, com cursos que tirei, mais específicos, a minha empresa financiou. Em Portugal, não existem oportunidades de formação tão relevantes à profissão que temos e que queremos desenvolver.” (Em3)</p>
8. Com quem se relaciona mais em Inglaterra?	<p>“Igual. Portugueses e não portugueses (ingleses e outras nacionalidades.” (Ef1)</p> <p>“40% portugueses, 40% estrangeiros e 20% ingleses.” (Ef2)</p> <p>“Portugueses.” (Ef3)</p> <p>“Maioritariamente portugueses.” (Em1)</p> <p>“Portugueses.” (Em2)</p> <p>“Mais com ingleses ou outras nacionalidades.” (Em3)</p>
8.1. Com portugueses?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Sim.” (Ef3) “Sim.” (Em1);“Não respondeu” (Em2)“ Não respondeu”(Em2)
8.2 Com Ingleses?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Sim.” (Ef3)“Sim.” (Em1; “ Não respondeu”(Em2) “Não respondeu”(Em2)
8.3.Porque?	<p>“A profissão requer lidar com ingleses e outras nacionalidades. Socialmente, lido mais com portugueses.” (Ef1)</p> <p>“Socialmente e profissionalmente. Grande parte dos meus amigos vem do meu ambiente profissional.” (Ef2)</p>

	<p>“Sendo bilíngue e tendo afinidade com a cultura anglófona, é-me fácil identificar-me com os britânicos. Por outro lado, a minha “natureza” portuguesa obriga-me a ter contacto com a comunidade portuguesa, com a qual tenho afinidade linguística, cultural e sentimental.” (Ef3)</p> <p>“Por questões de proximidade cultural.” (Em1)</p> <p>“Por ser mais fácil falar a minha própria língua.” (Em2)</p> <p>“Não respondeu.” (Em3)</p>
<p>9. Considera haver diferenças, entre os emigrantes portugueses que vivem há muitos anos e os que chegaram há poucos anos?</p>	<p>“Sim. Os que chegaram há poucos anos vêm mais preparados, profissionalmente. Talvez devido ao acesso à informação na internet e social media.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Não há muita diferença.” (Em1); “Sim.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
<p>9.1. Se sim, de que tipo?</p>	<p>“Percebem mais sobre o modo e custo de vida em Inglaterra.” (Ef1)</p> <p>“A mais recente é mais qualificada que a vaga anterior e, por isso, podem ter outro tipo de oportunidades.” (Ef2)</p> <p>“Os emigrantes que chegaram há mais anos (...) consideram este país o seu lar. A leva mais recente de emigrantes ainda se encontra muito vinculados à pátria portuguesa em termos afetivos, conduzindo as suas vidas como se a sua estadia fosse transitória. Contudo, existe entre a leva mais recente de emigrantes, um segmento constituído por académicos e profissionais. Estes últimos, integram-se na sociedade de acolhimento mais facilmente e manifestam vontade de permanecer no país.” (Ef3)</p> <p>“Não respondeu.” (Em1)</p> <p>“Os que estão cá há muitos anos não acolhem muito bem os mais novos. Os novos ajudam - se mais uns aos outros, porque estão a passar pela mesma situação. Já vem com mais bases de língua inglesa.” (Em2)</p> <p>“Antigamente não havia internet e não havia tantos espaços da comunidade portuguesa (cafés, mercearias, etc). Hoje as pessoas já vêm com mais informação, já dominam melhor a língua, já sabem mais sobre o sistema inglês. As pessoas hoje em dia já não vêm só para trabalhar e poupar dinheiro.” (Em3)</p>

<p>9.2. Se não, em que se assemelham?</p>	<p>“ Não respondeu.” (Ef1); “Não respondeu.” (Ef2); “Não respondeu.” (Ef3); “Depende apenas das expectativas e da formação de cada um, mas vêm nas mesmas situações de antigamente. Hoje talvez venham mais emigrantes com formação superior, mas isto é resultado de haver mais população formada que antigamente.” (Em1); “ Não respondeu.” (Em2); “Não respondeu.” (Em3)</p>
<p>10. Qual o impacto desta “nova imagem” dos portugueses?</p>	<p>“Não respondeu.” (Ef1) “Não sei se esta nova vaga será o suficiente para mudar a imagem dos portugueses nos ingleses.” (Ef2) “Acho que os profissionais e académicos estão a contribuir muito para que a imagem do emigrante português seja mais positiva e valorizada.” (Ef3) “Portugal é hoje visto como um país com mais abertura do que antigamente.” (Em1) “Não encontro nenhuma diferença.” (Em2). “Acho que não mudou a imagem dos portugueses. À partida as pessoas veem os portugueses como emigrantes e têm a ideia que os emigrantes vêm à procura de novas oportunidades. Acho que a ideia que se tem dos emigrantes portugueses é que são trabalhadores.” (Em3)</p>
<p>11. Como se relaciona esta nova vaga de imigrantes com a vaga de emigrantes mais antigos?</p>	<p>“Não respondeu.” (Ef1) “Não muito. Acho que as relações pessoais entre estas comunidades não existem tanto. A nova vaga de emigrantes fala melhor a língua e estabelece mais facilmente relações com não portugueses.” (Ef2) “Existem clivagens em termos de mentalidade e educacionais entre a imigração mais antiga e a mais recente, mormente os académicos e profissionais. Apesar disso, existe uma interação entre as duas vagas mas por vezes ténue.” (Ef3) “As relações não dependem de terem imigrado há mais anos ou recentemente, mas sim com os interesses e preferências sociais de cada um.” (Em1) “Sim, em alguns casos sim.” (Em2) “Acho que não se relacionam muito.” (Em3)</p>

A3. Situação socioprofissional	
1. Como se sente com o atual emprego?	<p>“Satisfeita.” (Ef1);</p> <p>“Bem.” (Ef2)</p> <p>“Gosto do que faço e faço o que gosto.” (Ef3)</p> <p>“Satisfeito.” (Em1)</p> <p>“Satisfeito porque me sinto bem la. Sou bem acolhido.” (Em2)</p> <p>“Sinto-me bem.” (Em3)</p>
2. Considera a remuneração adequada?	<p>“Satisfeita.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Não.” (Em2); “Não respondeu” (Em3)</p>
3. Quais as habilitações académicas que possui e qual a compatibilidade com a sua atual profissão?	<p>“Doutorada. É compatível com a minha atual profissão.” (Ef1)</p> <p>“Doutorada. É compatível com a minha atual profissão.” (Ef2)</p> <p>“Sim.” (Ef3)</p> <p>“Licenciado, compatível com a atual profissional.” (Em1)</p> <p>“Tenho mais qualificações do que precisaria para este emprego, 10º ano.” (Em2)</p> <p>“ Sim.” (Em3)</p>
4. Considera que as qualificações académicas são uma mais - valia em Inglaterra?	<p>“Sim.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Sem dúvida.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Não, não teve peso.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
4.1. Se sim, em que aspetos?	<p>“Valorização da formação académica. Mais fácil encontrar emprego e melhor salário.” (Ef1)</p> <p>“É importante para os trabalhos ter estas qualificações. As pessoas valorizam quem tem um doutoramento.” (Ef2)</p> <p>“Habilitações de ensino superior coloca-te logo <i>à priori</i> em patamares do mercado de trabalho mais elevados e melhor remunerados.” (Ef3)</p>

	<p>“Oferece mais e melhores oportunidades profissionais.” (Em1)</p> <p>“Não respondeu.” (Em2)</p> <p>“Os cursos profissionalizantes que faço são uma mais - valia para progredir profissionalmente.” (Em3)</p>
4.2. Se não, que obstáculos encontra?	<p>“Não respondeu.” (Ef1); Não respondeu.” (Ef2); Não respondeu.” (Ef3); “Não respondeu.” (Em1); “O domínio da língua inglesa.” (Em2); “ Não respondeu.” (Em3)</p>
5. Quais são, para si, as principais vantagens, a nível social e profissional, de estar em Inglaterra?	<p>“Acesso a mais oportunidades profissionais.” (Ef1)</p> <p>“Mais e mais variadas oportunidades profissionais que em Portugal. Aqui há várias instituições que financiam a investigação, por exemplo.” (Ef2)</p> <p>“Oportunidade para expandir a nossa mundividência e boas oportunidades de progressão de carreira e profissionais.” (Ef3)</p> <p>“Socialmente não há nenhuma. É difícil de manter relações sociais devido à dimensão da cidade de Londres. É preciso planear com muita antecedência. Há pouca espontaneidade nas relações pessoais.</p> <p>Profissional: há mais facilidade na mobilidade de emprego.” (Em1)</p> <p>“A nível social ter contacto com diferentes culturas. Profissionalmente, existem muitas oportunidades diferentes.” (Em2)</p> <p>“Socialmente, é muito limitado. Não saio muito de casa. A vantagem é ter vida própria, tenho emprego e casa. Em Portugal talvez não tivesse isso. Estou a contribuir também para a minha reforma e sinto-me muito mais estável.” (Em3)</p>
A4.. Dificuldades e apoios sociais para inserção	
1. Quais as maiores dificuldades que sente para resolver problemas que lhe vão surgindo no dia-a-dia?	<p>“Entender como funcionam algumas repartições e instituições públicas, como finanças, serviço nacional de saúde.” (Ef1)</p> <p>“Sistema é um pouco burocrático.” (Ef2)</p> <p>“Burocracia das instituições britânicas.” (Ef3)</p>

	<p>“Falta de tempo.” (Em1)</p> <p>“Principalmente, escrever um <i>email</i> em inglês sem precisar de ajuda.” (Em2)</p> <p>“Talvez questões burocráticas.” (Em3)</p>
2. A quem costuma recorrer para resolver esses problemas?	<p>“Internet e amigos.” (Ef1)</p> <p>“Recorro à internet e ou ligo diretamente à instituição. Às vezes recorro a amigos.” (Ef2)</p> <p>“Ninguém. Por ser fluente em inglês, tenho facilidade e resolver por mim própria.” (Ef3)</p> <p>“Ninguém.” (Em1)</p> <p>“Amigos.” (Em)</p> <p>“A nível burocrático eu trato tudo em Portugal.” (Em3)</p>
2.1. Recorre a instituições portuguesas?	<p>“Não.” (Ef1); “Não.” (Ef2); “Não.” (Ef3); “Não.” (Em1); “Não.” (Em2); “Sim, em Portugal.” (Em3)</p>
2.2. Sente apoio por parte das instituições inglesas?	<p>“Sim.” (Ef1); “Sim. Nunca tive problemas muito graves. O facto de trabalhar em Universidades, ajuda uma vez que estão muito preparadas para dar a apoio a alunos e funcionários estrangeiros.” (Ef2); “Não.” (Ef3);</p> <p>“Não.” (Em1); “Não.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
2.3 Recorre a amigos mais esclarecidos?	<p>“Sim.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Às vezes. Por exemplo na área contabilística.” (Ef3); “Não.” (Em1);</p> <p>“Sim.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
2.4. É autónomo na resolução desses problemas?	<p>“Sim.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Sim.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
3. Quais os apoios que teve ao longo da sua inserção social, sobretudo nos primeiros tempos.	<p>“Ajuda de amigos.” (Ef1)</p> <p>“O meu irmão ajudou-me.” (Ef2)</p> <p>“Nos primeiros tempos recorri a alguns conhecimentos que já cá viviam para arranjar alojamento.” (Ef3)</p> <p>“Alguns conselhos de amigos que já tinham mais experiência em lidar com algumas instituições e repartições inglesas ex: abrir conta no banco, arrendar casa, etc.” (Em1)</p>

	<p>“Ajuda de amigos.” (Em2)</p> <p>“Apoio de uma amiga no primeiro alojamento e ajudou-me na procura de emprego.” (Em3)</p>
B1. Língua	
1. Quando emigrou como avalia o seu grau de domínio da língua inglesa?	<p>“Intermédio.” (Ef1); “Avançado.” (Ef2); “Fluente, bilingue.” (Ef3); “Intermédio.” (Em1); “Básico.” (Em2); “Não respondeu” (Em3)</p> <p>“Falava muito pouco.” (Em3)</p>
2. Sentiu dificuldades em se fazer compreender, quer no exercício da sua profissão quer socialmente?	<p>“Alguma.” (Ef1); “No início custava entender os ingleses, algumas pronúncias. Às vezes era difícil de entender as diferentes pronúncias ao telefone.” (Ef2); “Não.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Alguma, no início. 3 meses e melhorou.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
3. Como ultrapassou essas dificuldades?	<p>“Praticando a língua em vários contextos, social, profissional.” (Ef1)</p> <p>“Continuei, não desisti de falar.” (Ef2)</p> <p>“Não respondeu” (Ef3)</p> <p>“Com a experiência.” (Em1)</p> <p>“Vídeos e filmes em inglês. Leio mais notícias em inglês” (Em2)</p> <p>“Nos primeiros tempos, andava sempre com um dicionário, lia sempre as notícias nos jornais e procurava aos meus colegas.” (Em3)</p>
4. Mantém como hábito continuar a falar a sua língua materna?	<p>“Sim.” (Ef1); “Sim.” (Ef2) “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Sim.” (Em2); “Sim.” (Em3)</p>
4.1. Em que circunstâncias?	<p>“Amigos portugueses e em casa.” (Ef1); “Em casa.” (Ef2); “Entre amigos.” (Ef3) “Em casa e no trabalho.” (Em1); “Namorada e amigos.” (Em2) “Socialmente, com amigos portugueses.” (Em3)</p>
B2. Convívio social	
1. Com quem se costuma relacionar mais em Inglaterra?	
1.1 Com portugueses ou com ingleses? Porquê?	<p>“Igual.” (Ef1); “Igual.” (Ef2); “Portugueses.” (Ef3); “Portugueses.” (Em1); “Namorada e amigos.” (Em2); “Ingleses e outras nacionalidades.” (Em3)</p>
1.2. Frequenta associações	<p>“Não.” (Ef1); “Não.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Não.” (Em1); “Não.” (Em2); “Não.” (Em3)</p>

portuguesas?	
2.1. Quais e em que circunstâncias?	“Não respondeu.” (Ef1) Não respondeu.” (Ef2);“Para eventos sociais: Centro Cultural Desportivo, Futebol Clube do Porto, Academia do Bacalhau, Grupo Portugueses 4 Europe.” (Ef3);” Não respondeu.” (Em1);” Não respondeu.” (Em);” Não respondeu.” (Em)
3. Frequenta associações inglesas?	“Não.” (Ef1);“Não.” (Ef2);“Sim.” (Ef3);“Não.” (Em1);“Não.” (Em2);“Não.” (Em3)
3.1. Quais e em que circunstâncias?	“Não respondeu” (Ef1);” Não respondeu.” (Ef2);“ “Partido Trabalhista, Stand Up to Racism” (Ef3);” Não respondeu” (Em1);” Não respondeu” (Em2);” Não respondeu.” (Em3)
4. Pertence a alguma associação cultural ou recreativa portuguesa?	“Não.” (Ef1);“ Sim.” (Ef2) “Sim.” (Ef3); “Não.” (Em1);“Não.” (Em2,“Não.” (Em3)
4.1.Qual ou quais e com que regularidade a(s) frequenta?	“Não respondeu.” (Ef1); “PARSUK, membro não ativo.” (Ef2);“Academia do Bacalhau. Frequento uma vez por mês.” (Ef3);“Não respondeu.” (Em1); “ Não respondeu.” (Em2); “Não respondeu.” (Em3)
5.Pertence a alguma associação cultural ou recreativa inglesa?	“Não.” (Ef1);“Não.” (Ef2);“Não.” (Ef3);Não.” (Em1);“Não.” (Em2);“Não.” (Em3)
5.1.Qual ou quais e com que regularidade a(s) frequenta?	“Não respondeu.”(Ef1); (Ef2); (Ef3);(Em1);(Em2);(Em3)
B3. Ligações ao país de origem	
1. Mantém-se informado sobre o que se passa em Portugal?	“Sim.” (Ef1);“Sim.” (Ef2);“Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1);“Não.” (Em2) “Sim.” (Em3)
2.De que forma obtém essa informação?	“Jornais portugueses <i>online</i> .” (Ef1) “Lendo jornais <i>online</i> .” (Ef2) “Internet” (Ef3) “Jornais portugueses <i>online</i> .” (Em1) “Não” (Em2) “Todos os dias vejo jornais portugueses <i>online</i> e canais portugueses de televisão” (Em3)

B4. Hábitos e costumes tradicionais: diferenças dos hábitos quotidianos entre o país de origem e de destino (atividades de ordem social e laboral).	
1. Modificou os seus hábitos quotidianos em relação ao seu país de origem?	“Sim.” (Ef1); “Sim.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Sim, muito.” (Em2); “Não.” (Em3)
1.1 De que forma?	<p>“Horários de atividades quotidianas. Por exemplo, a hora de jantar ou sair com amigos. Aqui faço mais cedo que em Portugal. Saio mais cedo de casa para o trabalho e chego a casa mais tarde, alterei as horas das refeições, menos vida social e familiar por ex.” (Ef1)</p> <p>“Mudei a alimentação. Não como muita comida portuguesa. Como mais comida estrangeira. Bebe-se mais bebidas alcoólicas. Vou passear mesmo que esteja a chover.” (Ef2)</p> <p>“Em termos de rotina quotidiana, a forma como me desloco, como faço compras (cultura do high street vs centros comerciais) e em termos gastronómicos.” (Ef3)</p> <p>“Não socializo depois do trabalho durante a semana. Dispensio mais tempo em transportes públicos.” (Em1)</p> <p>“Trabalhei mais. Habitado a acordar mais cedo e chegar mais tarde a casa. Ter uma rotina. Adquiri mais responsabilidades.” (Em2)</p> <p>“Tento manter os mesmos hábitos com que fui criado em Portugal.” (Em3)</p>
2. Procura preservar traços culturais do seu país?	“Sim.” (Ef1); “Os bons sim.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Sim.” (Em2); “Sim, todos os possíveis.” (Em3)
2.1. De que forma?	<p>“Mantendo a língua e continuando manter-me atualizada de novas evoluções culturais no país. Por exemplo, novas bandas, cantores.” (Ef1)</p> <p>“Eu gosto de comida portuguesa. Gosto de música portuguesa. Torço pela seleção portuguesa.” (Ef2)</p> <p>“Frequentando eventos sociais portugueses e outras iniciativas comunitárias e gastronomia” (Ef3)</p>

	<p>“Falo a língua portuguesa. Às vezes vou a restaurantes portugueses. Ouço música portuguesa. Vou a alguns concertos de bandas portuguesas.” (Em1)</p> <p>“Gastronomia portuguesa, língua portuguesa.” (Em2)</p> <p>“Tenho sempre coisas portuguesas em casa. Decoração portuguesa, comida e bebidas portuguesas. Estou sempre em constante contacto com família e amigos.” (Em3)</p>
<p>3. Que semelhanças e que diferenças encontra entre a cultura portuguesa e a inglesa?</p>	<p>“Diferenças: usos e costumes, rotinas, sentido de vida, gastronomia, hábitos culturais e desporto. Próximo: laser, novas tecnologias, vestir, saúde ex.” (Ef1)</p> <p>“Sobretudo diferenças. Os ingleses numa cultura de trabalho são mais fechados, mas a nível social são mais abertos, fazem um esforço para integrar uma pessoa nova. Os ingleses têm muita dificuldade em darem feedback negativo.” (Ef2)</p> <p>“Semelhança: modo de viver ocidentalizado, importância do mar na cultura dos dois povos, valorização da História e feitos passados.</p> <p>Diferenças: os britânicos são mais racionais e menos emotivos que os portugueses. Os britânicos são mais pragmáticos e planeiam melhor.” (Ef3)</p> <p>“Para além da paixão pelo futebol, não encontro mais semelhanças aparentes entre estas duas culturas.</p> <p>Encontro muita diferença nas relações interpessoais. Os ingleses são mais distantes e mantêm relações mais superficiais (...) são mais cordiais (...) na prestação de serviços públicos.” (Em1)</p> <p>“Os ingleses são mais distantes e fechados nas relações sociais, principalmente os mais velhos. Cultura gastronómica é muito diferente.” (Em2)</p> <p>“Temos culturas parecidas. A nível da religião, é bastante semelhante. É também um povo pacífico como os portugueses.</p> <p>Diferenças mais na gastronomia no estilo de vida. Aqui as pessoas ficam mais alcoolizadas.” (Em3)</p>
<p>4. Como avalia a sua adaptação à realidade cultural inglesa?</p>	<p>“Boa.” (Ef1); “No trabalho quando cheguei tive alguma dificuldade. Não foram muito simpáticos. Os ingleses não falam muito contigo e não oferecem muita ajuda.” (Ef2); “Bem integrada.” (Ef3)</p>

	“Boa.” (Em1); “Adapto-me bem.” (Em2); “Adaptei-me bem.” (Em3)
5. Quais as diferenças culturais do seu país de origem e de Inglaterra?	“Não respondeu.” (Ef1); (Ef2); (Ef3); (Em1); (Em2); (Em3)
5.1. Como lida com as mesmas?	“Bem, adapto-me.” (Ef1); “Não respondeu.” (Ef2); “Não respondeu” (Ef3); “Acho interessante reconhecer que à formas diferentes de encarar as mesmas situações.” (Em1); “Bem, adapto-me” (Em2) ”Não respondeu” (Em3)
6. Faz compras com regularidade em estabelecimentos portugueses?	“Não.” (Ef1); “Com pouca regularidade.” (Ef2); “Sim, com alguma frequência. Mas a maior parte das minhas compras são efetuadas em estabelecimentos britânicos, por uma questão de preço e por gostar da diversidade gastronómica.” (Ef3); “Não.” (Em1); Não. Só se quiser um produto específico, mas não é regular; “Não, mas trago muitos produtos de Portugal.” (Em3)
7. Mantém costumes alimentares do país de origem?	“Sim.” (Ef1); “Alguns, não muitos.” (Ef2); “Sim.” (Ef3); “Sim.” (Em1); “Sim.” (Em2); “Sim.” (Em3)
8. Costuma festejar as tradições portuguesas?	“Não.” (Ef1); “Não.” (Ef2); “sim.” (Ef3) “Não.” (Em1); “Não.” (Em2); “Sim.” (Em3)
8.1. Se sim, quais e com quem?	“Não respondeu.” (Ef1); “Não respondeu.” (Ef2); “Páscoa, Natal, Ano Novo, São João e o Dia de Portugal e das Comunidades.” (Ef3); “Não respondeu” (Em1); “Não respondeu” (Em2); “Natal e Páscoa.” (Em3)
8.2. Se não, quais os motivos?	“Não me sinto ligada aos dias tradições portuguesas. Apenas festejo o Natal.” (Ef1) “Não respondeu.” (Ef2); “Não respondeu.” (Ef3); “Aqui fico mais alienado do espírito festivo destas tradições.” (Em1); “Porque não há o ambiente certo para estes festejos.” (Em2); “Não respondeu.” (Em3)
9. Com que regularidade se desloca a Portugal e em que circunstâncias?	“3 vezes por ano. Em férias.” (Ef1) “3 ou 4 vezes por ano. Para ver a família.” (Ef2) “2 vezes por ano em férias.” (Ef3) “Cada vez com menos frequência. Ultimamente, 3 vezes por ano em férias.” (Em1)

	<p>“1 vez por ano. Em férias.” (Em2)</p> <p>“2 ou 3 vezes por ano.” (Em3)</p>
C1. Aspirações e desejos	
1. Que aspirações tem para o futuro?	<p>“Progredir profissionalmente e regressar a Portugal a médio prazo.” (Ef1)</p> <p>“Ficar em Inglaterra definitivamente. Trabalhar cá e fazer vida aqui.” (Ef2)</p> <p>“Continuar a viver na Inglaterra mas mantendo sempre laços estreitos com Portugal.” (Ef3)</p> <p>“ Não respondeu” (Em1)</p> <p>“Progredir profissionalmente em Inglaterra. E evoluir a nível pessoal.” (Em2)</p> <p>“Devo ficar por Inglaterra, mas contrariado. Se tivesse oportunidades de emprego em Portugal e que me desse oportunidade de ter uma vida autónoma, iria para Portugal. Devo continuar a trabalhar aqui e evoluir profissionalmente.” (Em3)</p>
2. Durante quanto tempo pensa residir em Inglaterra?	<p>“Mais 2 anos.” (Ef1)</p> <p>“Definitivamente.” (Ef2)</p> <p>“Indefinidamente.” (Ef3).</p> <p>“Não sei.” (Em1)</p> <p>“Quero ficar cá mais alguns anos, mas não para sempre. Iria para Portugal se o país proporcionasse um bom futuro.” (Em2)</p> <p>“Não sei.” (Em3)</p>
3. Pensa regressar a Portugal ou ir para outro país?	<p>“Sim.” (Ef1)</p> <p>“Não.” (Ef2)</p> <p>“ É uma possibilidade quando atingir a idade da reforma.” (Ef3)</p> <p>“Sim, penso.” (Em1)</p> <p>“Sim.” (Em2)</p> <p>“Sim, para Portugal quando tiver uma oportunidade profissional ou quando estiver reformado.” (Em3)</p>
4. Como vê o futuro da sua	<p>“Continuar a crescer nos próximos 2 anos. O número irá estabilizar após a saída do Reino</p>

<p>comunidade em Inglaterra?</p>	<p>Unido na União Europeia” (Ef1).</p> <p>“Sinto-me parte da comunidade de estrangeiros em Inglaterra. Acho que não vai haver mudanças significativas no futuro relativamente aos estrangeiros. Contudo estou um pouco apreensiva” (Ef2).</p> <p>“Eu prevejo que a comunidade portuguesa irá desenvolver-se qualitativamente devido à influência e presença desta nova geração de emigrantes académicos e profissionais, e com os nossos luso-descendentes a se integrarem cada vez mais no tecido da sociedade de acolhimento” (Ef3).</p> <p>“Atualmente um pouco apreensiva devido à recente situação política e económica do país” (Em1).</p> <p>“Não sei bem. Com o <i>Brexit</i> é difícil de prever” (Em2).</p> <p>“Acho que os portugueses têm futuro aqui. A emigração portuguesa vai continuar, talvez menos, mas vai ter futuro. Depende de nós, da nossa facilidade em nos integrarmos e da vontade de nos desenvolver e aprender” (Em3).</p>
----------------------------------	--